



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ICI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CAROLINA DE SOUZA SANTANA MAGALHÃES

SELEÇÃO DE COLEÇÕES DE LIVROS DIGITAIS
NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS

Salvador

2013

CAROLINA DE SOUZA SANTANA MAGALHÃES

**SELEÇÃO DE COLEÇÕES DE LIVROS DIGITAIS
NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Suely Moraes Ceravolo

Salvador

2013

Magalhães, Carolina de Souza Santana
M188 Seleção de coleções de livros digitais nas universidades públicas
brasileiras / Carolina de Souza Santana Magalhães. Salvador, 2012.
160 f. ; il. 29 cm x 21 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-
Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação,
Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Suely Ceravolo

1. Desenvolvimento de coleções 2. Livros eletrônicos 3. Livros digitais
4. Políticas de seleção I. Ceravolo, Suely II. Universidade Federal da Bahia
III. Título

CDD – 025.2

FOLHA DE APROVAÇÃO

CAROLINA DE SOUZA SANTANA MAGALHÃES

Coleções de livros eletrônicos nas universidades públicas brasileiras

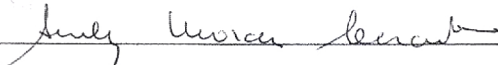
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Nome: Profa. Dra. Suely Moraes Ceravolo (orientadora)

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Titulação: Doutora em Ciências da Comunicação

Assinatura:  _____

Nome: Profa. Dra. Nanci Elizabeth Oddone

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Titulação: Doutora em Ciência da Informação

Assinatura:  _____

Nome: Profa. Dra. Ana Paula Villa Lobos

Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Titulação: Doutora em Educação

Assinatura:  _____

Apoio: CNPq

Data: 29/08/2013

*“Descoberta consiste não
em procurar novas paragens, mas
em ter novos olhos”*

(Marcel Proust)

*Dedico esse trabalho a meu filho **Gabriel** para
que seja uma inspiração na sua vida
acadêmica e profissional.*

*Ao meu sobrinho **Mahamuni** como um exemplo de
que persistência e força de vontade fazem
muita diferença em nossa vida.*

AGRADECIMENTOS

A meu filho *Gabriel* sempre presente e torcendo pelo sucesso do resultado dos meus esforços, seu carinho, sua presença dá um sentido todo especial a minha vida, amor sem palavras...

A meus pais amados *Bárbara e Rubem* são para mim exemplos de bondade, dedicação e força, obrigada pela constante presença em nossas vidas, sempre acreditando que tudo vai dar certo.

A minha orientadora *Prof^a Suely Ceravolo*, nossa parceria foi além de uma orientação, agradeço pelo cuidado, comprometimento, competência e por simplesmente acreditar nessa proposta de trabalho, aprendi muito com você! Obrigada Suely!

A *Prof.^a Nanci Oddone* a quem atribuo inspiração pelos primeiros escritos do projeto e também por colaborar nessa pesquisa analisando o instrumento de coleta de dados. Obrigada Nanci!

Aos meus queridos colegas do mestrado turma 2011 especialmente aqueles com quem convivi fora da sala de aula: *Cris, Sônia, Cátia, Andréa e Rita* obrigada pelos momentos em que dividimos todas as nossas dúvidas, anseios e alegrias.

Ao colega *José Carlos Sales (Zeca)*, uma grata surpresa no final do período da dissertação, obrigada por emprestar o seu olhar crítico de leitor e escritor a esse trabalho.

A amiga *Mariângela Nakane* pelos agradáveis momentos de convivência no trabalho em que compartilhamos ideias, dúvidas, desejos e até interpretamos nossos sonhos possíveis e surreais!

Aos professores que ministraram disciplinas tão importantes para o aprendizado da Ciência da Informação *Prof^a Dr^a Henriette Gomes* e *Prof^a Dr^a Aina Varela* pelo aprendizado sobre a Epistemologia em Ciência da Informação, ao *Prof. Dr. Rubens Ribeiro* pela disciplina Metodologia e a *Prof^a Dr^a Jussara Freire* pelos excelentes comentários a pesquisa durante a disciplina Seminários Avançados.

A prof^a *Simone Weitzel* (Unirio) pela presteza e atenção ao ser consultada sobre sua visão em relação às mudanças no desenvolvimento de coleções com a inserção dos *eBooks* nas bibliotecas.

A equipe do Núcleo de Documentação do SENAI (NDI-Dendezeiros): *Giselle, Adriana, Cristiano e Mayne*, pela parceria e amizade que construímos no dia-a-dia, obrigada pelo comprometimento e profissionalismo, vocês são realmente muito especiais.

Ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) representado pelas minhas lideranças *Patrícia Evangelista e Jair Santiago*, obrigada pelo apoio e incentivo.

Aos profissionais: Jucélia Santos (diretora do sistema de bibliotecas UFBA), a Urânia (bibliotecária ICI), a Maria Luisa Laborda (departamento de desenvolvimento de coleções da UFBA) a *Eduardo Neves* (Gerente de vendas da Dotlib) e *Daniel Krasucki* (livreiro).

A bibliotecária Márcia Medeiros (Museu Paulista), a Prof^a Guilhermina Terra (UFMT) e Prof^a Cristina Ortega (UFMG) agradeço pelos comentários ao questionário pré-teste.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro a essa pesquisa.

As bibliotecárias das instituições que participaram da pesquisa dedicando um pouco do seu tempo para responder ao questionário.

Enfim a Deus e meu anjo da guarda! Obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa foca a formação de coleções de livros digitais nas bibliotecas universitárias públicas do Brasil. Essa recente tipologia de livros parece impor elementos novos que devem ser considerados ao se planejar sua introdução num acervo. Esses novos elementos abarcam uma gama de questões que interferem não só na cadeia das operações de organização, tratamento e recuperação da informação, mas, se situam em fases anteriores a começar pela seleção e aquisição das coleções digitais. Toma-se como universo de investigação as bibliotecas universitárias públicas brasileiras por serem organismos que, impulsionados pelo avanço dos recursos tecnológicos, necessitam criar um ambiente inovador para o desenvolvimento de pesquisas proporcionando aos usuários novas coleções e facilidades de acesso o que nos leva a analisá-las com o objetivo de elucidar variáveis presentes nesse processo. Questiona-se como e em que bases (políticas e ou diretrizes) realizam-se a seleção das coleções de livros digitais adquiridos pelas universidades públicas do Brasil para alicerçar essas escolhas. Com isso, o objetivo da pesquisa é averiguar os parâmetros de seleção dos livros eletrônicos para inserção nas coleções das bibliotecas universitárias públicas, se as políticas contemplam os recursos digitais para a formação dessas coleções. A pesquisa pode ser classificada como descritiva, com uma abordagem qualitativa e quantitativa. A técnica de coleta de dados que melhor se adequou a proposta foi o método *survey*, utilizando como instrumento de coleta de dados o questionário estruturado via *web* e o mapeamento nos portais das Universidades. A partir do referencial teórico levantado verificou-se que o mercado de livros digitais no Brasil está em franca expansão, porém a oferta de livros técnico-científicos em português que suprem as necessidades das bibliotecas universitárias, ainda é restrita. A partir da análise dos dados constatou-se que, a maior parte das universidades públicas federais, disponibilizam coleções de livros digitais em duas modalidades: assinatura e acesso perpétuo, cujo conteúdo é selecionado parcialmente pelas universidades. Esses livros digitais são disponibilizados nas plataformas dos editores ou agregadores/distribuidores de conteúdo, que são também responsáveis pelo acesso, armazenamento e controle dos direitos autorais, ainda que, em alguns casos, a custódia dos livros seja da universidade. Houve uma simetria no resultado referente à política de desenvolvimento de coleções, metade declarou que o acervo de livros eletrônicos atende a política e a outra metade que atende parcialmente.

Palavras-chave: Desenvolvimento de coleções. Livro digital. Livro eletrônico. *ebook*. Bibliotecas universitárias. Políticas de seleção.

ABSTRACT

This research focuses on the formation of collections of digital books in university public libraries of Brazil. This recent book's typology seems to impose new elements that should be considered when planning its introduction in collections. These new elements cover a range of issues that affect not only the chain of the organization operation, processing and retrieval of information, but it lies at the earlier stages starting with the selection and acquisition of digital collections. Take as the universe of research the Brazilian's university public libraries that driven by the advancement of technological resources, needs to create an innovative environment for the development of research providing for users new collections and access facilities which leads us to analyze them in order to elucidate the variables in the process. Wonders how and on what basis (politics and guidelines) are held selection of collections of digital books purchased by public universities in Brazil to underpin these choices. Thus, the aim of the research is to ascertain the parameters selection of electronic books for inclusion in the public collections of university libraries, if it policies includes digital resources for the formation of these collections. The research can be classified as descriptive in a qualitative and quantitative approach. The technique of data collection that best suited the proposal was the survey method, using as an instrument of data collection structured questionnaire via web portals and mapping in the Universities. From the theoretical referential was verified that the digital book market in Brazil is booming, but the provision of technical and scientific books in Portuguese to serve the needs of academic libraries, is still limited. From the data analysis it was found that most federal public universities, offer collections of digital books in two ways: subscription and perpetual access, whose contents are partially selected by the universities. These books are available in digital platforms of publishers or aggregators / distributors of content, which are also responsible for the access, storage and control of copyrights, although in some cases, the custody of the books is in the university. There was a symmetry in the results for the collection development policy, half stated that the collection of electronic books meets policy and the other half backorders.

Keywords: Collection development. Digital book. Electronic book. ebook. University libraries. Selection's policies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Esboço do dispositivo Memex	22
Figura 02	Processo de edição	32
Figura 03	Plataforma de acesso aos livros digitais da UFBA – Provedor Dotlib	35
Figura 04	Visualização do conteúdo do livro na plataforma da Dotlib	36
Figura 05	Plataforma de acesso às coleções de livros digitais da editora Pearson	39
Figura 06	Plataforma de acesso às coleções de livros digitais da Ebsco	40
Figura 07	Portal de livros digitais do SciELO Books	43
Figura 08	Visualização dos livros digitais no SciELO Books	44
Figura 09	Portal da Cultura acadêmica	45
Figura 10	Processo de desenvolvimento de coleções	51

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Oferta de <i>ebooks</i> em português no mercado brasileiro	31
Gráfico 02	Estatística de uso da coleção de livros digitais da UFBA	37
Gráfico 03	Quantitativo de universidades por categoria administrativa	75
Gráfico 04	Percentual de crescimento das coleções de livros eletrônicos a partir do mapeamento nos portais das universidades	76
Gráfico 05	Coleções de livros digitais por região geográfica	77
Gráfico 06	Concentração de livros digitais entre universidades públicas por categoria administrativa e região geográfica	77
Gráfico 07	Percentual de participação das bibliotecas universitárias na pesquisa	84
Gráfico 08	Percentual de participação das bibliotecas universitárias na pesquisa por categoria administrativa	86
Gráfico 09	Percentual de bibliotecas universitárias que tem políticas de desenvolvimento de coleções	87
Gráfico 10	Período de elaboração as políticas de desenvolvimento de coleções	88
Gráfico 11	Profissionais que participaram na elaboração da política de desenvolvimento de coleções	89
Gráfico 12	Abrangência dos recursos de informação contemplados na política	90
Gráfico 13	Bibliotecas universitárias com coleções de livros digitais	91
Gráfico 14	Critérios de seleção das coleções de livros digitais	92
Gráfico 15	Coleções de livros digitais por área de conhecimento	93
Gráfico 16	Percentual de bibliotecas que realizam estudo de usuário	94
Gráfico 17	Percentual de instituições que tiveram dificuldade para identificar coleções de livros digitais nas áreas de conhecimento da universidade	96
Gráfico 18	Percentual de títulos de livros digitais que foram selecionados	97
Gráfico 19	Critérios para seleção dos títulos de livros digitais	98
Gráfico 20	Processo de aquisição das universidades públicas	99
Gráfico 21	Agregadores e/ou provedores de conteúdo que prestam serviço nas universidades públicas	99

LISTA DE GRÁFICOS (continuação)

Gráfico 22	Período em que os livros eletrônicos foram introduzidos nas coleções das universidades públicas	101
Gráfico 23	Idiomas em que são adquiridas as coleções de livros digitais	102
Gráfico 24	Modalidade de aquisição das coleções de livros digitais	102
Gráfico 25	Característica das coleções de livros digitais adquiridas através de assinatura	102
Gráfico 26	Características das coleções de livros digitais adquiridas com acesso perpétuo	103
Gráfico 27	Percentual de investimento em livros digitais em relação ao orçamento previsto para compra de acervo	105
Gráfico 28	Instrumentos de medição das coleções de livros digitais	106
Gráfico 29	Periodicidade de envio das estatísticas pelos fornecedores	107
Gráfico 30	Dados que constam nas estatísticas de uso das coleções de livros eletrônicos enviadas pelo fornecedor ou elaboradas pela biblioteca	106
Gráfico 31	Percentual de instituições que registram os livros digitais no sistema de gestão	107
Gráfico 32	Percentual de coleções de livros digitais que atendem a política de desenvolvimento de coleções	109
Gráfico 33	Estratégias de divulgação das coleções de livros digitais	110
Gráfico 34	Infraestrutura para acesso as coleções de livros digitais	110
Gráfico 35	Introdução de leitores de livros eletrônicos nas bibliotecas universitárias	111
Gráfico 36	Opinião dos bibliotecários sobre a inserção dos livros digitais nas coleções	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Editores de livros digitais identificados no Portal Capes	41
Quadro 02	Conceitos de seleção	49
Quadro 03	Estrutura do questionário pré-teste	70
Quadro 04	Estrutura do questionário final (surveymonkey)	73
Quadro 05	Relação das universidades públicas com coleções de livros digitais	79
Quadro 06	Divulgação dos livros digitais nos sites das universidades	80
Quadro 07	Matriz de coleta de dados a partir do mapeamento nos sites das universidades	82
Quadro 08	Universidades que responderam a pesquisa	85
Quadro 09	Opinião dos profissionais da informação sobre a introdução dos livros digitais nas bibliotecas universitárias	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Cargos dos respondentes	86
Tabela 02	Coleções de livros digitais e categoria administrativa das universidades públicas	91
Tabela 03	Quantitativo das editoras e áreas de conhecimento	96
Tabela 04	Comparativo entre as coleções de livros digitais adquiridas por acesso perpétuo e adquiridas por assinatura	104

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	PERCURSO DA PESQUISA	18
2.1	PROBLEMATIZAÇÃO.....	18
2.2	OBJETIVO GERAL.....	20
2.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	20
3	O LIVRO DIGITAL	21
3.1	O LIVRO ELETRÔNICO <i>versus</i> LIVRO DIGITAL: CONCEPÇÕES DIFERENCIADAS?.....	21
3.2	CONVERGÊNCIA DO IMPRESSO PARA O DIGITAL.....	25
3.3	O LIVRO DIGITAL NO BRASIL.....	29
3.4	PLATAFORMAS DE ACESSO AS COLEÇÕES DE LIVROS DIGITAIS.....	34
3.4.1	Dotlib	34
3.4.2	Pearson	38
3.4.3	Ebsco	40
3.4.4	Portal Capes	41
3.5	INICIATIVAS DE ACESSO ABERTO A COLEÇÕES DE LIVROS DIGITAIS.....	42
4	GESTÃO DE COLEÇÕES	47
4.1	DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES.....	47
4.1.2	Políticas de seleção de coleções	52
4.2	RECURSOS DIGITAIS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS.....	54
4.3	AS COLEÇÕES DIGITAIS.....	60
4.3.1	Seleção de coleções de livros digitais: a custódia e o acesso	63
5	METODOLOGIA	67
5.1	DELINEAMENTO DA AMOSTRA.....	68
5.2	TÉCNICA DE COLETA DE DADOS.....	69
5.2.1	Pré-teste	72
5.2.2	Questionário survey	73
6	RESULTADOS	75
7	DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS	114
8	CONCLUSÃO	122
	REFERÊNCIAS	126
	APÊNDICES	135

1 INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos e a virtualização da informação tem sido um fator motivador para o crescimento da literatura sobre o futuro das bibliotecas universitárias (DRABENSTOTT; BURMAN, 1997; FUJITA, 2005; CUNHA, 2010; COSTA, 2012). Como organismos que tem um importante papel na sociedade, intermediando o acesso à informação de acordo com as demandas e necessidades dos seus usuários, as bibliotecas universitárias são impulsionadas a integrar os recursos digitais aos seus acervos físicos tornando-se bibliotecas híbridas. O livro digital é um desses recursos que demandam uma complexidade de processos situados em fases anteriores a sua disponibilização em rede a começar pela seleção e aquisição das coleções digitais.

No Brasil algumas pesquisas têm sido realizadas com o objetivo de explorar esse tema. Um perfil geral dos conteúdos tende a abordar a evolução e impacto do suporte (BENÍCIO, 2005; CARVALHO, 2012; ROSETTO, 2010; DZIEKNIAK et al, 2010), aos aspectos relacionados à leitura (BUFREM e SORRIBAS, 2009; VELASCO, 2008) e o livro como negócio (ALMEIDA, 2012; PROCÓPIO, 2010). Por sua vez, encontram-se muitas notícias e uma forte divulgação na mídia sobre esse suporte.

A inserção dessa nova tipologia de livros na sociedade tem provocado mudanças na cadeia produtiva do livro e também na forma de leitura. Surge aliada com questões mercadológicas que causam muitos questionamentos principalmente sobre os modelos de negócios que tem sido ofertado para as bibliotecas universitárias formarem suas coleções de livros digitais. O capítulo dois apresenta a problemática que motivou essa pesquisa seguida dos objetivos gerais e específicos. No capítulo três são abordadas as concepções que se encontram na literatura a respeito do livro eletrônico e livro digital, a convergência do impresso para o digital, a produção de livros eletrônicos pelas editoras comerciais, os modelos de negócios ofertados através das plataformas dos provedores de conteúdo e as iniciativas de acesso aberto aos livros digitais pelas editoras universitárias brasileiras.

Outro aspecto a ser tratado é sobre o desenvolvimento de coleções, a coleção digital passa a ser um serviço que integra recursos heterogêneos e distribuídos em rede, e as bibliotecas não detêm mais a sua posse e os recursos que adquirem, mas, em muitos casos, apenas uma licença de acesso (TAMMARO e SALARELLI, 2008, p.170). Independente de formar um acervo físico ou um serviço, a seleção dos itens que irão compor uma coleção é um ponto fundamental para que as bibliotecas atinjam seu principal objetivo em satisfazer as necessidades informacionais dos seus usuários (WEITZEL, 2000; EVANS; SAPONARO,

2005; VERGUEIRO, 2010; CUNHA, 2011). Nesse cenário em que o acesso ao conteúdo se sobrepõe ao suporte, o livro digital parece se impor como mais um recurso de informação reunido às coleções de livros físicos. Para Cunha (2011) as bibliotecas continuarão a selecionar e adquirir conteúdo digital para atender as necessidades dos seus usuários como faziam na época do livro.

O capítulo quatro objetiva discutir a gestão das coleções nas bibliotecas universitárias públicas considerando o avanço da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC). Para compreender o impacto das coleções digitais em torno do processo de desenvolvimento de coleções levanta-se o referencial teórico que estabelece o alicerce conceitual sobre esse tema, incluindo as políticas de desenvolvimento de coleções. Segue-se apresentado um histórico das iniciativas de introdução dos recursos digitais nas bibliotecas universitárias, e por fim, discute-se as questões em torno da seleção para formação de coleções de livros digitais em um momento em que as possibilidades de acesso a grandes volumes de recursos digitais parece se sobrepor a atividade de seleção.

O capítulo cinco apresenta a estratégia metodológica para o alcance dos objetivos propostos. A técnica de coleta de dados que melhor se adequou foi o questionário aplicado através do método *survey*, realizou-se também um mapeamento nos portais das universidades com vistas a identificar as coleções de livros digitais. A abordagem adotada foi à quantitativa e qualitativa, a pesquisa pode ser caracterizada como descritiva.

No capítulo seis são apresentados os resultados da coleta de dados, no capítulo sete discute-se a problemática apresentada fazendo relação com o referencial teórico. O capítulo oito apresenta a conclusão dessa pesquisa, apontado possíveis caminhos para novas investigações.

2 O PERCURSO DA PESQUISA

Apresentam-se os fatores que motivaram essa pesquisa justificando o que hoje é considerado um fenômeno no mundo dos livros: o livro digital. Para tanto, circunscrevi a pesquisa as bibliotecas universitárias públicas brasileiras uma vez que, esse universo acadêmico, não prescinde desse novo suporte para acompanhar o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, prova disso são as coleções de livros digitais que atualmente encontram-se disponíveis nos portais dessas universidades. A questão é a forma como essas coleções são inseridas, os critérios, políticas ou parâmetros adotados para seleção. Para tanto, levanta-se um cenário e problematização seguida dos objetivos gerais e específicos.

2.1 PROBLEMATIZAÇÃO

A atividade de formação e desenvolvimento de coleções requer do profissional bibliotecário o conhecimento do seu público alvo assim como os objetivos e metas institucionais. Para que o bibliotecário possa efetivamente contribuir com esse processo, precisa lançar mão de recursos que são oriundos da atividade de gerenciamento da biblioteca a exemplo da elaboração de políticas, seleção, indicadores de uso do acervo e avaliação da coleção entre outros fatores que podem interferir ou motivar a formação e desenvolvimento de uma coleção.

O grande volume de recursos digitais advindos do avanço das tecnologias de informação propiciou uma diversidade de suportes de informação que impulsionam as bibliotecas a inserirem em suas coleções recursos digitais, porém, nem sempre esses recursos estão descritos na política de desenvolvimento de coleções ou então são de fato selecionados.

As Bibliotecas Universitárias que tradicionalmente apoiam as atividades de investigação proporcionando acesso à informação científica para a comunidade acadêmica tem sido impulsionadas a ofertar novos serviços mediante o crescimento dos recursos eletrônicos. Contudo, frente a esse novo cenário atual há uma questão de fundo que deve ser averiguada uma vez que interfere na conjuntura geral das bibliotecas universitárias na medida em que a produção editorial de livros digitais técnico-científicos, por parte das editoras, aponta para uma tendência de crescimento. Por sua vez, os editores estão conscientes que as bibliotecas são as maiores consumidoras de literatura científica por isso reorientam seus

modelos de negócios de tal maneira que, praticamente, todas têm desenhado sua própria plataforma para oferecer produtos digitais (AREVOLO, 2011).

A questão que se quer problematizar deriva-se do atual cenário em que a oferta de livros digitais para as bibliotecas universitárias está vinculada, em sua grande maioria, a “pacotes” com títulos que podem interessar ou não a instituição – e mais, aos usuários -, além do que ainda é escassa. Não há uma diversificação nos modelos de venda de livros digitais que permita a livre concorrência mercadológica, é provável também que exista duplicidade de títulos em razão dos livros digitais estarem nas plataformas de acesso dos editores ou provedores de conteúdo, as quais não são interoperáveis. Pois se originam de diferentes proprietários, conseqüentemente, uma vez disponibilizadas nos portais das Instituições, o usuário deverá realizar buscas em várias bases de dados de livros digitais para uma única pesquisa gerando uma série de perguntas sobre a organização e recuperação da informação.

A inserção do livro digital em bibliotecas universitárias necessita de critérios que devem ser considerados no momento da seleção dos títulos que serão incorporados à coleção. Mas, nesse ponto se apresenta mais um problema: algumas bibliotecas universitárias não tem políticas de desenvolvimento de coleções reconhecidas pela direção, isso não as impedem de selecionar e formar coleções, porém, sem esse instrumento que respalda as decisões relacionadas à coleção estabelecendo qual informação é relevante ou não para atender aos interesses dos usuários, pode ficar ainda mais complexo estabelecer critérios e diretrizes especialmente no que se refere às coleções digitais. Uma vez inserida a coleção de livros digitais, os indicadores de uso são contabilizados pelos fornecedores o que pode ocasionar uma tendência no favorecimento do uso em função dos interesses das editoras, que são entidades comerciais, ao passo que a universidade tem o compromisso com a difusão do conhecimento, situação que redundará em um choque de interesses entre a universidade e as editoras.

Portanto, a necessidade de que as bibliotecas universitárias se alinhem e ofereçam os melhores insumos de pesquisa; o choque de interesses entre a área acadêmica e os editores; a ausência de políticas de aquisição e instrumentos de avaliação que, em tese, deveriam ser aplicados para ponderar e equilibrar os recursos informacionais - interferem não só na cadeia das operações de organização, tratamento e recuperação da informação, mas, refletem-se em fases anteriores a começar pela seleção e aquisição das coleções de livros digitais.

Essas questões estão incorporadas na pergunta (problema) que nos orientou no desenvolvimento da pesquisa: *Como e em que bases (políticas e ou diretrizes) está sendo*

realizada a seleção das coleções de livros digitais adquiridas pelas universidades públicas do Brasil para alicerçar essas escolhas?

2.2 OBJETIVO GERAL

Identificar os parâmetros/políticas de seleção adotadas pelas bibliotecas universitárias para inserção dos livros eletrônicos em suas coleções.

2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 01) Identificar se as políticas de desenvolvimento de coleções contemplam os recursos digitais
- 02) Identificar as modalidades de aquisição (assinatura ou acesso perpétuo) e características de acesso.
- 03) Verificar se existem instrumentos para medir o uso da coleção.
- 04) Identificar os meios de divulgação e infraestrutura para acesso as coleções.

3 O LIVRO DIGITAL

Esse capítulo tem como objetivo apresentar um painel de variáveis que se relacionam ao abordar a questão do mercado de produção e o de aquisição de livros digitais em se tratando de bibliotecas universitárias brasileiras, uma vez que a compreensão desse processo operacional pode esclarecer como tais unidades de informação estão formando suas coleções. Considera-se de partida que o livro é o insumo básico e consolidado para a difusão de conhecimento e, tradicionalmente, o principal artefato para a constituição de acervos bibliográficos desde o surgimento da imprensa. Ocorre que livros digitais tornaram-se um tema em progressão no Brasil nos últimos 10 anos. Ora são as editoras propagandeando os lançamentos de novos produtos, ora a divulgação de simpósios e congressos para discutir os impactos decorrentes no mercado editorial, sem contar com as notícias em veículos eletrônicos em páginas na Internet, *blogs* e listas de discussão entre outros recursos de disseminação, a exemplo do serviço de alerta do *google* que, no rastro da palavra-chave “livro eletrônico”, “livro digital” e “*eBook*” resulta em informes diários.

As questões que são abordadas tratam das concepções que se encontram na literatura a respeito do livro eletrônico e livro digital, a convergência do impresso para o digital, a produção de livros digitais pelas editoras comerciais assim como os novos modelos de negócios ofertados e as iniciativas das editoras universitárias brasileiras que publicam livros digitais de acesso aberto.

3.1 LIVRO ELETRÔNICO *versus* LIVRO DIGITAL: CONCEPCÕES DIFERENCIADAS?

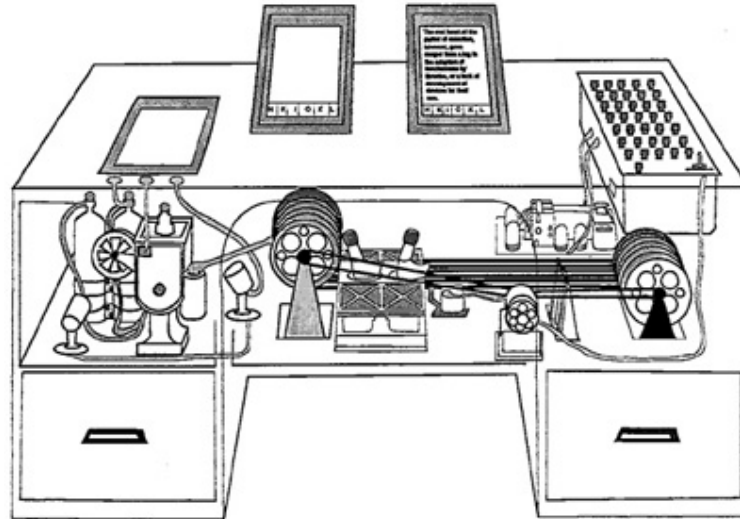
Vale notar que desde 1971 com o projeto Gutenberg¹ fundado por Michael Hart, há iniciativas para produção de livros digitais. Nesse projeto eram digitalizadas as publicações que estavam em domínio público. Isso dá indícios de que o livro digital não é algo novo, pois, há décadas se comenta sobre a existência de arquivo digital em diversos formatos PDF, HTML, RTF.

Ocorre que, com o avanço das tecnologias de informação e comunicação (TIC), surgiram dispositivos móveis exclusivamente dedicados a leitura (*e-readers*) que armazenam livros eletrônicos (*eBooks*) ou digitais. O primeiro protótipo de uma máquina de leitura foi

¹ <http://www.gutenberg.org> – oferece mais de 100 mil *ebooks* gratuitos em formatos *e-pub* e para aparelhos da marca *Kindle*. Todos os *eBooks* foram previamente publicados por editoras de procedência grande parte já está em domínio público.

idealizado por Vannevar Bush em 1945. Em seu ensaio *As we may think* descreveu teoricamente uma máquina que chamou “Memex”, com o objetivo de melhorar a memória humana (PROCÓPIO, 2010, p.23):

Figura 01 – Esboço do dispositivo Memex



Fonte: PROCÓPIO, 2010

A proposta do Memex era ser um dispositivo de armazenamento e recuperação usando microfilme. Seria composto de uma mesa com a visualização de telas, um teclado, botões e alavancas de seleção. As informações armazenadas no microfilme poderiam ser recuperadas rapidamente e projetada em uma tela. A ideia era, assim como a mente humana forma memórias através de associações, o usuário do Memex seria capaz de fazer links entre documentos. Esta vinculação associativa era muito semelhante ao que atualmente é conhecido como hipertexto (IBIBLIO, 2013). A ideia do hipertexto foi aperfeiçoada mais tarde por Ted Nelson e creditado a Bush a sua principal influência.

Segundo Procópio (2010) os principais *e-readers* que abriram espaço para os mais modernos foram:

- **Rocket ebook**, *e-reader* pioneiro, desenvolvido pela *Publisher NuoMedia Inc.* em 1998;
- **SoftBook Reader**, com *LCD grayscale*, colorido e sensível ao toque, desenvolvido pela *Publisher SoftBook Press*, em 1998;
- **MyFriend**, protótipo de um *e-reader* apresentado pela empresa italiana *IPM-NET*;
- **LIBRIé**, da *Sony*, antecessor dos atuais modelos *Sony Readers*;
- **CyBoo**, desenvolvido pela francesa *Cytale*

- **Hiebook**, desenvolvido com tecnologia XML [base do formato ePub] pela empresa Korea *ebook*;
- **ebookMan**, da empresa Franklin;
- **ReB 1100**, que foi comercializado e distribuído pela RCA, nos EUA [baseado no projeto Rocket *ebook*]
- **Sigma Book**, protótipo de *e-reader* desenvolvido pela Panasonic;
- **SD-Book**, projeto desenvolvido pela Toshiba;
- **MEMEX**, conceito de máquina de leitura idealizado por Vannervar Bush, em 1945;
- **Dynabook**, conceito de máquina de leitura idealizado por Alan Kay para a Sony. (1968)

O avanço de todas essas tecnologias gerou diversos modelos e formatos de equipamentos leitores de livros digitais existentes no mercado atualmente (*Kindle* da Amazon, o *Ipad* da Apple, entre outros).

Cada *e-reader* contém um tipo de aplicativo (*software*) diferente para leitura conforme a estratégia mercadológica e tecnológica do seu fabricante. Os formatos de livros digitais podem ser *PDF*, *ePub*, *RTF*, *HTML*, *TXT*, entre outros. Essa diversidade de formatos não favorece a interoperabilidade². Entre os diversos formatos de arquivos para leitores de livros eletrônicos existentes, segundo Procópio (2010) o mais convergente - que se pode dizer padrão - é o *ePub* (*Electronic Publication*). O *ePub* é um arquivo produzido em *XHTML*, trata-se de um padrão internacional para *eBooks*, livre e aberto, organizado por um consórcio de empresas chamado IDPF – *International digital Publishing Forum*, formado por empresas como *Sony*, *Adobe*, *Microsoft*, entre outras (SIMPLÍSSIMO, 2013).

O livro digital também conhecido como livro eletrônico pode estar acessível em um leitor de livro eletrônico assim como em um computador portátil ou de mesa. Na tentativa de colaborar com a diferenciação entre o que é o livro eletrônico e o livro digital levantam-se a seguir algumas proposições encontradas na literatura.

Para Procópio (2010) livro eletrônico é qualquer livro formatado para ser lido nos computadores de mesa, de bolso ou ainda *e-readers*. Pode ser também uma versão eletrônica de um livro antes só existente em papel.

² A publicação panorama sobre a interoperabilidade no Brasil, publicada pelo governo brasileiro, que reúne Padrões de Interoperabilidade do governo eletrônico (e-PING) define interoperabilidade como: a habilidade de dois ou mais sistemas interagir e intercambiar dados, de acordo com um método definido, de forma a obter os resultados esperados. Disponível em: <<http://www.governoeletronico.gov.br/aco-es-e-projetos/e-ping-padroes-de-interoperabilidade/o-que-e-interoperabilidade>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

Há, por outro lado, pontos de vista que reforçam a idéia de que, uma vez executado um *download*, tem-se em mãos um livro eletrônico, que pode ser lido em qualquer computador comum ou equipamento eletrônico desenhado especificamente para ele:

Um livro eletrônico é qualquer forma de arquivo em formato digital que pode descarregar-se em dispositivos eletrônicos para sua posterior visualização. Trata-se de um arquivo digital que precisa de um elemento adicional para sua visualização, em dispositivo leitor, que deve conter um software adequado para a leitura do documento. Pode incluir elementos textuais, gráficos, sonoros e visuais integrados segundo o dispositivo de consulta: computador, *e-reader*, *tablet* ou outro. (CORDON-GARCIA, 2011, p.17, tradução nossa)

O que Cordón-Garcia considera e apresenta como conceito se assenta, contudo, no dispositivo, ou seja, no próprio equipamento idéia reforçada ou compartilhada por outro autor Sanz:

Os *eBooks* ou livros eletrônicos são textos eletrônicos que contém características e formatos especiais, que permitem sua leitura mediante software especializado. Os livros eletrônicos tem um aspecto de tela, uma tela que imita o livro e um livro que imita a tela. Com este termo se denomina tanto um novo dispositivo de leitura projetado para ler livros eletrônicos, com as obras em si mesmas e os programas que podem instalar tanto em computadores de mesa e portáteis, como em dispositivos especiais de bolso e que servem para a leitura destes livros digitais. (SANZ, 2007, p.2, tradução nossa)

Almeida (2012), mais recentemente define o livro digital como uma propriedade intelectual composta por diferentes componentes (*software*, dados, voz, imagem) e que não precisa ser necessariamente disponibilizada em mídia física para ser alienada ou fruída por meio de diferentes plataformas tecnológicas digitais.

Nota-se, que nas proposições acima a ênfase está no equipamento. Sendo assim, a percepção do livro digital como o eletrônico fixa-se na concepção de que sua existência depende necessariamente de um aparelho eletrônico para sua leitura, que pode ser um dispositivo móvel (*e-reader*, *tablets*, *ipad*), um computador portátil ou de mesa. O que parece estar aí desconsiderado é que ambos – livro digital e ou livro eletrônico – são arquivos digitais que podem ter diferentes formatos e também ser lidos em modelos de equipamentos eletrônicos modelados com arquiteturas diferenciadas.

O Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) sublinha a necessidade do equipamento eletrônico para concretizar a leitura, no entanto, procurou distinguir documento eletrônico e documento digital, como se pode ler no conceito que propõe:

Um documento eletrônico é acessível e interpretável por meio de um equipamento eletrônico (aparelho de videocassete, filmadora, computador), podendo ser registrado e codificado em forma analógica ou em dígitos binários. Já um documento digital é um documento eletrônico caracterizado pela codificação em dígitos binários e acessado por meio de sistema computacional. Assim, todo documento digital é eletrônico, mas nem todo documento eletrônico é digital. (CONARQ, 2013)

Acontece que a própria mídia ‘vende’ a idéia de que livro eletrônico é o aparelho de leitura, mas, ao contrário ele é o conteúdo, o que dá corpo e sentido a noção propriamente de *livro*. Tal como propõem Earp e Kornis é essencial distinguir um livro digital de uma ferramenta para leitura:

Um livro digital é apenas uma grande coleção estruturada de bits, que podem ser transportados em CDROM ou outros meio de armazenamento ou pela rede e que se destinam a ser vistos em alguma combinação de *hardware* e *software*, indo desde servidores de internet e computadores pessoais até as novas ferramentas de leitura de livros. (EARP e KORNIS, 2005, p.147)

Uma diferenciação entre o livro eletrônico e digital é apresentada por Oddone (2013):

Livros digitais são aqueles que estão disponíveis na web em versões *html*, *txt* ou *pdf*. Para lê-los é preciso dispor de um computador conectado à rede e um programa de navegação entre os quais estão Internet Explorer, Mozilla Firefox, Google Chrome, Apple Safari, Opera, entre outros. Livros eletrônicos são aqueles que estão disponíveis em versões *epub*, *mobi*, *azw* e *ios*, entre outras. Para lê-los é preciso localizar websites especializados, baixar arquivos com o conteúdo dos livros (ODDONE, 2013).

A partir dessas abordagens infere-se que a diferenciação entre o livro eletrônico e o digital está centrada no formato e na maneira de acesso. Ambos podem estar contidos em um suporte tecnológico, fixo ou móvel. O que muda é a forma de ler. No caso desta pesquisa, adotaremos a nomenclatura livro digital considerando que o estudo está centrado nos livros digitais disponibilizados nos portais das bibliotecas universitárias públicas brasileiras.

A tecnologia avança e um grande número de artefatos tecnológicos vem sendo criados como suportes para leitura desses conteúdos digitais. Sobre esse aspecto abordaremos a questão da evolução do livro impresso até o digital.

3.2 CONVERGÊNCIA DO LIVRO IMPRESSO AO DIGITAL

A literatura sobre a história do livro registra a substituição do rolo de papiro pelo códex de pergaminho, do pergaminho para o papel e com a invenção da imprensa a evolução do livro (BENÍCIO, 2005). Com isso a cópia manuscrita deixa de ser o único recurso disponível para assegurar a multiplicação e circulação dos textos.

Segundo Febvre e Martin (1992) por muito tempo os manuscritos continuaram a ser transcritos em pergaminho pelos estudantes e pelos copistas: “Rotina? É evidente, mas também desejo de usar um material sólido e testado para assegurar aos textos maiores possibilidades de duração”. Essas palavras remetem a questão da importância da preservação da informação quando se pensa em mudança de suportes, ainda que se deseje a transferência da informação para um suporte mais moderno é preciso que as garantias para a sua preservação estejam claras e comprovadas. Além dos copistas, os impressores resolveram reproduzir fielmente as características dos manuscritos como afirma Chartier:

O livro impresso continua muito dependente do manuscrito: imita-lhe as paginações, escrita, aparências, acima de tudo, exige-se que o acabamento do livro seja obra da mão do iluminador, que pinta letras iniciais adornadas ou historiadas e miniaturas; a mão do corretor ou *emendator*, que acrescenta sinais de pontuação, rubricas e títulos; a mão do leitor que inscreve na página notas e indicações marginais. (CHARTIER, 1994, p.186)

Deseja-se garantir a fidedignidade e valor da informação que ali está representada, afinal os manuscritos eram reconhecidamente o meio de difusão tradicional daquela época. Similar ao que ocorre com os livros digitais, não há ainda um formato padrão reconhecido e muitos disponíveis são a replica dos livros físicos.

Darnton (2010) afirma que houve quatro mudanças fundamentais na tecnologia da informação desde que os humanos aprenderam a falar. Por volta de 4000 a.C. os humanos aprenderam a escrever. Segundo historiadores a escrita foi o avanço tecnológico mais importante da humanidade. A segunda mudança tecnológica seria quando o códice³ substituiu o pergaminho, tornando-se crucial para a difusão do cristianismo. A página surgiu como unidade de percepção e os leitores se tornaram capazes de folhear um texto claramente articulado. O códice foi transformado pela invenção da impressão por tipos móveis no século XV, permitindo que o livro tivesse um alcance mais amplo entre os leitores ampliando o processo de democratização de modo a permitir o surgimento de um público de massa durante

³ Livros com páginas que são viradas, em oposição a rolos de papiro que são desenrolados.

a segunda metade do século XIX. E a quarta e grande mudança seria a comunicação eletrônica, a Internet na década de 1970, a *web* no início da década de 1990.

Comentando sobre essa velocidade das mudanças na tecnologia de informação Darnton faz a seguinte síntese:

Da escrita ao código foram 4.300 anos; do código aos tipos móveis, 1.150 anos; dos tipos móveis à internet, 524 anos; da internet para os buscadores, dezessete anos; dos buscadores ao algoritmo de relevância do *google*, sete anos; e quem pode imaginar o que está por vi no futuro próximo? (DARNTON, 2010, p.41)

A cultura impressa teve o seu momento de apogeu e continua a conviver com o digital. A convergência dos meios de comunicação e informação promovidos pelo avanço tecnológico envolve uma transformação tanto na forma de produzir, quanto na forma de consumi-los. Refere-se a um processo, não a um ponto final; não é algo que vai acontecer um dia – as pessoas, prontas ou não - já vivem a “cultura de convergência” (JENKIS, 2009).

A chamada “era da informação” tem relação com o conhecimento, a mobilidade, os fluxos de informação e a virtualidade. Le Coadic (2004) conceitua a informação como um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte. A Internet que é uma das mais importantes invenções do mundo atual permite o rompimento de barreiras geográficas, pressupondo a livre circulação da informação, paralelamente ocorreu o surgimento do suporte digital, das bibliotecas digitais e dos livros eletrônicos.

Sobre o texto digitalizado Levy (1996) afirma que o mesmo é fluido e reconfigurável, se organiza de um modo não linear, circulando no interior de redes locais ou mundiais das quais, cada participante é um autor e um editor potencial; esse texto diferencia-se do impresso clássico. Complementando essa diferenciação Frossard (2004, p.8) coloca que “a informação impressa é fixa e imutável, a informação digital é dinâmica e mutável. Parecem corresponder a lógica de dois mundos distintos, a sociedade industrial e a da informação”.

Para Levy (1999) o digital é o fundamento técnico do que ele chama de virtualidade que pode ser compreendida como a nova face da informação. No sentido filosófico, ainda segundo esse autor, o virtual é uma dimensão muito importante da realidade. A expressão “realidade virtual” muitas vezes é empregada para designar alguma coisa que deve ser real ou virtual, contudo, o virtual não se opõe ao real, mas sim, ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade.

Sobre a diferença entre o digital e o virtual Levy (1999) afirma que digitalizar uma informação consiste em traduzi-la em números. Segundo o autor quase todas as informações podem ser codificadas e expressas em linguagem binária, sob a forma de 0 e 1. Essas informações codificadas digitalmente podem ser transmitidas e copiadas quase indefinidamente. A partir dessas codificações técnicas o autor levanta a questão sobre se a digitalização pode ser considerada desmaterialização ou virtualização. O autor conclui que a codificação digital não é imaterial, mas ocupa menos espaço e pesa menos que o suporte papel, para isso precisa-se de menos energia para modificar ou falsear, além do que é mais fluida, mais volátil, não irreal e nem material mais *virtual*, e o computador é um operador de virtualização da informação. Essa virtualização proporciona o que ele chama de “desterritorialização”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular.

Esses conceitos apresentados por Levy fazem parte de um contexto maior que ele denomina de cibercultura:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de prática, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LEVY, 1999, p.17)

A atual sociedade consome informação e tecnologias que se multiplicam e modificam vertiginosamente interferindo nas práticas, atitudes e até valores dos indivíduos. Essa fusão de tecnologia e comportamento seria o ciberespaço. Especificamente no que concerne ao principal objeto dessa investigação que são as bibliotecas universitárias e o livro digital, não há como negar que as mudanças dos suportes informacionais deixem de afetá-las significativamente, porque são sistemas abertos e, portanto, suscetíveis às mudanças que ocorrem em seu meio.

O livro eletrônico representa para as bibliotecas universitárias uma forma de virtualização do principal artefato de desenvolvimento de coleções. A partir do momento que esse artefato passa a ser lido pelos operadores dessas virtualizações (*e-readers*, computadores portáteis e de mesa) há uma mudança na cultura do acesso e na forma de leitura, impelindo as bibliotecas universitárias a inovarem e aderirem a esse movimento de virtualização do livro.

Ocorre que os produtos tecnológicos parecem influenciar na forma de leitura transformando os leitores em usuários de tecnologia computacional e interativa (ALMEIDA, 2012). Na perspectiva do leitor Roger Chartier (1998) afirma que o livro digital é uma das formas, entre outras, da existência plural dos textos que afetam a relação com o saber. Para Frossard (2004) essa forma diferente de ler quebra a linearidade, cria um novo ritual de leitura com impactos na comunicação científica, educação, na forma de recuperação da informação e comunicação entre os homens.

Em relação ao desaparecimento do livro Eco (2010) afirma que há muito pouca coisa a dizer sobre o assunto. Para ler é preciso um suporte, esse suporte não pode ser apenas o computador, pois depende de eletricidade. Logo, o livro impresso se apresenta como uma ferramenta mais flexível. Ele ainda complementa dizendo que as variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos.

Portanto, da cultura do livro impresso para a digital várias mudanças significativas em relação à forma de compreender e utilizar o suporte livro ocorreram na sociedade, assim como o comportamento de quem consome essa informação digital ou virtual. O rápido desenvolvimento de produtos informacionais surge na esfera da produção e da troca mercantil originando às denominadas indústrias da informação, mas também o mercado da informação, o de serviços e produtos informacionais, todos com maior ou menor grau de informatização. É inegável que a informação se industrializa ao se informatizar cada vez mais (LE COADIC, 2004). Essa mudança afeta os setores envolvidos na cadeia produtiva do livro, principalmente o setor editorial, que vem tentando inovar e se adaptar a essa nova realidade de produção dos livros eletrônicos repensando seus produtos e processos.

3.3 O LIVRO ELETRÔNICO NO BRASIL

A revolução digital tem transformado o negócio editorial de uma forma profunda e irreversível. Essa mudança impacta na atividade editorial que segundo Oddone (1998) ao longo de sua trajetória tem se desenvolvido auxiliada pelas tecnologias, que transformam o pensamento humano em objetos, visando transportar ideias e saberes para além dos contextos que foram gerados, rompendo suas fronteiras e seus limites espaço-temporais.

Essa revolução implica em perspectivas que podem, também, ser interessantes e inovadoras para a cadeia produtiva do livro. Por isso, considera-se relevante conhecer como está o cenário de produção de livros digitais pelas editoras porque são elas que produzem o insumo necessário para a formação das coleções digitais que irão suprir a necessidade de

informação dos usuários das bibliotecas universitárias. Esse cenário é comentado a seguir abordando a produção de livros digitais no Brasil assim como os novos modelos de negócios em torno do artefato digital.

Um panorama sobre a utilização de livros digitais pela população brasileira é apresentado na terceira edição da pesquisa Retratos da leitura no Brasil (2011) organizada pelo Instituto Pró-Livro⁴, que introduziu os livros digitais com o objetivo de conhecer melhor o comportamento desse consumidor e leitor. São destaques dessa pesquisa: 25% dos entrevistados nunca ouviu falar, mas gostaria de conhecer melhor os livros digitais; a maior parte do público leitor de livros digitais está na faixa etária entre de 18 a 24 anos; a maioria desses leitores pertence à classe A, com nível superior completo; 47% concentram-se na região sudeste. Segundo esse estudo 82% dos leitores entrevistados nunca leu um livro eletrônico. Conclui-se que, ainda é restrito o uso e, principalmente, o acesso ao livro eletrônico no Brasil. Ao passo que nos Estados Unidos, comparativamente, e em razão do aumento do número de proprietários de computadores, *tablets* ou *eBooks* (das marcas *Kindle* ou *Nook* cresceram de 18% no final de 2011 para 33% no final de 2012), segundo estudo da *Pewinternet*⁵, há um movimento maior em direção a leitura realizada via *eBook*, ou seja, o aumento da leitura coincide com um aumento na posse de dispositivos de leitura.

Sobre os indicadores do mercado de livros eletrônicos no Brasil, o relatório 2011 da *The global eBook market*⁶ aponta que, no início de outubro de 2011, uma estimativa de 4000 títulos de *eBooks* estavam sendo comercializados em português; Grupos como a editora Abril investiram em educação com uma carteira de aplicativos para portais educacionais. Grandes editoras comerciais começaram a cultivar o nicho digital: a Saraiva com cerca de 600 títulos de *eBooks*; a Zahar com 400 títulos; a Campus Elsevier com 350 títulos. Outros varejistas atendem ao público em geral como a Livraria Saraiva e a Livraria Cultura, cada uma apresentando *eBooks* com uma seção dedicada em seus *sites* para promover dispositivos de leitura baseados em *ePub*. O relatório ainda sinaliza a existência de um consórcio de distribuidor de livros digitais - a DLD⁷ -, fundada em março 2010 por seis editoras brasileiras: Objetiva, Record, Sextante, Rocco, Planeta e L&PM com um modo de operação semelhante

⁴ O Instituto Pró- Livro – IPL é uma associação de caráter privado e sem fins lucrativos mantida com recursos constituídos, principalmente, por contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro.

⁵ *PewResearchCenter*. Disponível em , <http://libraries.pewinternet.org/2012/12/27/eBook-reading-jumps-print-book-reading-declines/>> Acesso em abr. de 2013

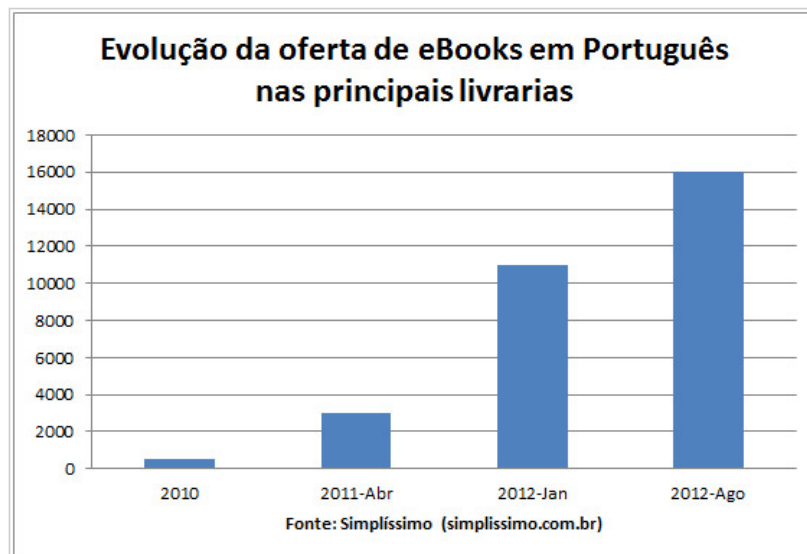
⁶ Estudo que apresenta o mercado global de *eBook*, condições atuais e projeções futuras. Fornece uma ampla pesquisa de dados sobre os mercados emergentes na Europa e em dois países do BRIC: Brasil e China.

⁷ Consórcio de distribuição de livros digitais. Disponível em <<http://www.dldweb.com.br/>>

ao da Libranda⁸ espanhola. A previsão é que em 2015 as vendas de *e-readers* cheguem a 1 (um) milhão de aparelhos por ano, mais de 8 milhões de *eBook* serão vendidos e as vendas digitais representarão 7% do mercado brasileiro de livros digitais.

Ainda que em níveis diferentes, as pesquisas realizadas pela editora Simplíssimo, responsável pelo *site* revolução *eBook* aponta uma evolução na produção de *eBooks* no Brasil. Expressando essa tendência no gráfico reproduzido abaixo:

Gráfico 01 – Oferta de *eBooks* em português no mercado brasileiro



Fonte: *site* da editora Simplíssimo (2013)

A pesquisa teve o objetivo de avaliar o ritmo de produção de eBooks no Brasil. Para tanto, foram pesquisados os eBooks publicamente oferecidos nos sites das três principais livrarias de eBooks em português a Amazon, Gato Sabido e Saraiva, no dias 02 e 03 de agosto de 2012.

O relatório anual da Câmara Brasileira do Livro (CBL) sinaliza que o mercado de produção de livros eletrônicos está em pleno desenvolvimento. As perspectivas que se abrem para os editores brasileiros apontam para a inevitável ascensão do livro digital. O segmento que crescerá mais significativamente nesse novo mercado será o de livros Científicos Técnicos e Profissionais (CTP). Segundo o mesmo relatório, nos EUA cerca de 60% das apostilas e livros didáticos das universidades já são encontrados no formato digital. A CBL recomenda aos editores tratar o negócio livro digital como uma unidade independente. Os

⁸ Serviço de distribuição de eBooks em todo o mundo. Disponível em <<http://www.libranda.com/index.html>>

custos variáveis (papel e impressão) podem ser substituídos por custos de manutenção, atualização e distribuição do conteúdo e promoção de marketing digital.

Na intenção de coletar outros indicadores sobre a produção de livro digital no Brasil, recorreu-se ao Relatório de Gestão da Biblioteca Nacional (BN) 2012, a fim de verificar a quantidade de livros digitais depositados e registrados através de leis. Uma das leis, a de nº 10.753 de 30/10/2003 da Política Nacional do Livro determina que o editor solicite o registro do Número Internacional Padronizado (ISBN). As leis de nº 10.994 de 14/12/2004 e 12.192 de 14/01/2010 instituem o depósito legal, exigindo que todos os editores encaminhem à mesma biblioteca um exemplar de todas as publicações produzidas em território nacional, por qualquer meio ou processo com o objetivo de assegurar a coleta, a guarda e a difusão da produção intelectual brasileira, visando à preservação e formação da Coleção Memória Nacional. Ocorre que, ao examinar esse Relatório, não foi encontrada nenhuma estatística referente a essas exigências e nem sobre o depósito legal de livros digitais. Essa lacuna levanta uma reflexão sobre o cumprimento dessas leis, pois se supõem sejam seguidas por todos os editores, no entanto, o Relatório reflete exatamente o contrário.

Voltando ao mercado editorial observa-se que são muito amplas as possibilidades de desenvolvimento de novos produtos com a tecnologia digital. Como aponta Cordón-Garcia (2012), há possibilidades de consolidação de modelos de negócio associados ao livro eletrônico instaurando estratégias completamente diferentes do universo do papel, estratégias tais que afetam os modelos de acesso (por assinatura, leitor eletrônico, compra etc.). O interessante do novo modelo de negócio é que o editor pode ser eliminado ou relativizado. Cordón-Garcia (2012) denomina esse processo de *desintermediação* rompendo de certo modo com elementos de uma cadeia de negócios anteriormente imutável. Com a fragmentação possível hoje, a exemplo de impressões sob demanda, ou de simples partes de um livro, segundo o mesmo autor, acaba incrementando as possibilidades de discriminação das preferências por parte dos próprios usuários (CORDÓN-GARCIA, 2012, p.49).

Segundo o mesmo autor a cadeia de valor do livro digital pode adotar diversas configurações de acordo com a intervenção dos diferentes elementos do processo editorial. A cadeia tradicional tem uma série de elementos concatenados que seguem uma sequência preestabelecida:

Figura 02 – Processo de edição



Fonte: Cordón-Garcia (2012)

Porém, as combinações sequenciais podem variar de autor para leitor, de editor para leitor, de plataforma para leitor. As variações podem multiplicar-se por todas as combinações possíveis, sendo assim a desintermediação editorial reveste-se cada vez de maior importância desde a perspectiva do autor até a de outros agentes da cadeia que estão integrados a função editorial.

Cita-se como exemplo no Brasil a Editora Saraiva ao lançar o produto “Publique-se”, uma plataforma auto publicadora de livros digitais, em que o autor tem 35% de direitos autorais. O procedimento parece bem simples tal como se apresenta no *site*: o autor cadastra-se no *site*, recebe a minuta simples do contrato, já registrada em cartório, faz o *upload* do original no formato PDF e recebe um tutorial com manual passo-a-passo. O preço do *eBook* é definido também pelo autor. Esse é o modelo de negócio que pode ser compreendido dentro desse universo novo de desintermediação editorial que, por outro lado, tem gerado no setor uma série de discussões sobre a qualidade do que será publicado.

Há, no entanto, outras questões implícitas na produção de livros eletrônicos que vale comentar, pois, influem diretamente na forma de distribuição desses livros, e por extensão, nas formas de acesso criando restrições. Têm-se, por exemplo, do *Digital Right Management* (DRM) (em português Gerenciamento de Direitos Digitais) como uma tecnologia incorporada em um produto eletrônico ou serviço com o objetivo de limitar a sua gama de utilização após a compra; é projetado para impedir que os clientes utilizem uma tecnologia digital de forma que não corresponda à agenda de negócios de um provedor de conteúdo ou o fabricante do dispositivo (FSFE, 2013). Outra restrição diz respeito à falta de interoperabilidade em razão da impossibilidade de compartilhar dois ou mais sistemas, ou elementos de troca de informações entre si o que reflete também na capacidade de interação entre equipamentos heterogêneos, geralmente fabricados por vários fornecedores impedindo, assim, o trabalho em rede (IEEE, 2000 apud BRASIL, 2010).

O levantamento estatístico apresentado através dos relatórios que demonstram a produção editorial tanto no mercado nacional como internacional, sinaliza que a movimentação em torno da produção do livro digital tende a crescer cada vez mais, tanto com a aquisição dos dispositivos móveis (*e-readers*) como a venda de livros eletrônicos através dos *sites* das editoras para *download* no computador.

Embora o mercado cresça rapidamente, as bibliotecas universitárias brasileiras que são as maiores compradoras de publicações científicas (MEADOWS, 1999, p.132) deparam-se com um mercado ainda restrito para formação de coleções de livros digitais. Na maior parte dos casos as publicações são em língua estrangeira o que gera um problema porque, segundo

Meadows (1999) os livros científicos em inglês tem menos predominância internacional do que os periódicos, tanto devido ao fato dos longos textos em língua estrangeira como muitas publicações científicas das áreas de Ciências Sociais e humanidades refletirem os interesses locais.

Algumas editoras nacionais tem se reunido em consórcios e ofertado livros digitais que abrangem diversas áreas do conhecimento. Contudo, são “pacotes” que incluem apenas a opção de assinatura anual ou mensal, não havendo a possibilidade de escolha dos títulos, além disso, possuem restrições de acesso (DRM) que limitam a cópia, impressão e disseminação do livro digital. São exemplos à editora Pearson com o produto Biblioteca Universitária (BVU) e o Grupo GEN com o produto “minha biblioteca”.

Além dos editores que podem ser os revendedores diretos dos seus livros digitais, há os agregadores de conteúdo ou provedores de conteúdo que intermediam o contato entre o editor e biblioteca universitária ofertando coleções de livros digitais de diversas editoras por assinatura ou acesso perpétuo ao conteúdo do livro. A seguir são analisadas algumas plataformas de acesso às coleções de livros digitais.

3.4 AS PLATAFORMAS DE ACESSO ÀS COLEÇÕES DE LIVROS DIGITAIS

São apresentadas a seguir algumas plataformas de acesso a livros digitais de provedores de conteúdos científicos com o enfoque em pontos que são considerados chave para a introdução de livros digitais na coleção da biblioteca universitária como a modalidade de aquisição, o acesso e recuperação de informações e as ferramentas de gestão que instrumentalizam os bibliotecários para tomada de decisão sobre a manutenção ou não dessas coleções.

3.4.1 Dotlib

A Dotlib distribui conteúdo científico e profissional *online* e impresso (quando aplicável) aos setores acadêmicos, governamentais, corporativos, industriais e da saúde. Desde 1991 começaram a representar editoras internacionais na área Médica e de Saúde no Brasil comercializando bases de dados como *Thomsom Micromedes* e *MedLine*. São parceiros do consórcio CAPES, CRUESP e COPERE no Brasil e participam de consórcio em outros países da América Latina. (DOTLIB, 2013).

Optou-se por analisar a *interface* de acesso aos livros digitais na Plataforma da Dotlib através da coleção da UFBA. A Universidade adquiriu 22 (vinte e dois) títulos de livros digitais da editora Atheneu na área de Saúde e em português. Essa coleção apresenta como características: livros eletrônicos em formato PDF, a modalidade de aquisição constitui-se em acesso perpétuo ao conteúdo dos livros, nesse caso, a universidade recebe do distribuidor um HD (*Hard disk drive*) com todos os livros eletrônicos adquiridos para custódia da própria Instituição. O acesso às coleções digitais pode ser realizado pelos usuários remotamente mediante cadastro de senha no servidor na Universidade. Não possui limite de impressão, além da possibilidade de realizar o *download* dos livros digitais.

Ao clicar no link “portal da pesquisa” disponível na página principal do sistema de bibliotecas da UFBA, a tela principal que se abre para visualização da coleção de livros digitais apresenta de imediato à relação dos títulos disponíveis em ordem alfabética. Caso o usuário saiba o título do livro poderá clicar diretamente na letra correspondente a inicial do título ou realizar a busca por área, editora e título, não há uma opção de busca por assunto. A figura a seguir ilustra a tela principal de acesso aos livros digitais da UFBA.

Figura 03 – Plataforma de acesso aos livros digitais da UFBA – Provedor Dotlib



The screenshot displays the 'PORTAL DA pesquisa' interface for digital books. At the top, there are navigation tabs for 'PESQUISA SIMPLIFICADA', 'BASES DE DADOS', and 'LIVROS'. Below these, there are dropdown menus for 'ÁREA' (set to 'Ciências da Saúde') and 'EDITORA' (set to 'Atheneu'). A search input field labeled 'TÍTULO' and a 'pesquisar' button are also present. The main content area shows a breadcrumb trail 'LIVROS > CIÊNCIAS DA SAÚDE' and a list of books. The list is organized alphabetically, with a navigation bar 'A-Z' and individual letter links. The visible entries are:

Ícone	ISBN	Ano	Título
	85-7379-687-1	2006	Abdome Agudo - Clínica e Imagem
	85-7379-647-2	2006	Aleitamento Materno - Passagens e Transferências Mãe-Filho
	85-7379-664-2	2005	ALERGIA ALIMENTARES - TENTANDO ENTENDER POR QUE EXISTEM PESSOAS SENSÍVEIS A DETERMINADOS ALIMENTOS
	85-7379-755-X	2005	ANESTESIA PARA PACIENTES COM OBESIDADE MÓRBIDA - Volume X (Série Atualização em Anestesiologia)
	85-7379-713-4	2004	AVALIAÇÃO CLÍNICA E DA APTIDÃO FÍSICA DOS ATLETAS PARAOLÍMPICOS BRASILEIROS - Conceitos, Métodos e Resultados / CLINICAL EVALUATION AND ASSESSMENT OF THE FITNESS OF THE BRAZILIAN PARALYMPIC ATHLETES - Concepts, Methods and Results
	85-7379-769-X	2005	Cinesiologia Clínica e Funcional
	85-7379-443-7	2005	Cirurgia Cardiovascular (CLÍNICA BRASILEIRA DE CIRURGIA - COLÉGIO BRASILEIRO DE CIRURGIÕES)

Fonte: Portal da pesquisa - UFBA (2013)

O resultado da busca apresenta a imagem da capa do livro e os dados técnicos (título, editora, ISBN, data e número de páginas). O acesso ao conteúdo do livro é por capítulo. Caso o aluno deseje realizar o *download* do livro completo, terá que fazê-lo capítulo por capítulo. Esse tipo de acesso pode ter vantagens e desvantagens. A vantagem está relacionada à especificidade da informação que o usuário deseja, pode ser que apenas o capítulo atenda a sua necessidade. As desvantagens seriam a necessidade de realizar diversos *downloads* para um único livro, caso o usuário deseje o livro completo. Outra questão é a impossibilidade de utilizar a ferramenta de busca por palavra chave no conteúdo completo do livro, essa é uma funcionalidade disponível na maioria dos arquivos em PDF. A seguir a tela com a imagem do resultado da busca.

Figura 4 – Visualização do conteúdo do livro na plataforma Dotlib

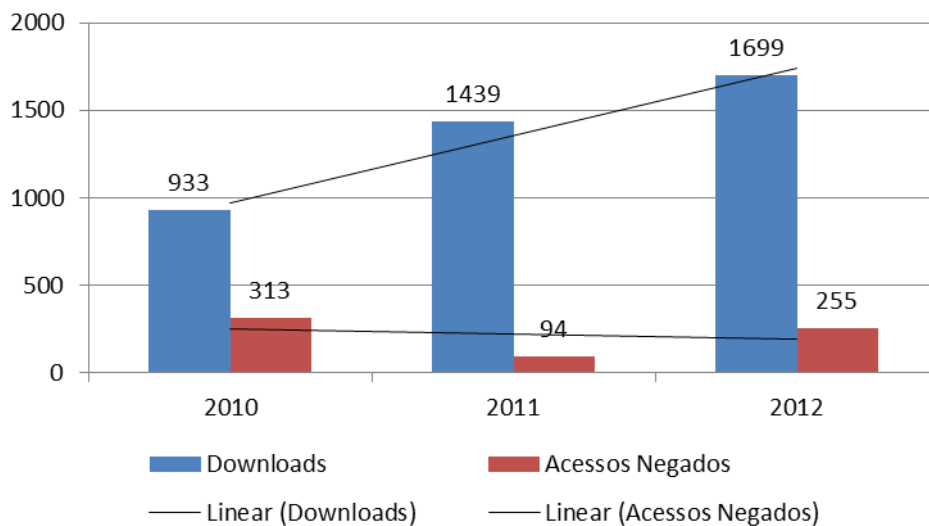
	<p>Cinesiologia Clínica e Funcional Demóstenes Moreira; André Faria Russo</p> <p>Editora: ATHENEU ISBN: 85-7379-769-X Data: Outubro de 2005 Páginas: 179</p>
TABELA DE CONTEÚDO	
Sumário e Titulações	
Capítulo 1. Considerações Gerais	1
Capítulo 2. Considerações Biomecânicas	11
Capítulo 3. Fisiologia do Sistema Musculoesquelético	17
Capítulo 4. Estrutura e Componentes Osteomioarticulares	25
Capítulo 5. Complexo do Ombro	33
 Texto Completo	
Capítulo 6. Complexo do Cotovelo	47
Capítulo 7. Complexo do Punho e da Mão	55
Capítulo 8. Complexo do Quadril	75
Capítulo 9. Complexo do Joelho	91
Capítulo 10. Complexo do Tornozelo e do Pé	105
Capítulo 11. Complexo do Tronco	123
Capítulo 12. Complexo da Cabeça e do Pescoço	141
Capítulo 13. Cinesiologia da Marcha Normal	149
Bibliografia,	155

Fonte: Portal da pesquisa (2013)

Sobre o gerenciamento da coleção, verificou-se que a plataforma não possui um módulo que possibilite realizar o acompanhamento dos acessos à coleção de livros eletrônicos por parte do gestor da biblioteca. Por isso, a estatística de uso da coleção é enviada pelo fornecedor mediante solicitação. Em contato com a gestora do sistema de bibliotecas da UFBA Jucélia Santos, foi possível ter acesso às estatísticas de uso da coleção de 2010 a 2012.

A estatística fornecida contém os dados sobre o número de *downloads* e número de acessos negados por mês além de uma planilha com a especificação da data, horário, capítulos, títulos acessados e com acessos negados. Ao analisar a planilha enviada pelo fornecedor, gerou-se um gráfico que demonstra o seguinte resultado: o número de downloads em 2010 foi de 933 (novecentos e trinta e três) e em 2012 eleva-se para 1699 (mil seiscentos e noventa e nove) representando o percentual de 45% em dois anos de aquisição da coleção. Em uma análise genérica esses dados representam uma tendência de crescimento no uso da coleção de livros digitais. Entretanto ao verificar a diferença no número de *download* de um ano para o outro se percebe uma redução nos percentuais: de 2010 para 2011 foram 506(35%) *download* e de 2011 para 2012 foram 260 (15%) *downloads*. Essa redução pode ter variáveis relacionadas à questão da divulgação da coleção de livros digitais ou até mesmo o fato do aluno já ter feito o *download* do livro em seu computador pessoal e não necessitar acessar a plataforma para ler o livro desejado. Os acessos negados referem-se aos títulos que são visualizados na plataforma, mas não foram adquiridos pela instituição. Então, quando os usuários clicam gera um dado de acessos negados que pode sinalizar o interesse por determinado título.

Gráfico 02 – Estatística de uso da coleção de livros digitais da UFBA



Fonte: Dotlib (2013)

Em entrevista realizada com o gerente de vendas da Dotlib Eduardo Neves, o mesmo informou que atualmente a empresa representa 46 (quarenta e seis) editoras entre nacionais e internacionais, cada uma apresenta um modelo de negócio específico, porém a grande

maioria trabalha com venda de livros digitais para acesso perpétuo. Os formatos de livros digitais também podem variar de acordo com a editora.

Questionamos se há algum tipo de ação proativa junto às universidades para conhecer a sua demanda de informação. Obtivemos a informação que a ação proativa da Dotlib é com as editoras no sentido de estimular a disponibilização de livros eletrônicos para revenda, sendo que toda a negociação sobre direitos autorais são de responsabilidade da editora. Segundo Eduardo Neves a Dotlib é pioneira no Brasil no que se refere à oferta de livros digitais. As editoras nacionais ainda estão um pouco reticentes em relação a essa oferta, porém as internacionais, pode se dizer, que quase toda a sua produção de livros físicos também existe em meio digital, até porque favorece as questões ligadas à logística (transporte e segurança dos materiais).

3.4.2 Pearson

A editora Pearson denomina-se uma empresa de soluções educacionais. No Brasil oferece o produto “Biblioteca Virtual Universitária (BVU)” com mais de 1.400 (mil e quatrocentos) títulos de livros digitais de conteúdo multidisciplinar em português que integra mais de 40 (quarenta) áreas do conhecimento. Conforme mencionado no portal da Pearson, a biblioteca virtual universitária é uma união entre as editoras Pearson, Manole, Contexto, IBPEX, Papyrus, Casa do Psicólogo, Ática, Scipione, Companhia das letras, *Educs*, *Rideel* e *Jaypee Brothers* (PEARSON, 2013). Trata-se de um “pacote” fechado onde não há possibilidade de escolha dos títulos que irão compor a coleção de livros digitais. Portanto, as características de acesso assim como os títulos da coleção são os mesmos para todas as bibliotecas que adquirirem o produto.

São elencadas a seguir algumas características identificadas: a única modalidade de acesso disponível para aquisição da coleção de livros digitais é mediante assinatura; os livros eletrônicos podem ser integrados aos sistemas de gestão de acervo das bibliotecas que catalogam utilizando o formato MARC 21; podem ser acessados via *tablets* (*iPad* e sistema android), é possível imprimir até 50% do livro mediante compra de créditos – a compra de créditos é administrada pela própria plataforma, o pagamento pode ser realizado somente através de cartão de crédito; as páginas impressas saem com uma marca d’água para assegurar os direitos autorais e evitar reproduções; os usuários que comprarem a versão impressa dos livros via biblioteca virtual recebem desconto de até 40%; todos os livros são criptografados não permitem o recurso de cópia.

As possibilidades de acesso, busca e leitura oferecidas por essa plataforma são: a página principal de acesso à coleção exibe de imediato as capas dos livros, podendo-se clicar em cada uma delas para ter acesso ao conteúdo completo; o conteúdo está organizado por grandes áreas de conhecimento: Ciências biológicas, Ciências humanas e Ciências Exatas; possui um manual de utilização, recursos de ajuda e perguntas mais frequentes (FAQ); Os recursos de leitura disponíveis são: aumento ou diminuição da tela (zoom), busca através de palavra-chave na edição visualizada, visualização em miniaturas, modo de tela cheia, possibilidade de anotações e inclusão nos favoritos; o usuário poderá criar uma conta na opção “minha conta” onde estarão armazenadas as informações sobre anotações, livros favoritos e extrato de impressões; em relação à recuperação da informação a busca pode ser realizada por palavra chave, autor, título, editora e ISBN. A figura a seguir mostra a *interface* principal visualizada pelo usuário.

Figura 05 – Plataforma de acesso às coleções de livros digitais da editora Pearson



Fonte: Portal da editora Pearson (2013)

Segundo informação coletada no portal da Pearson as bibliotecas pagam uma licença anual para manutenção da plataforma, sendo que os custos podem variar conforme o número de licenças adquiridas. A vantagem dessa modalidade seria a atualização imediata das novas edições das publicações digitais e a isenção por parte da universidade de iniciativas voltadas para a preservação do acervo de livros digitais já que a custódia e manutenção estão sob a responsabilidade do provedor de conteúdo. Portanto, em sendo assinatura, ao seu término, o livro digital não fará mais parte do acervo da biblioteca.

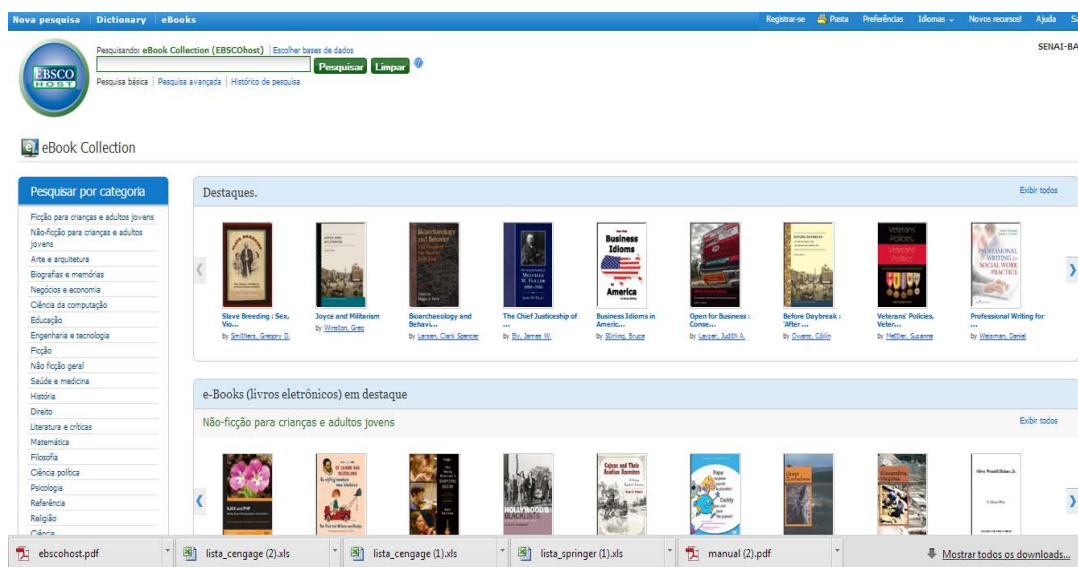
Não se observou nenhuma indicação para acesso a um módulo de gerenciamento, dando indícios de que a estatística de uso precisa ser solicitada ao fornecedor.

3.4.3 Ebsco

A *Ebsco Information Services* foi fundada em 1944 por Elton Bryson Stephens Company, atualmente fornece produtos como bases de dados de pesquisa, e-book, audiobooks e periódicos eletrônicos. Oferece mais de 375 bancos de dados de texto completo e 420 mil e-Books (EBSCO, 2013).

A Ebsco possui uma variedade de produtos, sua plataforma para acesso aos livros eletrônicos também contempla diversas funcionalidades. A plataforma da Ebsco para *eBooks* é denominada *EbscoHost*. Descrevemos algumas características encontradas: a aquisição da coleção pode ser tanto através da modalidade de compra perpétua como assinatura da base de dados; permite o *download* para dispositivos de leitura; a leitura do livro pode ser *online* ou *offline*; as formas de acesso estão atreladas as condições do editor, pode ser entre 3 (três) ou mais usuários simultâneos; na tela principal de apresentação dos livros possui uma busca simples e um elenco de categorias de assunto como opção de filtro.

Figura 06 – Plataforma de acesso à coleção aos livros digitais da *EbscoHost*



Fonte: Ebsco Host (2013)

Dois diferenciais podem ser destacados na plataforma Ebsco em relação às analisadas anteriormente: a busca avançada e o serviço de gerenciamento de empréstimo de *eBooks*,

permitindo inclusive lista de reserva. Possui uma área administrativa em que é possível realizar as configurações de empréstimo de acordo com a política de empréstimo da Instituição. O controle de empréstimo é uma funcionalidade interessante para as bibliotecas porque permite medir o uso da coleção a partir dos livros emprestados. Porém o empréstimo também está condicionado às condições impostas pelo editor, por isso nem sempre essa opção de *download* estará disponível. Depois do período de empréstimo definido pela biblioteca o arquivo digital do livro será bloqueado (DRM).

3.4.4 Portal Capes

O Portal CAPES disponibilizou esse ano livros digitais de diversas editoras. Na página principal do Portal ao selecionar: “Buscar livro” e “busca avançada” será exibida a relação dos diversos editores incluindo publicações em português. Ao selecionar cada um dos editores o resultado mostra o total de publicações, como pode ser visto no quadro a seguir:

Quadro 01 – Editores de livros digitais identificados no Portal Capes

EDITORES	QTD TÍTULOS
<i>ACM Digital Library</i>	33
<i>Alexander Street Press</i>	32.898
<i>American Phsicological Association</i>	1.904
<i>ASTM Standards end engineering digital library</i>	1.624
<i>Bioone</i>	1
<i>EBSCOhost</i>	1.768
<i>Elsevier Science Direct</i>	681
<i>Gale group</i>	184.437
<i>IEEE xplore</i>	18.584
Livros em português	93
<i>McGraw Hill access</i>	3
<i>OECD ilibrary</i>	8.088
<i>SPIE Digital library</i>	6.938
TOTAL	257.052

Fonte: Portal Capes (2013)

Serão necessários estudos futuros mais aprofundados para inferir sobre a qualidade dos livros digitais disponibilizados no Portal. Observa-se que há uma discrepância na oferta de livros em português em relação ao volume de publicações em outros idiomas.

3.5 Iniciativas de acesso aberto a coleções de livros digitais

A editoração universitária no Brasil, segundo Bufrem (2001), foi iniciada na década de 1960, caracterizando-se como projeto cultural de cunho político e, por vezes, com ênfase no regional visando o ensino, a pesquisa e a extensão. Algumas experiências decorreram de serviços gráficos das imprensas universitárias. Com o passar do tempo foram sendo estruturadas com conselhos, formalizando regimentos e estabelecendo linhas editoriais com o objetivo de selecionar, produzir e divulgar a produção acadêmica. Ainda, segundo a autora, as editoras universitárias são projetos “indispensáveis”, mesmo com limitações que possam enfrentar em nosso país.

Se esse é um contexto simples do ponto inicial da editoração no Brasil dentro das universidades públicas, pesquisas recentes apontam que as editoras universitárias estão inovando desenvolvendo projetos que disponibilizam livros digitais gratuitos, esses projetos de livre acesso a informação se contrapõem ao modelo comercial das editoras científicas internacionais. Entre esses projetos estão a Rede SciELO Livros e a Coleção PROPG Digital.

A Rede SciELO Livros é uma das principais iniciativas de publicações de livros digitais que foi lançada no Brasil em março de 2012, e é parte integrante do Programa SciELO da Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O desenvolvimento da sua coleção é liderado e financiado por um consórcio formado pelas editoras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e, recentemente, houve a adesão da editora Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPB), a Editora da Universidade Federal de Londrina (EDUEL) e da Editora Universitária da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). O projeto de desenvolvimento da plataforma metodológica e tecnológica teve a cooperação técnica da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME)/ Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) / Organização Mundial de Saúde (OMS) e sua execução apoiada pela FAPESP.

A Rede SciELO Livros, conforme texto de divulgação no próprio *site*, visa à publicação *online* de coleções nacionais e temáticas de livros acadêmicos com o objetivo de maximizar a visibilidade, acessibilidade, uso e impacto das pesquisas, ensaios e estudo que publicam. Os livros publicados são selecionados segundo controles de qualidade aplicados por um comitê científico e os textos em formato digital são preparados segundo padrões internacionais que permitem o controle de acesso e de citações, e são legíveis nos leitores de *eBooks*, *tablets*, *smartphones* e computadores. Os critérios para a seleção das editoras e títulos

que irão compor a coleção digital podem ser acessados no portal da Rede Scielo⁹. A rede interopera e compartilha objetivos, recursos, metodologias e tecnologias com a Rede SciELO de periódicos científicos de modo a contribuir com o desenvolvimento da comunicação científica em ambos os meios de publicação (SCIELO, 2013).

Figura 07 – Portal de livros digitais do Scielo books

Fonte: SciELO Livros (2013)

O portal possui 330 títulos, entre estes, 256 com acesso aberto. São as editoras participantes que indicam quais os livros que serão comercializados e quais estarão disponíveis em acesso aberto. Os *eBooks* em acesso aberto são operados sob a licença *Creative Commons*¹⁰ e não possuem DRM ou gerenciamento de direitos autorais. Os formatos dos livros digitais são *ePub* e PDF para um melhor armazenamento, recuperação e interoperabilidade. Os livros com acesso aberto podem ser consultados por capítulo ou pode ser realizado o *download* do livro completo. Exemplificado pelo *print* da tela a seguir:

⁹ SCIELO books. <Disponível em: <http://books.scielo.org/criterios-scielo-livros-criterios-politicas-e-procedimentos-para-a-operacao-das-colecoes-de-livros-eletronicos/>> Acesso em 20 de jun. 2012.

¹⁰ Os livros sob a licença *Creative Commons* podem ser compartilhados, remixados (criar obras derivadas) sob seguintes condições: de atribuição - creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante, a obra não pode ser utilizada para fins comerciais, se for transformar a obra o compartilhamento deve ser sob a mesma licença.

Figura 08 – Visualização dos livros eletrônicos no SciELO books

Português | Español | English

SciELO Books
Scientific Electronic Library Online

Editora UNESP
Home / Search / Gestão, mediação e uso da informação

Gestão, mediação e uso da informação
Organizer: Valentim, Marta
Publisher: Editora UNESP
Language: Portuguese
Year: 2010
Pages: 390
eISBN: 9788579831171
DOI: <http://dx.doi.org/10.7476/9788579831171>

Download
Book in PDF
Book in EPUB

+1 1 Tweet 3 Gosto 26 Share 13

Synopsis
O livro "Gestão, mediação e uso da informação" vai ao encontro dos estudos teóricos e metodológicos de objetos e fenômenos que envolvem a gestão, a mediação, uso e apropriação de informação em distintos ambientes.

Table of Contents

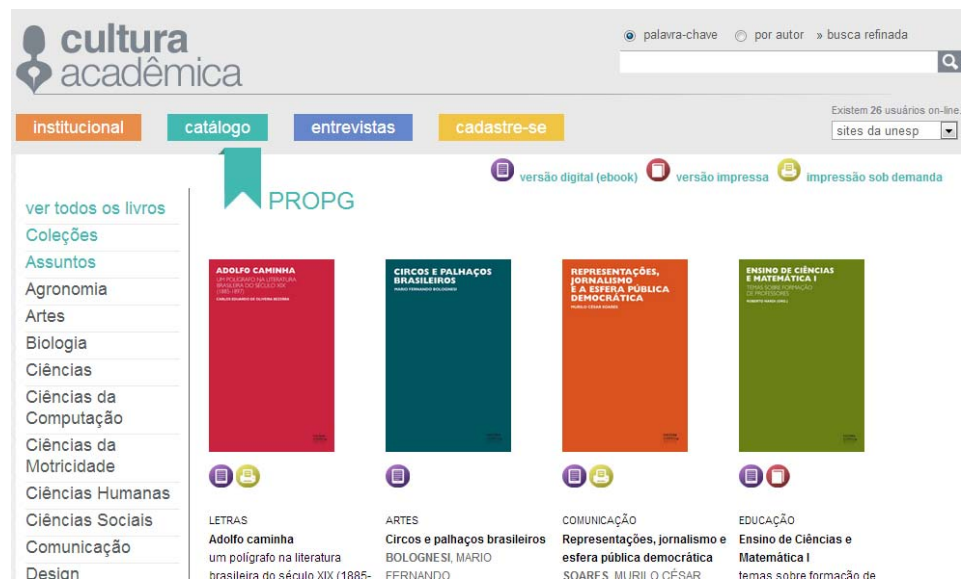
Front Matter / Elementos Pré-textuais / Páginas Iniciais	Preview PDF
Apresentação	Preview PDF
Gestão, mediação e uso da informação	Preview PDF
Gestão do conhecimento nas organizações: perspectivas de uso da metodologia sistêmica soft (soft systems methodology)	Preview PDF
Estratégias de preservação digital	Preview PDF
Mediação oral literária: algumas palavras	Preview PDF
Contribuições teóricas e metodológicas da sociologia do conhecimento para estudos de produção de conhecimento em contexto empresariais	Preview PDF
Modelo de comportamento informacional de usuários: uma abordagem teórica	Preview PDF

Fonte: SciELO Livros (2013)

Em relação ao universo de livros digitais de acesso aberto, Dourado (2012) desenvolveu pesquisa comparando a produção de livros digitais pelas editoras universitárias do Brasil em relação a projetos desenvolvidos no exterior, e conclui que os livros digitais são ainda considerados uma inovação para o mercado editorial brasileiro. A pesquisa sinaliza a existência de 120 (cento e vinte) editoras universitárias das quais 25 (vinte e cinco) produzem livros digitais, o que corresponde a 21% do total de editoras existentes. Aponta ainda para o fato de que as publicações respondem, em sua maioria, a área de Ciências Humanas, seguida das Ciências Sociais Aplicadas predominantes no cenário acadêmico brasileiro de publicações digitais, depois a área de Letras e Ciências Biológicas. A única área sem publicações de livros digitais pelas editoras universitárias é a das Engenharias.

Outra iniciativa de acesso aberto à coleção de livros digitais é a *PROPG Digital*, uma parceria entre a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual de São Paulo e a Fundação Editora da UNESP (PROPG – UNESP), ambas responsáveis pelo lançamento em primeira edição, apenas em formatos digitais, com possibilidade de *download* gratuito de centenas de títulos de novos autores dessa Universidade.

Figura 09 – Portal da Cultura Acadêmica



Fonte: Cultura acadêmica (2013)

Mais uma editora universitária, a Edunesp disponibiliza os livros da coleção Propg digital gratuitamente. Mediante o cadastro no *site* é possível fazer o *download* da obra em PDF, além do que há obras que são também comercializadas através do portal.

A partir desse cenário apresentado em relação às editoras universitárias pode-se considerar que houve uma ampliação da disponibilização de títulos digitais que agregam tanto a opção de acesso aberto como a comercialização. Essas iniciativas criaram selos de qualidade¹¹ atribuídos aos livros digitais, tanto para diferenciá-los dos livros impressos em papel, como para certificar a qualidade das publicações disponibilizadas pautadas na avaliação dos conselhos editoriais. Esse controle de qualidade converge com a afirmação de Darnton:

[...] editores são guardiões de portais, responsáveis por controlar o fluxo do conhecimento. De variedade sem limites de material suscetível de ser tornado público, selecionam o que, acreditam, irá vender ou deve ser vendido, conforme suas habilidades profissionais e convicções pessoais. Os juízos dos editores, delineados por uma longa experiência no mercado das ideias, determinam aquilo que chega aos leitores, e numa era de sobrecarga e informação os leitores precisam confiar mais do que nunca nesse julgamento. Ao selecionar texto, editá-los, permitir sua legibilidade e trazê-los à atenção dos leitores, os profissionais do livro fornecem serviços que sobreviverão a todas as mudanças tecnológicas (DARNTON, 2010, p.16)

¹¹ O selo “cultura acadêmica” é o segundo da Fundação Editora da UNESP, cujo selo central é o Editora UNESP, que existe desde 1987. Esse segundo selo foi criado para auxiliar às múltiplas demandas de uma universidade multicampus. Em relação ao selo que lhe deu origem é autônomo e descentralizado, abre-se a parcerias editoriais com órgãos da direção central da UNESP assim como com suas várias unidades universitárias e cursos de pós-graduação.

Parece relevante frente a afirmação categórica de Darnton (2010) que as editoras desempenham um papel importante na cadeia de valor do livro digital. Entretanto, um modelo de negócio relacionado à auto publicação aponta uma nova relação entre editora e autor, no entanto, parece que o modelo não se aplica ao mundo universitário.

Nesse contexto de convergência de suportes e novos modelos de negócio, um sistema que faz parte da cadeia de operação e que é instigado a rever os seus processos são as bibliotecas universitárias. A mudança na cadeia de operações que envolvem o livro digital, assim como o aumento na sua produção, sinaliza um movimento irreversível de avanço na produção desses livros e instigam os bibliotecários das bibliotecas universitárias a prepararem os seus sistemas de gestão para realizar a representação descritiva dos conteúdos digitais, integrando-os as novas tecnologias e formatos de informação. A possibilidade de ler textos de maneira diferente da convencional, realizar um *download* em um equipamento portátil ou no próprio computador, a diversidade de modelos de leitores de livros digitais, exige que o profissional também conheça essas tecnologias para orientar o leitor, pois são ferramentas que podem se traduzir em elementos importantes para o estímulo a leitura e expansão de conhecimentos.

Portanto, antes do acesso dos recursos digitais pelos usuários, todo um processo anterior precisa acontecer e tem relação com parâmetros ou políticas de seleção previamente estabelecidas, o conhecimento das necessidades dos usuários e das ferramentas de avaliação das coleções digitais, como veremos a seguir.

4 GESTÃO DE COLEÇÕES

Este capítulo tem o objetivo de discutir a gestão das coleções nas bibliotecas universitárias públicas considerando que o volume de recursos digitais, assim como os serviços presentes nestas bibliotecas tem sido diversificado em função do avanço da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC). O livro digital é um dos artefatos que está sendo introduzido nas coleções dessas bibliotecas, impulsionando-as a ofertarem novos serviços. Para se chegar à compreensão das formas de gestão das coleções digitais levanta-se o referencial teórico que estabelece o alicerce conceitual para o desenvolvimento de coleções assim como as políticas de seleção. Apresenta-se um histórico dos recursos digitais nas bibliotecas universitárias e discute-se o processo de seleção das coleções de livros digitais bem como o paradigma do acesso e custódia dessas coleções.

4.1 DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

Segundo Vergueiro (1993) o desenvolvimento de coleções acelera-se a partir das necessidades advindas da chamada “explosão bibliográfica”. O autor cita os estudiosos Solla Price¹² e Bradford¹³ que durante a década de 1950 realizaram pesquisas sobre o aumento da produção da literatura científica sinalizando preocupações com um possível “caos documentário” e o fato do grande volume dessa produção repetir apenas o que os outros haviam discutido anteriormente sem nada acrescentar. Escarpit (1976) apud Vergueiro (1993) afirma que entre 1950 e 1965 a produção de livros no mundo inteiro chegou a duplicar. Era praticamente impossível acompanhar o ritmo da explosão bibliográfica, exigindo da parte dos profissionais que trabalham como o tratamento da informação a necessidade de uma seleção criteriosa para que as coleções não ficassem com acúmulo de informações redundantes.

O artigo publicado no periódico Correio Brasiliense (1968) que trata do futuro do periódico científico, cita o bibliotecário norte americano Fremont Rider¹⁴ que na década de

¹² Derek John de Solla Price (1922-1984). Estudou o comportamento das redes de citações bibliográficas, dando nova dimensão a esses estudos bibliométricos. BRAGA, Maria Gilda. Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek de Solla Price. *Ciência da Informação*. V.3, n.2, 1974, p. 1. Disponível em <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/1634/1243>> Acesso em < 06 de jun. 2013.

¹³ Bradford realiza uma série de estudos que culminam, em 1934, com a formulação da “lei de Bradford” ou “lei da dispersão”. ARAÚJO, Carlos Alberto. *Bibliometria: evolução histórica e questões atuais*. **Em questão**. Porto Alegre. v.12,n.1, p. 11-32, jan. - jun. 2006. Disponível em <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000006356&dd1=15c36>> Acesso em 06 de jun. 2013.

¹⁴ Arthur Fremont Rider (1885-1962) escritor, poeta, editor, inventor, genealogista e bibliotecário. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Fremont_Rider> Acesso em 01 de jul. 2013.

1940 demonstrou que o crescimento da literatura científica foi exponencial desde 1665. Segundo ele, os acervos das grandes bibliotecas universitárias norte-americanas dobravam de volume de 16 em 16 anos. Cita o exemplo da biblioteca da Universidade de Yale: “no ano de 2040 teria cerca de 200 milhões de volumes, ocupando mais de 9.600 km de estantes, e com um acréscimo anual de 12 milhões de volumes, o que exigiria, pelas técnicas tradicionais, mais de seis mil pessoas para catalogá-los.”

A afirmação do bibliotecário norte-americano demonstra uma preocupação com o armazenamento (espaço físico) e com os recursos humanos para o tratamento dessa informação. Não está explícito na sua afirmação a questão do acesso e seleção, o que pode ser justificado pela época, onde a maior ênfase era na acumulação da informação bibliográfica produzida.

Complementando a questão da explosão bibliográfica Weitzel (2002) afirma que esse fenômeno teve seu ápice a partir da Segunda Guerra mundial, quando os investimentos governamentais em pesquisa e o desenvolvimento da ciência e tecnologia impulsionaram a comunicação científica formal resultando na multiplicação dos textos.

Em meio ao fenômeno da explosão bibliográfica desencadeou-se, na biblioteconomia internacional, o chamado *Movimento para o desenvolvimento de coleções* no final da década de 1960 e início da década de 1970. A partir desse movimento diversos artigos começaram a ser publicados sobre o assunto em periódicos de biblioteconomia (VERGUEIRO, 1989).

No Brasil, Figueiredo (1998) realizou uma pesquisa solicitada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 1980 sobre a situação da seleção e aquisição de material bibliográfico nas bibliotecas universitárias. Os resultados foram apresentados no ano seguinte no II Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU).

De acordo com essa autora o desenvolvimento de coleções intitulava-se “seleção de livros”, cita o livro de Gabriel Naudé publicado em 1627 *Avis pour dresser une bibliothéque* em que o autor aborda os princípios de seleção de livros. Naquela época, a seleção era considerada como uma “arte”. Essa visão foi combatida por Spiller (1974) que apresentou uma diferenciação entre seleção como arte e ciência. A seleção era frequentemente descrita como um dos “mistérios” do trabalho em biblioteca, nesta prática, estavam implícitas vivências e habilidades adquiridas durante anos de experiência e capacidade intuitiva. Segundo o autor a experiência tem seu valor, porém, a definição do termo ciência encontrado no dicionário, não referenciado pelo autor, é mais aceitável: “o conhecimento é determinado pela observação e experiência criteriosamente testado, sistematizado e formulado em leis gerais.” Logo, a seleção de material bibliográfico é uma questão de organização e uma

atividade de importância fundamental que nem mesmo o mais requintado prédio de biblioteca e o mais sofisticado sistema de recuperação de informação seriam aproveitáveis se derem acesso somente a documentos mal selecionados.

Considerando a importância da atividade de seleção na época da “explosão bibliográfica” e, atualmente, na “era da informação”, relaciona-se a seguir, o elenco de conceitos sobre seleção apresentados por Figueiredo (1998) nos quais se capta a importância da atividade de seleção para a formação de coleções. O quadro abaixo está organizado em sequência cronológica apontando autor, ano, página e o conceito correspondente:

Quadro 01 – Conceitos de seleção

Autor	Conceito de seleção
<i>Library Journal</i> , 1960, p. 13	“seleção de livros é mais importante, mais interessante e mais difícil responsabilidade do profissional bibliotecário.”
Thompson, 1960, p.28	“Deve haver algum método de seleção mas não deve necessariamente ser a seleção de livros individuais. Devemos procurar uma política básica, pela qual separamos, em geral, o mais urgentemente necessário do menos urgentemente necessário. Devemos lidar com generalidades, pois, se lidarmos com especificidade, o tempo consumido pode ser equivalente ao custo de uma cobertura completa de campos pertinentes para a biblioteca.”
Spiller, 1971, p.12	“juntamente com o trabalho de referência, de aconselhamento de leitores, a seleção de livros representa a esfera da biblioteconomia que distingue a profissão de muitas outras ocupações administrativas”
Broadus, 1973, p. 13	“Uma seleção inteligente envolve uma vida inteira estudando pessoas e materiais”. “Desenvolver e modelar a coleção de uma biblioteca é o coração da biblioteconomia, envolve a filosofia essencial da profissão”.
Ulveling, 1974, p.13	“Juntamente como a orientação de leitores, seleção de livros é o ápice profissional da biblioteconomia. Todas as outras atividades não são mais do que funções de suporte. O fato de muitas vezes, aquelas funções auxiliares terem tido uma atenção desproporcional na literatura, é de ser deplorado.”
Wellard, [s.d], p.28	“o problema da seleção de livros é fornecer ao leitor, cujos interesses e capacidade são conhecidas, o livro que se ajustar àqueles interesses e capacidades melhor do que qualquer outro livro”.

Fonte: FIGUEIREDO (1998)

É possível agrupar traços comuns nos conceitos apresentados pelos autores: Wellard(s.d) e Broadus (1973) quando mencionam o estudo de pessoas e o conhecimento das suas capacidades e interesses, estão associados à necessidade de conhecer o público a quem se destina a informação. Ulveling (1974), Spiller (1971) e *Library Journal* (1960) ressaltam a importância da seleção como um diferencial na profissão do bibliotecário e Broadus (1973) chega a afirmar que moldar coleções é o “coração da biblioteconomia”. Por sua vez

Thompson (1960) ressalta a importância de uma política básica para priorizar o que é mais urgente do menos urgente, evitando a especificidade, sugere também que o selecionador tenha uma visão genérica para atender a todos os campos do conhecimento pertinentes da biblioteca.

Os conceitos estão centrados na seleção que ao longo dos anos e com a evolução dos estudos na área já não expressava mais toda a complexidade do processo de organização de coleções passando a ser uma das atividades correlatas e necessárias para formar e desenvolver coleções (WEITZEL, 2002).

Foi em 1982, segundo Vergueiro (1993) que a disciplina formação e desenvolvimento de coleções passou a constar nos currículos de biblioteconomia. Antes disso a ênfase era para tópicos específicos relacionados à seleção, como foi possível constatar mediante os conceitos apresentados no quadro 02 com autores estrangeiros da década de 1960 e 1970. A partir desse período um maior número de bibliografias em português começou a surgir especialmente artigos, trabalhos em eventos e livros (WEITZEL, 2006).

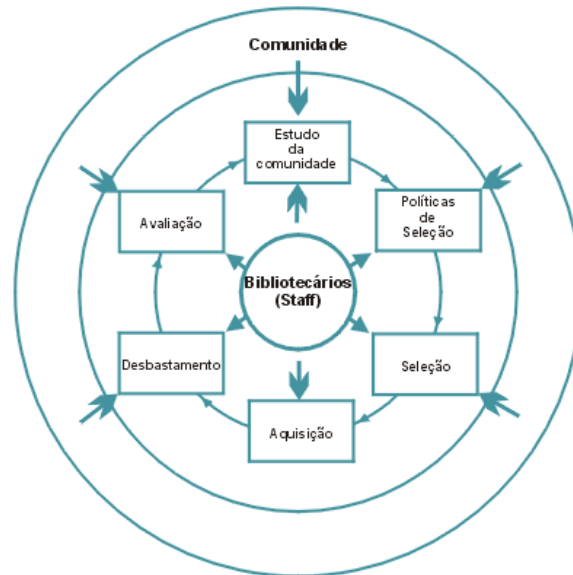
De acordo com Vergueiro (1993) a prática de selecionar, pesquisar em índices bibliográficos, inventariar e descartar sempre fez parte da rotina das atividades ligadas ao desenvolvimento de coleções; o que mudou foi o posicionamento dos profissionais perante essa questão transformando a ênfase do seu trabalho da acumulação pura e simples para o acesso. Isso foi possível a partir do avanço dos sistemas de comunicação permitindo o compartilhamento de recursos informacionais a nível mundial.

O desenvolvimento de coleções é considerado uma atividade de planejamento processual, ou seja, ininterrupta ainda que afetada por fatores externos. O processo também não é homogêneo e idêntico em toda biblioteca indicando a relação desse desenvolvimento à própria função da biblioteca e essa ao ambiente institucional, seja ele público, acadêmico, escolar e ou especializado. Por isso não pode ser considerada uma atividade isolada (SPILLER, 1974; VERGUEIRO, 1989; FIGUEIREDO, 1998; EVANS e SAPONARO, 2005). Diferentemente para Klaus (1991) o desenvolvimento de coleções se constitui em uma atividade que fornece as condições para que uma biblioteca desempenhe a função de prover os recursos bibliográficos, documentários e informacionais.

O modelo proposto originalmente em 1979 por G. Edward Evans (Evans e Saponaro, 2005) reproduzido no gráfico abaixo, demonstra o caráter cíclico e dinâmico do desenvolvimento de coleções no domínio da biblioteconomia. A atividade parte dos profissionais (*staff* - bibliotecários) já com uma visão do todo – o estudo da comunidade, a

política de seleção, a seleção propriamente dita, a aquisição e o desbastamento, sendo que as relações se dão continuamente tendo na comunidade o objetivo maior ou principal.

Figura 10 – Processo de desenvolvimento de coleções



Fonte: Evans e Saponaro (2005, p.8)

Infere-se que para conceber a visão da coleção como um todo se faz necessário compreender também as influências que o ambiente externo exerce sobre o seu desenvolvimento. Ater-se apenas a pontos fatuais, como explica Vergueiro (1989), não contribui para o domínio do processo de formação e desenvolvimento de coleções. No caso das bibliotecas universitárias as coleções devem atender aos objetivos da Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Uma vez que, à coleção de uma universidade tem uma forte tendência de crescimento devido à necessidade em diversificar os recursos informacionais para atender a pesquisa requerendo o acesso a diferentes pontos de vista. Segundo Vergueiro (1989) a seleção não seria tão importante no caso das bibliotecas universitárias pela exigência de ter um volume grande de recursos informacionais, mas, sim, o desbastamento e a avaliação da coleção; medidas importantes para a otimização do acervo.

Os autores Vergueiro (1989; 1993), Figueiredo (1998), Evans e Saponaro (2005) e Weitzel (2006) reforçam a importância do desenvolvimento de coleções como um processo ligado ao planejamento da biblioteca e que compreende as etapas de estudo da comunidade, políticas de seleção, seleção, aquisição, desbastamento e avaliação. Os autores são unânimes ao afirmar que o desenvolvimento de coleções está ligado ao objetivo da instituição a qual a biblioteca está inserida e ao conhecimento das necessidades informacionais dos seus usuários.

Entre as fases descritas pelos autores a política de desenvolvimento de coleções é um instrumento que respalda a seleção e formação de coleções, por isso é pertinente dar um enfoque para a conceituação e importância este documento.

4.1.2 Política de seleção de coleções

A implantação de uma política de desenvolvimento de coleções respalda a administração das bibliotecas estabelecendo diretrizes que permitem o crescimento ordenado e sistematizado do acervo. Para Vergueiro (1989) a elaboração de uma política contribui para nortear o trabalho do bibliotecário e explicitar a relação entre o desenvolvimento de coleções e o objetivo da instituição. A existência deste documento pode garantir uma coleção consistente e um crescimento balanceado dos recursos informacionais. O autor então conclui que uma política funciona como:

Diretriz para as decisões dos bibliotecários em relação à seleção do material a ser incorporado ao acervo e à própria administração dos recursos informacionais. É ela que irá prover uma descrição do estado geral da coleção, apontar o método de trabalho para consecução dos objetivos e funcionar como elemento de argumentação do bibliotecário, dando-lhe subsídios para discussão com autoridades superiores, tanto para a obtenção de novas aquisições como para recusa de imposições estapafúrdias. (VERGUEIRO, 1989, p. 25.)

Para Nice Figueiredo uma política de seleção pode ser conceituada como:

Um conjunto de diretrizes e normas que visa estabelecer ações, delinear estratégias gerais, determinar instrumentos e delimitar critérios para facilitar a tomada de decisão na composição e desenvolvimento de coleções em consonância com os objetivos da instituição e os usuários do sistema. (FIGUEREDO, 1998, p. 72).

Simone Weitzel reforça os conceitos acima:

A política de desenvolvimento de coleções é um instrumento importante por desencadear o processo de formação e crescimento de coleções, constituindo-se num documento formal elaborado pela equipe responsável pelas atividades que apoiam o processo de desenvolvimento de coleções como um todo. (WEITZEL, 2006, p.18)

Percebe-se que há entre os conceitos dos autores similaridades que fundamentam a importância desse instrumento como um documento formal, que contém diretrizes e contribui para auxiliar na gestão das coleções. Apesar de ser um documento considerado importante, existem bibliotecas que não tem políticas formalizadas ou atualizadas. Figueiredo (1998) quando realizou o levantamento solicitado pela CAPES em 1980 revelou que dos 140 questionários respondidos, 28 instituições mencionaram que tinham políticas, porém nenhuma delas encaminhou o documento formal, evidenciando talvez sua inexistência (WEITZEL, 2006). A provável inexistência das políticas nesse caso pode estar relacionada ao fato da disciplina desenvolvimento de coleções somente ter sido introduzida nos currículos de biblioteconomia a partir da década de 1980. O que justificaria, no Brasil, os profissionais ainda não estarem apropriados dos conhecimentos relacionados ao processo de desenvolvimento de coleções para elaboração destas políticas.

O bibliotecário deve ter participação ativa na construção do documento, este não deve ser um documento extenso, porém precisa apresentar diretrizes que cubram o máximo possível de situações que podem ocorrer sem estarem contempladas na política. Deve ser flexível para permitir atualizações e inclusões quando necessário considerando as mudanças no cenário institucional e social ao qual a biblioteca está inserida. (VERGUEIRO, 1989; FIGUEIREDO, 1998)

Vergueiro (2010) reforça que um documento de política de seleção bem estruturado, formalizado e registrado contribuirá para o enfrentamento de pressões que podem ser exercidas sobre o acervo além das decisões atuais e futuras sobre as coleções. Por isso, justifica-se por seu caráter:

Administrativo, com finalidade de garantir a continuidade dos critérios além da presença física de seus elaboradores; de *relações públicas*, ao tornar a biblioteca simpática aos olhos da comunidade; e *político*, ao proporcionar um instrumento para resistência ou gerenciamento dos conflitos e pressões em torno da coleção. (VERGUEIRO, 2010, p.71).

Ainda segundo o mesmo autor as questões específicas que envolvem a elaboração de uma política de seleção estão atreladas a sua estrutura e o nível de informação que podem conter. Em linhas gerais afirma que uma boa política deve conter: a identificação dos responsáveis pela seleção de materiais - pode ser do bibliotecário ou de uma comissão de seleção; b) Os critérios utilizados no processo - deverão ser detalhadamente especificados por cada biblioteca segundo critérios cotidianamente utilizados para seleção de materiais; c) Os instrumentos auxiliares - ou fontes de seleção podem ser catálogos de editores, resenhas,

bibliografias (catálogos de grandes bibliotecas) e listas de livros recomendados, instrumentos para seleção de periódicos; d) as políticas específicas - para seleção de materiais não-convencionais ou para determinada área do acervo, cada biblioteca deverá decidir sobre a inclusão ou não deste item na política. Os itens específicos podem ser as coleções de obras raras, memória institucional, etc.;

Em relação aos recursos digitais a recomendação é que exista uma política específica e complementar para documentos eletrônicos. Quando ambos os recursos existem (físico e digital) algum tipo de comparação deve ser expressa na política. A seção dedicada aos recursos eletrônicos também deve prever a atualização dos recursos tecnológicos *hardware* e *software* e questões técnicas relacionadas a acordos e licenças. Os procedimentos devem estar integrados e ser coerentes com a política geral de desenvolvimento de coleções (EVANS; SAPONARO, 2005; IFLA, 2012; RODRIGUES; CARVALHO, 2013).

Weitzel (2013) pondera que apesar das coleções de *ebooks* terem um diferencial, devem ser regidas pelos mesmos princípios seculares presentes na teoria de desenvolvimento de coleções. O diferencial está relacionado somente com a natureza dessas coleções que são digitais. Por isso, requer especificidades completamente diferentes de uma coleção de livros impressos. Aspectos relacionados ao acesso bem como a tecnologia necessária para permitir a consulta ou *downloads*, os direitos autorais e licenciamento são questões muito próprias destas coleções. Fora isso, será necessário definir critérios, estrutura para formação das coleções de *ebooks*, comissão de seleção, avaliação e desbastamento. Todos os elementos de uma política de desenvolvimento de coleções são aplicáveis.

Todas as fases processuais e cíclicas ligadas às concepções tradicionais podem ser aplicadas aos recursos informacionais em meio digital as diferenças estão relacionadas à forma de acesso, contratos de licenças de uso, a participação em consórcios para compartilhamento de recursos e preservação dos recursos digitais. Esses são específicos aos objetos digitais e devem constar na política de desenvolvimento de coleções.

4.2 OS RECURSOS DIGITAIS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

A biblioteca universitária reflete e processa as características, missão e objetivo da organização a qual pertence. Para Tarapanoff (1982) essa relação de dependência mostra que as mudanças nas formas de operação das universidades refletem nas bibliotecas que devem se adequar a essas transformações para não se tornarem obsoletas. De acordo com essa visão sistêmica pode-se dizer que as bibliotecas universitárias se constituem em subsistemas

vinculados a um sistema maior que é a universidade. Ainda sobre esse enfoque, recorrendo-se a Chiavenato (2010), pode-se entender a Universidade como um sistema aberto, caracterizado por um processo infinito de intercâmbio com o seu ambiente para troca de energia e informação com outros sistemas, sem perder a noção da totalidade.

Miranda (1978) apresenta uma visão social de biblioteca pública que se pode considerar extensível também as universitárias. Ele afirma que esse organismo é um fenômeno histórico em regime de mútua e permanente influência (interação) com o meio-ambiente, também porque toda instituição está ligada àqueles que a organizam:

[...] é uma célula viva capaz de ajustar-se a um plano diretor ou a um sistema geral sem perder de vista os seus próprios objetivos, sem renunciar a satisfazer as necessidades peculiares de seus próprios usuários. (MIRANDA, 1978)

Ainda sobre a função social da Universidade com difusora do conhecimento Fujita (2005) afirma que ela é parte de um sistema de informação mais amplo que pode ser denominado de sistema de informação acadêmico, integrado a sistemas de informação locais, regionais, nacionais e internacionais, considerando-se sua função social de divulgação do conhecimento.

Através dessa concepção percebe-se que o contexto externo (ambiente) é um fator preponderante a ser também considerado para a definição da atuação das Universidades e, conseqüentemente, para suas bibliotecas. Abordar a biblioteca como organismo dinâmico em interação com o ambiente possibilita, como já foi dito, situar a Universidade como entidade social (sistema, no sentido amplo), e a biblioteca (subsistema) como um elo fundamental nesse processo pelas funções e interface direta com os usuários internos e externos.

O cenário atual de explosão informacional e convergência dos suportes de informação na sociedade vem impulsionando as bibliotecas universitárias a ofertarem serviços e reavaliarem os seus processos proporcionando serviços de informação condizentes com o novo perfil de leitores que utilizam para acessar a informação desde o suporte impresso as tecnologias móveis. Tradicionalmente responsáveis pela coleta, seleção, registro, estocagem e disseminação da produção científica as bibliotecas universitárias vem transformando substancialmente esse papel e, junto com isso, o próprio conceito de biblioteca (ROSETTO, 1997; CUNHA, 1999; MARCONDES e SAYÃO, 2002; FUJITA, 2005).

Cunha (1999) afirmava que o crescente domínio da tecnologia de informação propiciaria um refinamento dos seus procedimentos automatizados. Para o autor a automatização impõe um passo adiante integrando as fontes eletrônicas aos acervos e serviços

mesmo para as bibliotecas universitárias. O mesmo autor posteriormente (2000) previa que, por volta do ano de 2010 a quase totalidade das bibliotecas universitárias estaria automatizada e ou digitalizada. Perspectiva corroborada por Fujita (2005) analisando as transformações ocasionadas pela revolução tecnológica da comunicação ampliando de forma exponencial a capacidade de produção, acumulação e veiculação de dados e informações.

O surgimento da Internet na década 1990 possibilitou à facilidade de acesso à informação, mas, em contrapartida, a dificuldade em estabelecer filtros para a recuperação da informação relevante¹⁵ armazenada na *World Wide Web* (WWW), questão vital para as bibliotecas especialmente as universitárias que respondendo pelo contexto do ensino superior demandam tanto a integridade como a confiabilidade do conhecimento (CUNHA, 2010, p, 7).

A questão da recuperação da informação relevante ou de qualidade para as bibliotecas universitárias surge, segundo Cunha (2010), mesmo antes da *Web* com o desenvolvimento de conteúdos digitais, a exemplo dos *Compact Disc Read-Only Memory* (CD-ROM), através de redes de cooperação e consórcios como solução para o intercâmbio de informação. Marcondes e Sayão (2002) citam exemplos: a publicação das fichas do catálogo da *Library of Congress* (EUA); o projeto *MARC Machine-Readable Cataloging* (Catalogação legível por máquina) em 1960; catálogos coletivos e bases de dados automatizadas. Vale notar que há indícios da cooperação entre bibliotecas nos EUA desde o final do século XIX, mais precisamente desde 1880 (BROWN, 1998; GRAELLS, 2005).

Como assinalado, às redes de cooperação e ou consórcios foram alternativas para o compartilhamento dos recursos digitais. Brown (1998) afirma que nos EUA a cooperação entre as bibliotecas permitiu um futuro seguro para os consórcios e apresenta alguns elementos em comum ou tendências ocorridas: a associação com uma universidade; a agregação de bibliotecas por região ou tipo (universitária, pública, outros); indicação de um responsável pelo governo estadual. Tal estratégia redundou no acirramento da competição entre consórcios que foram duplicados por vezes num só estado ou região procurando diminuir os preços dos produtos ofertados. Ao analisar o futuro dos consórcios para as bibliotecas norte-americanas Brown alerta para a perda de independência uma vez que vinculadas a decisão do grupo consorciado, por exemplo, quando da compra de base de dados. Por isso, recomenda uma análise – um equilíbrio – entre participar do consórcio ou

¹⁵ O conceito de relevância no que tange a recuperação da informação está na base de quase todas as avaliações experimentais de testes realizados sobre sistemas informatizados. Segundo esse princípio a relevância é a relação entre um documento e uma questão. O êxito da recuperação é medido pela relação entre documentos relevantes e não relevantes, recuperados e não recuperados (LE COADIC, 2004, p.80).

permanecer independente propondo a mudança de participação num determinado consórcio, ou então, o vínculo só com determinados serviços ou funções. Em relação à perspectiva do usuário:

A visão da biblioteca eletrônica para cada estudante ou para cada cidadão do Estado indica que o estudante ou professor de universidade, será o usuário de todas as outras bibliotecas. Essa visão presume um “usuário virtual” com direito a usar alguns serviços da biblioteca acadêmica sem pagar a matrícula da universidade. [...] a necessidade de fazer mais com menos dinheiro e menos pessoal serve de garantia de que haverá mais cooperação entre bibliotecas de todo o tipo. (BROWN, 1998, p. 61)

Krzyzanowski (2007) apresenta um panorama histórico dos programas de cooperação em bibliotecas universitárias no Brasil que foi influenciado pelo modelo norte-americano. Destacam-se alguns exemplos trazidos pela autora como: a Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), hoje Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde criado em 1967, responsável pelo intercâmbio de informações através do serviço de cópias de artigos científicos; o Programa de Comutação Bibliográfica (COMUT), criado em 1980, sob a responsabilidade da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior (CAPES). Segundo a autora esses programas envolvem bibliotecas governamentais, universitárias e especializadas promovendo a reprodução de documentos (artigos científicos, teses e partes de livros).

Na década de 1990 destaca-se a integração das três Universidades estaduais paulistas Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Estadual de São Paulo (USP) que, com o apoio da BIREME e Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), realizaram a cooperação entre seus acervos de livros e teses num catálogo coletivo em *CD-ROM* que foi publicado em 1992. Outras iniciativas como: o Programa de Informação e Comunicação para Ciência e Tecnologia (PROSSIGA)¹⁶ criado em 1995, tornou-se o primeiro repositório de bibliotecas virtuais; o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) criado em 1997 com o objetivo de promover a visibilidade nacional e internacional das revistas científicas brasileiras. Atualmente integraram ao seu acervo livros digitais com um projeto denominado *Scielo books*¹⁷. Outro Programa que merece destaque é a Biblioteca Eletrônica (PROBE)¹⁸ lançado pela FAPESP em 1999 como o objetivo de adquirir publicações periódicas

¹⁶ Disponível em < <http://prossiga.ibict.br/>> Acesso em 10 de jul. de 2013.

¹⁷ Comenta-se sobre esse projeto na seção 2.3.1 desta pesquisa. Disponível em < <http://books.scielo.org/>> Acesso em 10 de jul. de 2013.

¹⁸ Disponível em < <http://probe.bvs.br/transf.php?xml=xm/pt/about.xml&xsl=xsl/pt/text.xsl>. Acesso em 10 de jul. de 2013.

eletrônicas internacionais de forma compartilhada e cooperativa; as instituições participantes são estaduais e federais, situadas no Estado de São Paulo: USP, UNESP, UNICAMP, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), BIREME e Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), disponibilizando o acesso ao texto completo de revistas científicas eletrônicas internacionais e também as referenciadas na Base dados *Web of Science*. O Programa terminou em 2002, e os periódicos foram incorporados ao Portal CAPES, atualmente denominado Portal Brasileiro de Informação Científica que, segundo Krzyzanowski (2007, p.15) “expandiu de forma notável, as possibilidades de acesso à informação”.

Ainda sobre a questão dos consórcios Krzyzanowski (2007) cita uma iniciativa com vistas a reunir as bibliotecas de instituições de ensino superior privadas não contempladas pelo Programa da CAPES, que se organizaram em consórcio e criaram o Consórcio de Periódicos Eletrônicos (COPERE), sob a coordenação do Serviço Nacional de Aprendizagem comercial (SENAC). Participaram desse consórcio as instituições Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS), Universidade Católica de Santos (UNISANTOS) Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Universidade São Camilo e Universidade São Francisco. A partir de 2004, foi assinado um convênio entre a CAPES, SENAC e demais instituições participantes do COPERE passando a ter acesso às bases de textos completos e referenciais por elas assinadas.

No mesmo artigo Krzyzanowski salienta ainda que esse modelo de aquisição de revistas científicas internacionais levou a um novo paradigma de gestão da aquisição e acesso *online* à informação:

A adoção dessa prática de consórcio de bibliotecas envolveu tecnologia de ponta, ampliação dos laços com a pesquisa nas Instituições envolvidas, assim como união de esforços, dedicação e perseverança por parte dos seus participantes. Todo esse envolvimento teve como objetivo a ampliação do acesso à informação, com a redução ou divisão de custos orçamentários, reforçando as atividades de cooperação e compartilhamento, até então existentes informalmente. (Krzyzanowski, 2007, p.14)

Vale destacar o consórcio CRUESP¹⁹ formado pelos três sistemas de bibliotecas (USP, Unesp e Unicamp) criado em 2004, cuja premissa são a cooperação, o compartilhamento e racionalização de recursos (UNICAMP, 2013). Em 2007 ampliou o compartilhamento de recursos reunindo a sua coleção 188 mil livros digitais de todas as áreas do conhecimento, voltados para o ensino das três universidades.

¹⁹ Consórcio CRUESP. Disponível em < www.cruesp.sp.gov.br/bibliotecas> Acesso em 10 de julho de 2013.

Paralelamente às iniciativas dos consórcios proliferaram as bibliotecas digitais nos anos 2000, e diversos estudos começaram a ser desenvolvidos sobre a criação dessas bibliotecas (DRABENSTOTT, 1997; FUJITA, 2005; LEROUX, 2007; TAMMARO e SALARELLI, 2008; CUNHA, 2000). Alguns autores apresentam conceitos de biblioteca digital, virtual, eletrônica e híbrida (MARCHIORI, 1997; ROWLEY, 2002; BENÍCIO, 2005).

Para diferenciação entre os tipos de bibliotecas automatizadas recorre-se aos conceitos apresentados por Machiori (1997). A biblioteca eletrônica refere-se aos sistemas no qual os processos básicos da biblioteca são eletrônicos como: computadores, busca de textos completos *online*, recuperação e armazenagem de registros “podendo envolver-se em projetos para a digitalização de livros”. A biblioteca digital diferencia-se porque “a informação que ela contém existe apenas na forma digital, podendo residir em meios diferentes de armazenagem, como as memórias eletrônicas (discos magnéticos e óticos)”. As informações podem ser acessadas e compartilhadas instantaneamente em locais específicos e ou remotamente. A biblioteca virtual depende da tecnologia da realidade virtual onde um *software* próprio reproduz o ambiente de uma biblioteca em duas ou três dimensões, criando um espaço de total imersão e interação em que é possível entrar e: “circular entre as salas, selecionar um livro nas estantes, “tocá-lo”, abri-lo e lê-lo”. Para o conceito de biblioteca híbrida apresenta-se a visão de Garcez e Rados (2002) para os quais ela reúne diferentes tecnologias e fontes “refletindo o estado que hoje não é completamente digital, nem completamente impresso, utilizando tecnologias disponíveis para unir, em uma só biblioteca, o melhor dos dois mundos (o impresso e o digital).”

O conceito que mais se adequa às bibliotecas universitárias é o de biblioteca híbrida que reúne acervos físicos e várias tecnologias tanto para acesso a informação no ambiente físico como no seu espaço virtual (biblioteca virtual) armazenando acervos digitais (bibliotecas digitais) de conteúdos produzidos pela própria universidade ou adquirido por fontes externas (editores, distribuidores, livreiros).

Entre os projetos relacionados a bibliotecas digitais vale destacar a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) que faz parte de um projeto maior denominado Biblioteca Digital Brasileira (BDB) coordenado pelo Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia (IBICT) com a proposta de integrar em um único portal os repositórios de informação digital das instituições de ensino superior brasileiras (KRZYZANOWSKI, 2007).

A implantação da BDTD pode ser considerada uma iniciativa que corrobora os princípios dos Repositórios Institucionais (RI). Os RI relacionam-se a dois movimentos

internacionais: o *Open Archives Initiative* (OAI)²⁰ e o Movimento do Acesso Aberto (*Open Access*, AO)²¹. Surge oficialmente no Brasil em 2007, mediante Projeto de Lei apresentado à Câmara dos Deputados (PL) n. 1.120, proposto pelo Senador Rodrigo Rolemberg. As entidades são obrigadas a construir seus RI e neles depositar na íntegra a produção científica de docentes e discentes na esfera da graduação e pós-graduação. Os RI asseguram o acesso gratuito, livre e irrestrito à informação disponibilizada no meio eletrônico, em especial, àquela produzida mediante financiamento governamental “configurando-se como estrutura de sustentação para a quebra da hegemonia das editoras científicas comerciais”. (TARGINO, GARCIA e PAIVA, 2012, p.3).

O panorama apresentado reflete as diversas iniciativas voltadas para o compartilhamento de recursos digitais empreendidos pelas universidades e órgãos de fomento governamentais. Nota-se que os artigos técnicos, teses, dissertações e capítulos de livros eram os principais tipos de recursos disseminados nessas redes, o livro digital, passou a ser um recurso compartilhado em maior volume nos últimos 6 (seis) anos. Todo o aparato tecnológico que envolve a gestão e manutenção de coleções digitais afetam os processos relacionados ao desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias acrescentando novas especificidades que são inerentes a tais recursos. A tendência é a coexistência dos recursos impressos com os digitais (CUNHA, 1994; FUJITA, 2005). Isso estabelece a importância do desenvolvimento de coleções que está atrelado às necessidades institucionais e, conseqüentemente, a de seus usuários.

4.3 AS COLEÇÕES DIGITAIS

A condição prévia para que os usuários possam ter acesso à informação digital que efetivamente atenda as suas necessidades, situa-se em fases anteriores a sua disponibilização em rede e tem relação com uma política de seleção bem definida, a seleção propriamente dita e a aquisição, etapas que compõem o processo de desenvolvimento de coleções.

No que se refere ao desenvolvimento de coleções Cunha (1999) declara que: “antes da era digital as coleções desenvolviam-se de forma isolada. Na nova era esse desenvolvimento será, sem dúvida, coordenado, tornando-se um dos requisitos de gerenciamento e sobrevivência de qualquer biblioteca”. O próprio formato digital não permite esse isolamento já que está acessível a partir da plataforma *web*. Ele ainda enfatiza que: “é tempo de parar de

²⁰ OAI. Disponível em <http://www.openarchives.org>> Acesso em 10 de jul. 2013.

²¹ IBICT. Disponível em <http://www.ibict.br/openaccess>> Acesso em 10 de jul. 2013

pensar somente em termos de fontes impressas e disponíveis”; o documento digital não está apenas disponível, ele está acessível através de *links* que remetem os usuários a outras fontes de informação. Outros autores já apontavam esse cenário de modificações em relação ao processo de desenvolvimento de coleções com o advento dos recursos eletrônicos (FIGUEIREDO,1996; VERGUEIRO, 2010).

Weitzel (2002) afirma que os recursos digitais reforçam ainda mais a importância do processo de desenvolvimento de coleções centrado na identificação, seleção e categorização do conhecimento registrado disperso no mundo da informação. Para Tammara e Salarelli (2008) a principal diferença está no conceito de coleção digital como serviço que integra recursos heterogêneos distribuídos em rede, o maior impacto está no fato de que as bibliotecas não detêm mais a posse de muitas das coleções e recursos que adquirem, mas apenas uma licença de acesso. Rodrigues e Carvalho (2013) assinalam que a coleção digital pode ser compreendida como uma das partes ou subconjunto da coleção da biblioteca que tem crescido em dimensão e importância como também em diversidade e complexidade coexistindo recursos de produção própria ou externa, digitais desde a sua origem, ou digitalizados a partir de objetos materiais.

Destacam-se os aspectos apresentados por Cunha (1999) em relação às coleções digitais: *a) variedade de formatos*: o especialista em desenvolvimento de coleções precisará considerar os diversos formatos; *b) a biblioteca como conceito abstrato*: a biblioteca universitária numa realidade que não é apenas física, a tarefa de desenvolvimento de coleções incluirá funções relativas às atividades de hiperligações para mapear os recursos informacionais externos; *c) pagamento da informação*: será necessário conhecer os detalhes relativos as modalidades de contratação para acessar a informação; *d) esforços cooperativos*: para reduzir os custos da duplicação de acervos eletrônicos, em diversas universidades, haverá campo propício para ações cooperativas mediante convênios; a coleção local não será mais o foco primário de atenção e *e) Novas mídias e equipamentos*: para otimizar o uso do documento digital será necessário maior conhecimento de *hardware* e *software* por parte dos técnicos de desenvolvimento de coleções.

A *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) elaborou um guia para as bibliotecas acadêmicas, especialmente destinado as coleções de recursos eletrônicos. Esse guia concentra-se em recursos eletrônicos adquiridos ou assinados, disponíveis gratuitamente *online*, criado digitalmente ou materiais em múltiplos formatos, por exemplo, CD-ROM combinado com livro. O principal objetivo é conscientizar sobre os pontos chave que as bibliotecas deverão considerar para formação das coleções eletrônicas,

não pretende ser um trabalho exaustivo em função das mudanças que ocorrem nos meios tecnológicos necessitando de constante atualização.

Toma-se como base o guia para elencar os principais pontos relacionados as questões que envolvem as coleções de recursos eletrônicos:

- Viabilidade técnica: disponibilidade (acesso remoto, acesso autônomo), autenticação, compatibilidade, armazenamento e manutenção (acesso remoto, acesso local), plataformas de acesso aos recursos eletrônicos.

- Funcionalidade e confiabilidade: recuperação da informação, descarga de conteúdo, exportação e descarga, interface, integração.

- Apoio do provedor: capacitação dos usuários, demonstração de produtos, suporte técnico, relatório de estatística, Personalização do serviço, provisão de dados bibliográficos (MARC), segurança da informação e política de armazenamento.

- Fornecimento: modelo de compra (assinatura ou pago por consulta), opções de acesso, armazenamento, cotas de manutenção e direitos de cancelamento.

- Licenças: licenças modelo padrão, legislação vigente, responsabilidade pelo uso não autorizado, definição de usuários autorizados, definição de sítios autorizados, reembolsos, prazo do contrato, idioma de licença, comprimento com as leis vigentes na jurisdição que se encontra a biblioteca, caso seja um consórcio.

No que se refere à seleção o guia recomenda que a decisão para implantação de recursos eletrônicos envolva outros departamentos em função da complexidade dos temas relacionados ao acesso, propriedade, licenças, redes, padrões, etc. com a finalidade de determinar se um recurso é adequado à coleção da biblioteca. Essas informações devem ser confrontadas com a política de desenvolvimento de coleções de recursos eletrônicos.

Esses aspectos referem-se aos recursos digitais de um modo geral, o livro digital também está inserido nesse contexto, por ser um recurso de informação e difusão de conhecimento científico que vem ganhando espaço no universo das bibliotecas, fomentando discussões em torno do tema formação e desenvolvimento de coleções. A edição atual do periódico *BID textos universitaris de Biblioteconomia i Documentació da Universitat de Barcelona*, edição n.30 de junho de 2013, traz diversos artigos que tratam sobre as mudanças nas políticas de formação de coleções com a introdução do livro digital nas bibliotecas.

Em relação ao arcabouço teórico sobre o tema desenvolvimento de coleções de livros digitais os estudos concentram-se nos aspectos relacionados aos modelos de aquisição oferecidos pelos editores e agregadores de conteúdo através das plataformas de acesso (DÍEZ, 2006; GAMA-RAMÍREZ, 2006; CORDÓN-GARCIA; ARÉVOLO; DIAZ, 2011;

MENEZES; AMORIN NETO, 2011; ROMERO-OTERO; TOLEDO, 2013; GARCIA, 2013) empréstimo de livros digitais (CLAVERO et. al, 2009) políticas de aquisição licenças e direitos autorais (CÓRDON-GARCIA; ARÉVOLO, 2010) critérios de avaliação tomando como base o livro impresso (FAGUNDES, 2012).

Considerando que o aspecto do acesso é um ponto chave em relação aos recursos eletrônicos discute-se o paradigma do acesso e custódia das coleções de livros digitais.

4.3.1 Seleção de uma coleção de livros digitais: a custódia e o acesso

A presença do livro digital nos acervos informacionais disponíveis nas bibliotecas pode-se dizer que é uma realidade do século XX. A Universidad Nacional Autónoma do México (UNAM) conduz alguns projetos relacionados a esse tipo de recurso com enfoque na digitalização de livros impressos e elaboração de protótipos de textos digitais. Desde 2006 os livros digitais são uma realidade nos acervos dessa instituição (GAMA-RAMIREZ, 2006).

Nos Estados Unidos mais de 5.400 bibliotecas públicas oferecem livros digitais. A *New York Public Library* tem cerca de 18.300 títulos de livros digitais. A *OverDrive* é a empresa provedora de livros digitais para a maioria das bibliotecas públicas. As bibliotecas da Espanha começaram a emprestar os dispositivos eletrônicos com o objetivo de familiarizar os usuários com esta tecnologia (CÓRDON-GARCIA; ARÉVOLO, 2010). Entre as 50 (cinquenta) universidades existentes na Espanha, 36 mantém a assinatura de coleções de livros digitais (ALVITE,2006).

No Brasil o consórcio CRUESP resultado da união entre as Universidades (UNESP, UNICAMP e USP) disponibiliza na sua plataforma bases de dados de coleções de livros digitais desde 2007, com a vantagem da busca integrada ao conteúdo das bases.

Com base nos autores Gama-Ramirez (2006), Garcia-Cordón e Arévalo (2010) e Rodrigues e Carvalho (2013) são apresentados os principais modelos de negócios ofertados pelas editoras comerciais para aquisição de livros digitais pelas bibliotecas universitárias centrados em quatro questões essenciais:

- *A modalidade de aquisição*: pode ser compra perpétua do livro digital - implica uma aquisição permanente, porém os custos para a aquisição são mais altos. Significa adquirir o direito ao acesso e utilização perpétua ao conteúdo através da obtenção do suporte para utilização local ou o acesso remoto à infraestrutura do fornecedor; aquisição através de assinatura ou uma licença de acesso - tem custos menores, porém, a aquisição está condicionada a compra de “pacotes” e assinatura anual com a possibilidade de modificar a

lista dos títulos selecionados. A questão dos “pacotes” é serão encontrados livros que tem uso frequente assim como outros que nunca foram consultados.

- *Uso*: o uso é controlado mediante DRM para estabelecer limitações nas possibilidades de copiar, imprimir e compartilhar um livro digital. É utilizado para realizar o empréstimo permitindo estabelecer um tempo limitado de uso de tal forma que após transcorrer o período de empréstimo o arquivo digital é bloqueado.

- *Tipo de provedor*: pode ser o agregador que disponibiliza uma plataforma comum a vários editores e seu uso proporciona uma maior visibilidade do produto traduzindo-se em um incremento nas vendas de livros digitais; ou o próprio editor que pode oferecer possibilidades de seleção dos títulos dos livros.

- *Modo de seleção* – ocorre quando existe a possibilidade de escolha individual dos títulos que irão compor a coleção tal como o modelo tradicional em formato impresso. A vantagem é cobrir as necessidades dos usuários, porém o custo para as bibliotecas é maior.

O livro digital pode apresentar inúmeras vantagens como: acesso multiusuário, capacidade de armazenamento de informações, inclusão de animação, muito importante para as disciplinas da área de Saúde, interação com o usuário, podem ser utilizados recursos de hipertexto, entre outras características. Porém ainda é um desafio para as bibliotecas conseguir associar os seus interesses e expectativas com as práticas atuais ofertadas pelos editores que terminam limitando o acesso e difusão do livro digital sob a justificativa de proteção dos direitos autorais. Segundo Cordón-Garcia e Arévalo (2010) em geral os editores estão tendo uma atitude cautelosa e receiam que o empréstimo de livros afete negativamente a venda de livros impressos. Os editores estão esboçando um modelo de negócio que compatibilize os interesses de todos os agentes: autores, editores e leitores.

Um número crescente de Instituições estão comprando livros digitais em massa através de agregadores de conteúdo, os pacotes ofertados pelas grandes editoras comerciais são uma parte substancial das bibliotecas de pesquisa tornando essa tipologia de livros cada vez mais popular, a capacidade do setor para pagar mais recursos será um fator limitante para o crescimento dessas coleções (BAKER, 2008). O autor ainda acrescenta que algumas questões identificadas há algum tempo através de assinaturas de bases de dados de periódicos eletrônicos estão ocorrendo com os livros digitais, onde um número significativo de títulos comprados em “pacotes” nunca serão realmente acessados. Pode ocorrer também à sobreposição de títulos, apesar de existirem ferramentas para identificar estes títulos, talvez nem todos os “pacotes” estejam disponíveis para comparação. Segundo o mesmo autor, existe uma grande quantidade de informações que estão sendo coletadas sobre os padrões de uso,

utilizando sistemas, as bibliotecas precisam usar esses dados para escolher títulos com base em padrões de uso real de forma a adequar as coleções as necessidades reais dos usuários. Porém, os modelos de negócios atualmente militam contra isso, limitando o número de títulos que podem ser trocados sob a penalidade de cancelamento.

Frente aos desafios de acesso e custos para aquisição de livros digitais Tammaro e Salarelli (2008) recomendam que uma alternativa estratégica é unir-se em consórcios, pois as circunstâncias levam a cooperação exigindo das bibliotecas um plano de aquisição coordenado, incluindo alianças entre editores e fornecedores.

Ao refletir sobre o que é uma coleção frente aos avanços tecnológicos que mudaram radicalmente a busca de informações, Lee (2000) assinala quatro pressupostos principais: tangibilidade, propriedade, comunidade de usuários e um mecanismo de recuperação de informação integrado. Para o autor os dois primeiros pressupostos tem relação com a biblioteca tradicional onde os recursos tinham propriedade e eram materialmente tangíveis por isso são altamente limitativos. As bibliotecas atualmente orientam a formação das suas coleções para as formas de acesso e recuperação. Essa perspectiva é corroborada por Lancaster (1982) apud Tammaro e Salarelli (2008) salientando que os bibliotecários selecionam o que pode ser acessado e não mais o que comprar, no sentido de propriedade.

Em vista dos princípios que foram apresentados para formação e desenvolvimento de coleções uma questão que se coloca para os profissionais responsáveis pela seleção de recursos informacionais é como selecionar em uma época onde a informação é dinâmica e veloz? Para a presente pesquisa e no que diz respeito aos procedimentos de seleção de livros digitais a condição de compra ou de custódia surte efeitos diferenciados para as bibliotecas universitárias. A compra de livros digitais implica em ter uma estrutura tecnológica permanente que permita o acesso a esses conteúdos. Por sua vez, a custódia e o acesso de livros digitais dependem da oferta do mercado editorial sujeitando-se a existência daquela estrutura ou, então, do contrato firmado também com as mesmas editoras. A diversidade de formatos de livros digitais e ausência de interoperabilidade é uma questão que deve ser considerada no momento da seleção.

A explosão informacional gerou a desterritorialização e virtualização da informação (LEVY, 1999) conseqüentemente a atividade de seleção não pode estar atrelada apenas a informação impressa. Embora, os princípios da seleção de livros continuem os mesmos, com a disseminação do livro digital, o uso e custo das bases de dados, e as estratégias de consórcio acabaram por deslocar a própria ação da seleção por sobre o volume e a possibilidade de

integrar recursos hoje disponíveis, ou seja, o volume de recursos é exponencial e há uma multiplicidade de relações possíveis por causa das TIC e facilidades da *web*.

Assim, é necessário existir a oferta para que se faça a seleção, porém nem sempre os interesses das editoras são convergentes com os interesses das Universidades. As editoras organizam-se gerando modelos de negócios que favorecem a sua cadeia de valor e as bibliotecas universitárias que necessitam desse insumo para formar as suas coleções nem sempre tem opção de escolha do tipo de informação que efetivamente atende aos interesses dos seus usuários adquirindo “pacotes” que não são custodiados e nem selecionados, são assinados.

5 METODOLOGIA

A pergunta de partida dessa investigação ‘Como e em que bases (políticas e ou diretrizes) está sendo realizada a seleção das coleções de livros digitais adquiridas pelas universidades públicas do Brasil para alicerçar essas escolhas?’ sugere caminhos que nos levam a investigar as variáveis: convergência digital, bibliotecas universitárias, editoras, desenvolvimento de coleções e livros digitais. Considerando essas variáveis trabalhamos em um levantamento bibliográfico que contribuisse na fundamentação teórica da pesquisa e nos orientasse a construção da melhor estratégia metodológica para atingir os objetivos propostos.

Verificou-se que o arcabouço teórico sobre o tema livros eletrônico não é muito extenso, principalmente no que se refere à literatura em português. Sobre desenvolvimento de coleções há uma recorrência nos princípios relacionados à seleção e as políticas, mesmo as novas abordagens apresentadas por autores mais recentes tomam por base os autores “clássicos”. Sobre os recursos digitais nas bibliotecas universitárias tem-se um número maior de bibliografia, contudo especificamente desenvolvimento de coleções de livros digitais encontrou-se na literatura em espanhol, estudos de caso de implantação de livros digitais em bibliotecas universitárias que contribuiu com a discussão dos resultados. Em relação ao mercado editorial foram consultados relatórios estatísticos internacionais e de entidades representativas no Brasil (CBL). Para discutir sobre a convergência digital a literatura assentou-se em autores que discutem a virtualização dos recursos informacionais na sociedade e mudança na cultura da leitura.

Busca-se nesta pesquisa apresentar uma abordagem quantitativa e qualitativa, pois conforme Demo (2011) o caráter qualitativo supõe-se necessário para que os dados não fiquem apenas na constatação descritiva. Os métodos de pesquisa empregados procuram identificar e analisar as características e comportamento de uma determinada população, com vistas a proporcionar uma maior familiaridade com o problema tornando-o mais explícito, por isso pode ser caracterizada como descritiva (GIL, 2002).

Como técnica de coleta de dados o instrumento que melhor se adequou a problemática foi o questionário aplicado através do método *survey*. Segundo Babbie (2005) o *survey* é o método de pesquisa mais conhecido e amplamente usado nas ciências sociais, são utilizados para permitir enunciados descritivos sobre alguma população, ou seja, descobrir a distribuição de certos traços e atributos oferecendo elementos de investigação empiricamente verificável.

Além do questionário foi realizado o mapeamento nos sítios das universidades brasileiras para identificar quais delas disponibilizavam coleções de livros digitais e entrevista semiestruturada com profissionais ligados ao setor editorial e biblioteca universitária.

5.1 DELINEAMENTO DA AMOSTRA

Para o delineamento da amostra partiu-se, primeiramente, para identificação do quantitativo de bibliotecas universitárias existentes no Brasil, para tanto, utilizou-se a Base do Ministério da Educação *e-MEC*²² onde estão registradas todas as Instituições de Ensino Superior (IES) do país com cursos regulamentados. Através da busca avançada foi possível filtrar todas as universidades públicas e privadas do país. O resultado indicou o quantitativo de 192 Universidades, quando a pesquisa na base do MEC foi realizada em 06/2012.

De posse do quantitativo do número de universidades passou-se aos respectivos *sites* com o objetivo de verificar se nos *links* das bibliotecas centrais ou sistemas de bibliotecas estavam disponíveis coleções de livros digitais identificando ora por *link*, ora pela logomarca das editoras e/ou provedores comerciais²³ as bases de dados de livros digitais. Buscou-se também identificar quais bibliotecas universitárias disponibilizavam ao público a sua política de desenvolvimento de coleções, além do contato telefônico e e-mail para envio do questionário (Apêndice A).

O mapeamento nos *sites* das universidades nos levou a delimitar o parâmetro da amostra. Optamos em pesquisar as universidades públicas brasileiras que apresentavam em seus portais coleções de livros digitais. As universidades privadas, que também apresentavam livros digitais em seus portais seriam a amostra utilizada para aplicação do pré-teste. O primeiro mapeamento realizado em julho/2012 resultou em 25 (vinte e cinco) universidades públicas com coleções de livros digitais. O segundo mapeamento foi realizado em março de 2013 aumentando o número da amostra para 31 (trinta e uma) universidades públicas com coleções de livros digitais. Ainda que se tenha identificado no mapeamento 31 (trinta e uma) universidades públicas com coleções de livros digitais optamos por enviar o questionário para as 97 (noventa e sete) universidades públicas como o objetivo de coletar a opinião dos bibliotecários em relação à inserção do livro digital nas suas coleções contribuindo com a análise qualitativa da pesquisa.

²² Base do Ministério da Educação onde estão registradas todas as IES do país com cursos regulamentados. Disponível em <<http://emec.mec.gov.br/>>

²³ Fornecedores que ofertam o serviço de agregação de conteúdos produzidos pelas editoras científicas.

As bibliotecas universitárias normalmente desmembram-se em diversas bibliotecas setoriais, por isso, têm um sistema de bibliotecas ou uma biblioteca central que é responsável pela elaboração da política de desenvolvimento de coleções e aquisição. Partindo-se desse pressuposto, optou-se pelo envio dos questionários por e-mail para a coordenação das bibliotecas centrais dessas universidades.

5.2 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Para atingir os objetivos da pesquisa utilizou-se como técnica de coleta de dados o questionário estruturado. Vale mencionar algumas vantagens e desvantagens segundo Marconi e Lakatos em relação à aplicação de questionários como instrumento de pesquisas:

Vantagens - economiza tempo; atinge maior número de pessoas simultaneamente; abrange uma área geográfica mais ampla; obtém respostas rápidas e precisas; conta-se com maior liberdade nas respostas em razão do anonimato, além do que proporciona mais tempo para responder e de acordo com o momento mais favorável para o informante.

Desvantagens – percentagens pequenas dos questionários que voltam, principalmente se forem aplicados com recursos da *web* (os autores apontam uma margem de 6% a 25% de retorno); pode ocorrer um grande número de perguntas sem respostas pela impossibilidade de ajudar ao informante para melhor compreensão das perguntas. (MARCONI;LAKATOS, 2005, grifo nosso).

Ainda conforme orientação dos autores citados acima as perguntas foram elaboradas considerando as categorias relacionadas abaixo:

Perguntas fechadas que também são denominadas limitadas ou alternativas fixas, em que o informante escolhe sua resposta entre duas opções;

Perguntas de múltipla escolha – são perguntas fechadas, mas que apresentam uma série de possíveis respostas abrangendo várias facetas do mesmo assunto;

Perguntas de fato – dizem respeito a questões concretas, tangíveis, fáceis de precisar.

Perguntas abertas – são também chamadas livres ou não limitadas, permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões. (MARCONI;LAKATOS, 2005, grifo nosso)

O questionário foi estruturado em cinco grandes categorias de acordo com os objetivos traçados na pesquisa: identificar as políticas, verificar os critérios de seleção das coleções de

livros eletrônicos, verificar as formas de aquisição, averiguar se existem instrumentos de medição do uso das coleções, conhecer a infraestrutura para acesso aos livros eletrônicos e a última questão aberta para conhecer a opinião dos bibliotecários e contribuir na análise qualitativa da pesquisa.

Quadro 03 – Estrutura do questionário pré-teste

Objetivo	Questão
Identificação da instituição	01
01 Identificar se as políticas de desenvolvimento de coleções contemplam os recursos digitais	02 a 08
02 Verificar os critérios de seleção adotados pelas universidades para inserção do livro digital em suas coleções	09 a 10
03 Identificar as modalidades de aquisição (assinatura ou acesso perpétuo) e características de acesso.	11 a 15
04 Verificar se existem instrumentos para medição da coleção	16 a 22
05 Identificar os meios de divulgação e infraestrutura para acesso as coleções	23 a 24
Análise qualitativa - questão aberta para captar a opinião dos profissionais bibliotecários sobre a inserção do livro digital em suas coleções	25

Fonte: Dados da pesquisa (2003)

Foram utilizados dois instrumentos auxiliares para elaboração das questões sobre as áreas de conhecimento e editoras de livros eletrônicos: a tabela de conhecimento da CAPES e consulta ao portal da empresa Dotlib para realizar o levantamento das diversas editoras que atualmente produzem livros digitais.

Outra estratégia utilizada para coleta de informações foi à entrevista não estruturada na modalidade focalizada. Segundo Marconi e Lakatos (2005) há um roteiro de tópicos onde o entrevistador tem liberdade para fazer as perguntas que quiser, não obedecendo a uma estrutura formal.

Essa técnica de entrevista foi realizada por telefone no dia 27 de junho de 2013 com Eduardo Neves, gerente de vendas da empresa Dotlib e no dia 09 de outubro de 2012 houve uma entrevista presencial com Maria Luisa Laborda, responsável pelo setor de aquisições da UFBA.

Em uma fase exploratória da pesquisa outras estratégias metodológicas foram empreendidas como:

- Contato com agregadores de conteúdo para conhecer os modelos de negócio existentes no mercado, esse contato resultou no acesso *trial*²⁴ as plataformas *Pearson* e *Ebsco*.
- Organizou-se no Senai (empresa onde a pesquisadora atua como bibliotecária) um encontro com coordenadores de curso e docentes do ensino superior e o agregador de conteúdo *Dotlib*, com vistas a apresentação da plataforma de acesso aos livros digitais.
- Realizou-se o envio de e-mail e cadastro no *site* da Câmara Brasileira do Livro (CBL) para verificar se existia um relatório que sinalizasse indicadores de produção de livros digitais pelas editoras nacionais, já que um ponto crítico para a formação de coleções de livros digitais é a restrita produção de livros digitais técnico-científicos em português.
- Contactamos por *e-mail* e por telefone com o setor de ISBN e depósito legal da Biblioteca Nacional (BN) para saber se havia algum relatório anual com o registro de solicitações de ISBN para livros digitais, já que no próprio *site* da BN os relatórios anuais disponíveis não contemplavam essa informação. O *e-mail* enviado através do *fale conosco* não foi respondido pela BN.
- Realizado contato por *e-mail* com a Prof^a Dr^a Simone Weitzel (Apêndice C) para conhecer a sua opinião em relação às mudanças no desenvolvimento de coleções com a inserção dos livros digitais.
- Realizado contato por e-mail com o Livreiro Daniel Krasucki (Apêndice D) para conhecer as suas impressões em relação ao mercado de livros digitais.

O mapeamento nos portais das universidades permitiu delimitar a amostra e também coletar informações como: forma de divulgação dos livros digitais no *site*, formas de busca e identificação da base de dados de livros digitais, as áreas de conhecimento das coleções e se as políticas estavam disponíveis a partir do *site*. O resultado dessa coleta gerou uma matriz (Apêndice E) que contribuiu com a análise dos dados.

²⁴ *Trial* é um meio de distribuição de software semelhante a uma versão de demonstração (demo). Os fornecedores podem permitir o acesso por tempo limitado para análise do produto, sendo bloqueado após o período determinado.

5.2.1 Pré-teste

Conforme salienta Gil (2002) é necessário pré-testar o instrumento antes da sua utilização. O pré-teste não visa captar qualquer aspecto relacionado aos objetivos do levantamento, mas sim avaliar o instrumento, testar o vocabulário empregado nas questões e assegurar que as observações a serem feitas possibilitem medir as variáveis.

Uma vez elaborado o instrumento de pesquisa foi aplicado o pré-teste nas 29 (vinte e nove) universidades privadas que apresentaram bases de dados de livros digitais em seus portais. Seguiu-se a diretriz de Marconi e Lakatos (2005) e Gil (2002) ao afirmarem que o questionário deve ser aplicado em populações com características semelhantes, mas, nunca naquela que será alvo da pesquisa. O questionário foi enviado por e-mail (Apêndice B) em 28/05/2012 e permaneceu ativo até dia 10/06/2012.

Obtivemos o seguinte resultado do pré-teste: dos 29 (vinte e nove) questionários enviados, 26 (vinte e seis) chegaram aos seus destinatários; três *e-mails* retornaram, uma instituição retornou informando que não participa desse tipo de pesquisa e apenas 6 (seis) instituições responderam ao pré-teste, o que corresponde a 20% da amostra.

O resultado da aplicação do questionário teve um percentual bastante baixo, em função disso analisamos primeiramente se o formato do questionário em *excel* seria o mais adequado para a aplicação. Então, optamos em solicitar por *e-mail* para profissionais bibliotecários e professores da nossa rede de trabalho, que avaliassem as facilidades ou dificuldades do instrumento. Contatamos através de *e-mail*: Márcia Medeiros, bibliotecária supervisora técnica do serviço de biblioteca do Museu Paulista, a Profa. Dra. Guilhermina Terra da Universidade Federal do Amazonas (UFMT) e a Profa. Dra. Cristina Ortega da escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). As três profissionais comentaram que o questionário estava bem modelado, entretanto, ponderaram que, possivelmente, o formato do questionário não fosse muito adequado, talvez os bibliotecários não tivessem muita familiaridade com a ferramenta, sugerindo o formato *word*. A partir desse resultado, começamos a investigar outro formato que facilitasse a captação das respostas chegando à plataforma *surveymonkey*.

5.2.2 Questionário final (Survey)

Após o resultado do pré-teste houve uma reformulação do questionário, utilizando-se o sistema *surveymonkey*. Constitui-se em uma ferramenta *web* que permite realizar a modelagem, parametrização e apresentação visual do questionário.

O questionário (Apêndice F) foi modelado e estruturado em três páginas divididas da seguinte forma:

Quadro 04 – Estrutura do questionário *surveymonkey*

Página 01 – Apresentação da pesquisa, da entidade patrocinadora e da importância das respostas para atingir os objetivos.	
Página 02 – Questões 01 a 07	
Objetivo da pesquisa	Questão
Identificação da instituição – nome da universidade e categoria administrativa (federal, estadual ou municipal) variável importante que permitiu o cruzamento dos dados da pesquisa. Para isso, utilizou-se um recurso do sistema em que se atribui à questão 02 um caráter obrigatório.	Questões 01 a 02
Objetivo 01 – Identificar as instituições que possuem políticas de desenvolvimento de coleções, a abrangência dos recursos de informação e os profissionais envolvidos na elaboração.	Questões 03 a 07*
Página 03 – Questões 08 a 34	
Objetivo da pesquisa	Questão
Objetivo 02 - Verificar os critérios de seleção adotados pelas universidades para inserção do livro digital em suas coleções	Questões 08 a 18
Objetivo 03 - Identificar as modalidades de aquisição (assinatura ou acesso perpétuo) e características de acesso	Questões 19 a 23
Objetivo 04 - Verificar se existem instrumentos para medição da coleção	Questões 24 a 27
Objetivo 05 - Identificar os meios de divulgação e infraestrutura para acesso as coleções	Questões 29 a 32
Análise qualitativa – pergunta de múltipla escolha com um campo descritivo solicitando ao respondente a sua opinião sobre a inserção do livro digital nas coleções das universidades públicas. Essa questão contribuiu para a análise qualitativa da pesquisa.	Questão 33

Fonte: elaboração do autor (2013)

(*) Questão 07 – pergunta chave que estabeleceu um filtro entre as bibliotecas universitárias que tinham coleções de livros eletrônicos e as que não tinham. Utilizou-se um recurso do sistema chamado *lógica de ramificação*. Os respondentes que assinalavam que não tinham coleções de livros eletrônicos, foram remetidas para a questão 33, uma pergunta aberta, solicitando a opinião dos profissionais sobre a inserção do livro digital na biblioteca universitária. As que assinalavam que tinham prosseguiram com o questionário.

A ferramenta *websurvey* é simples de ser utilizada, possui recurso de ajuda no próprio *site* e serviço de suporte por e-mail. Quanto a parametrização optou-se por configurar o sistema da seguinte forma: permitir mais de uma resposta por computador, permitir aos

respondentes retornarem as questões para visualizar as respostas, após o envio não permitir uma nova utilização do *link*. Essas parametrizações foram importantes para garantir a confiabilidade dos dados.

Após modelagem e parametrização do questionário solicitamos a Profa. Dra. Nanci Oddone²⁵ que ministrou a disciplina ICI livros eletrônicos no Instituto de Ciência da Informação da UFBA para avaliar o instrumento/questionário e o respectivo conteúdo.

Conforme pesquisa na base *e-Mec* as universidades públicas no Brasil somam o total de 97 (noventa e sete). Obtivemos contato de 80 (oitenta) bibliotecas através do mapeamento nos *sites*. 17 (Dezessete) dentre as universidades públicas não foi possível encontrar o contato de *e-mail* no *site*, tratavam-se de universidades públicas estaduais que não tinham em seus portais coleções de livros eletrônicos. Portanto, conforme planejamento estabelecido na pesquisa para o período de coleta de dados, o questionário (Apêndice F) foi enviado através de *weblink* (<https://www.surveymonkey.com/s/ColEbook>) para os 80 (oitenta) coordenadores das bibliotecas centrais das universidades públicas no dia 10/04/2013 e reenviado para os não respondentes nos dias: 13, 23/04/2013 e 14/05/2013 o coletor de respostas foi fechado dia 20/05/2013.

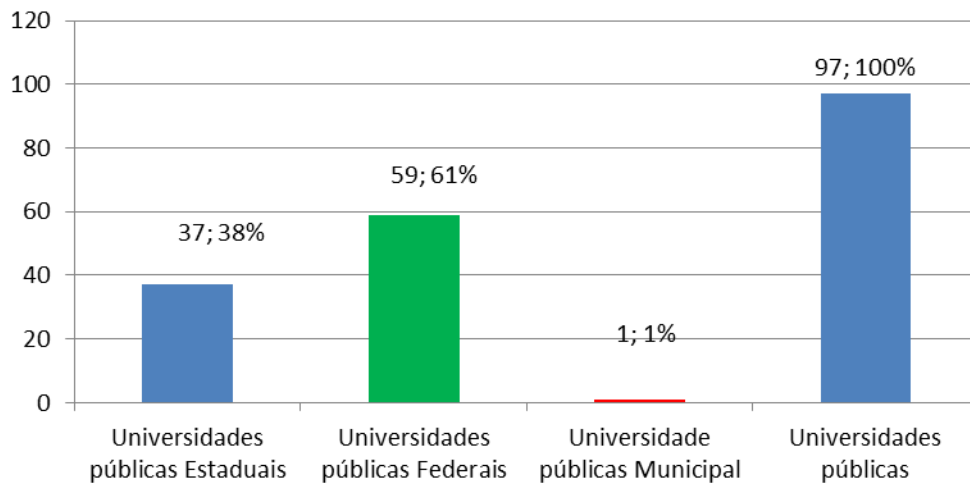
Após o fechamento do coletor de dados no sistema *surveymonkey* o passo seguinte implicou na necessária análise pormenorizada das respostas e impressão das respostas individuais para verificar se não houver duplicidade. Não havendo duplicidade nas respostas exportamos o relatório dos dados recolhidos para o formato PDF, com objetivo de ter um dimensão geral dos resultados e em formato excel para que fosse possível realizar a análise e cruzamento de dados. Passamos a seguir a comentar os resultados obtidos dos questionários.

²⁵ Foi de grande valia os comentários da Profa. Dra. Nanci Oddone (UNIRIO), a quem registramos nossos agradecimentos.

6 RESULTADOS

A base de dados e-MEC do Ministério da Educação (MEC) reúne informações sobre todas as Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil. Mediante uma consulta utilizando o recurso avançado foi possível filtrar por organização acadêmica: “universidades” e por categoria administrativa: “públicas estaduais, federais e municipais”.

Gráfico 03 – Quantitativo de universidades públicas por categoria administrativa



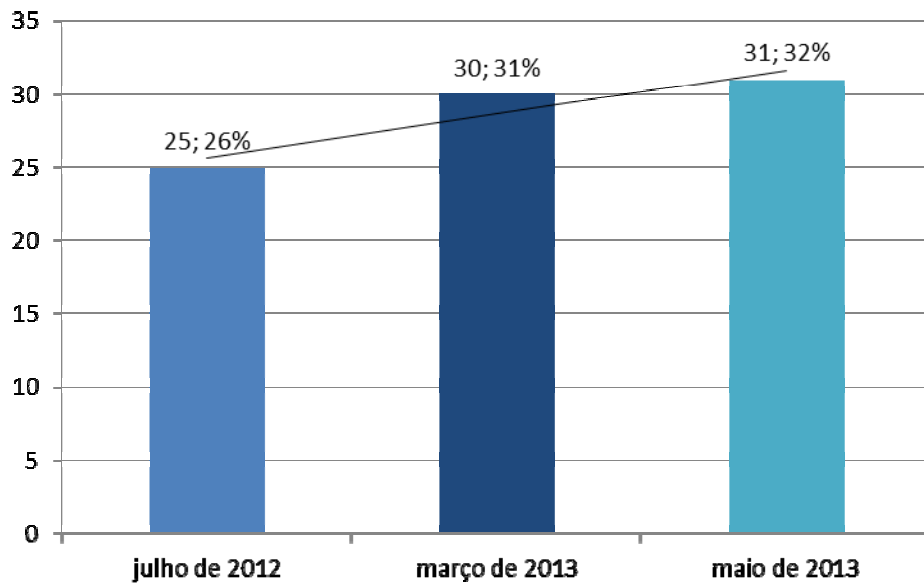
Fonte: Portal e-Mec. (BRASIL. Ministério da Educação, 2013)

Na base do MEC estão registradas 97 (noventa e sete) universidades públicas: 37 (trinta e sete) estaduais; 59 (cinquenta e nove) federais, e apenas 1 (uma) municipal. As universidades federais são em maior número no país representando 61% em relação ao total de universidades públicas.

Conforme especificado no delineamento da amostra realizou-se o mapeamento nos portais dessas universidades públicas para identificar quais disponibilizavam coleções de livros digitais. O primeiro mapeamento foi realizado em julho de 2012 resultando em 25 (vinte e cinco) universidades com coleções de livros digitais, o segundo mapeamento foi realizado em março de 2013 resultando em mais 5 (cinco) universidades, após o cruzamento do mapeamento com as instituições que assinalaram que tem coleções de livros digitais (questão 7 do questionário que será comentado no próximo item) resultou em um total de 31 (trinta e uma) universidades brasileiras que ofertam coleções de livros digitais em seus portais. Em termos percentuais esse quantitativo corresponde a 32% do total dessas

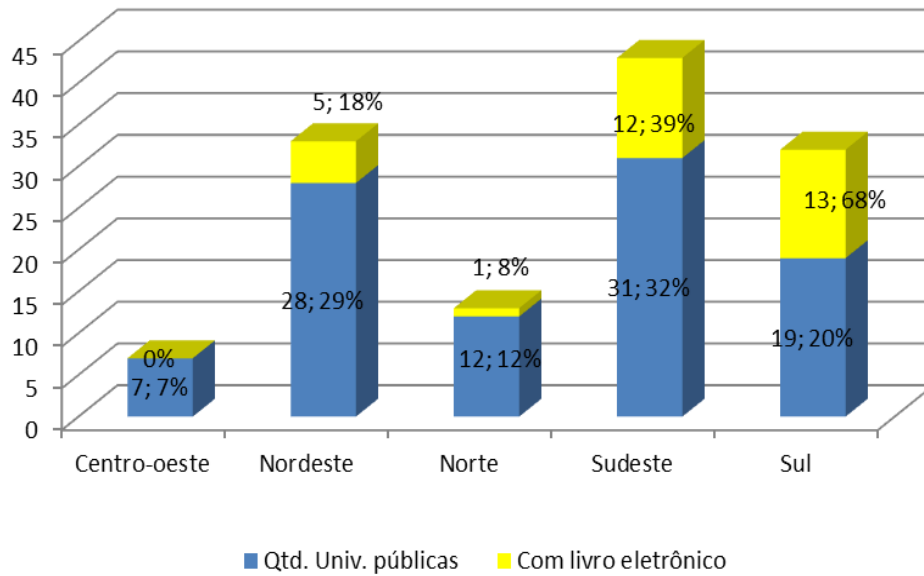
universidades públicas. A curva de tendência do gráfico sinaliza o crescimento do percentual de coleções de livros digitais de 6% no período de menos de um ano.

Gráfico 04 – percentual de crescimento das coleções de livros digitais a partir do mapeamento nos portais das universidades



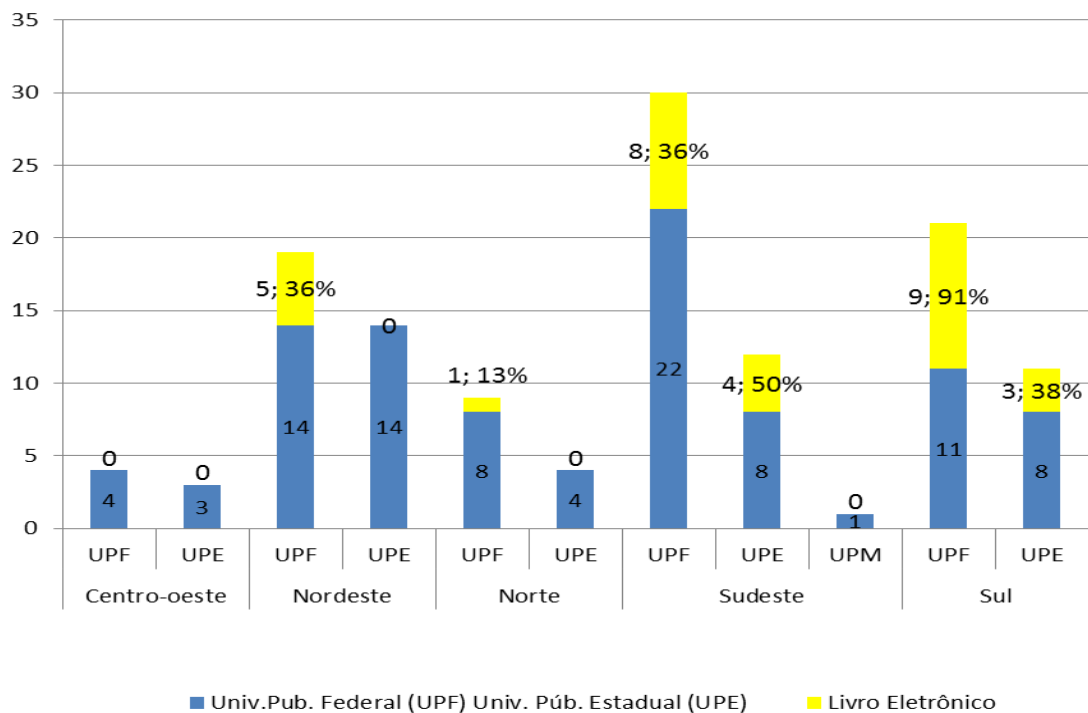
Fonte: dados da pesquisa (maio/2013)

O passo seguinte foi segmentar as universidades públicas por região geográfica quantificando as que têm coleções de livros digitais. Observa-se que em todas as regiões do Brasil, exceto na região Centro-Oeste, encontram-se coleções de livros digitais disponibilizadas nos portais das universidades públicas através de *link* postado no *site* da biblioteca. Na região Sudeste 39% das universidades inseriram coleções de livros digitais; na região Sul o percentual de universidades com coleções de livros digitais representa 68% em relação ao total de universidades públicas da região. A região Norte do país conta com uma única universidade federal representando 8% em relação a região e na região Nordeste 18% das universidades públicas disponibilizam coleções de livros digitais em seus portais. conforme gráfico a seguir:

Gráfico 05 – Coleções de livros digitais por região geográfica

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

O dimensionamento da concentração de coleções de livros digitais entre universidades públicas federais e as estaduais (categoria administrativa) por região pode ser analisada no gráfico a seguir:

Gráfico 06 – Concentração de livros digitais entre universidades públicas por categoria administrativa e regiões geográficas

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Embora o número de universidades públicas federais da região Sul seja menor do que na região Sudeste, os dados apontam que as universidades do Sul do país têm empreendido maiores esforços para inserção do livro digital em suas coleções com 91% em relação ao total de universidades federais na região, já as universidades estaduais estão com um percentual de 38% em relação ao total de universidades estaduais. A região sudeste que conta com o maior número de universidades federais do país, 36% delas têm coleções de livros digitais. Em relação às universidades estaduais observa-se que nas regiões Centro-oeste, Norte e Nordeste não foi identificada nenhuma base de dados de livros digitais nos portais. Em relação às federais no Norte do país apenas 1 (uma) a UFRR tem coleções de livros digitais representando 13% em relação ao total de universidades públicas federais da região e no Nordeste 36% das universidades federais tem coleções de livros digitais. Um cenário que parece comum é o fato das universidades públicas estaduais terem poucas iniciativas de inserção de coleções de livros eletrônicos, excetuando as estaduais do sudeste como a: USP, UNESP, UNICAMP e UERJ.

O cruzamento do mapeamento nos portais das universidades com os respondentes que assinalaram que tem coleções de livros digitais resultou no quadro a seguir com a identificação das universidades públicas que tem coleções de livros digitais.

Quadro 05 – Relação das universidades públicas com coleções de livros digitais







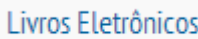




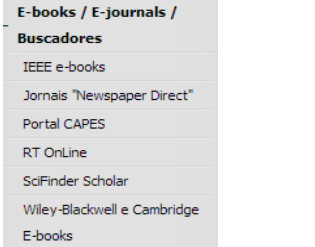



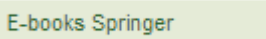
Região	N.	Universidades públicas	Natureza administrativa
NE	1	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Federal
	2	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Federal
	3	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	Federal
	4	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	Federal
	5	Universidade Federal do Ceará (UFC)	Federal
NO	6	Universidade Federal de Roraima (UFRR)	Federal
SE	7	Universidade de São Paulo (USP)	Estadual
	8	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	Estadual
	9	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	Estadual
	10	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)	Estadual
	11	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Federal
	12	Universidade Federal de Itajubá (UNIFEL)	Federal
	13	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	Federal
	14	Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)	Federal
	15	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Federal
	16	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	Federal
	17	Universidade Federal do ABC	Federal
18	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Federal	
SU	19	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Estadual
	20	Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	Estadual
	21	Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)	Estadual
	22	Fundação Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)	Federal
	23	Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)	Federal
	24	Fundação Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Federal
	25	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)	Federal
	26	Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)	Federal
	27	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	Federal
	28	Universidade Federal de Santana Catarina (UFSC)	Federal
	29	Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	Federal
	30	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Federal
	31	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Federal

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Os portais das universidades são ferramentas importantes para divulgação dos seus produtos e serviços. O espaço da biblioteca, nestes portais, propicia para os usuários o acesso

a diversas fontes de informação desde as gratuitas, mediante o *link* das bases de dados de acesso público a obras de diversas áreas do conhecimento, até os serviços que são adquiridos como as plataformas de acesso a livros digitais, para incrementar, atualizar e inovar em termos de acesso a informação que atenda as necessidades dos usuários. O quadro abaixo apresenta alguns exemplos de divulgação dos livros digitais nos sites das universidades:

Quadro 06 – Divulgação dos livros digitais nos sites das universidades públicas

Universidades	Divulgação <i>link</i> de acesso aos Ebook	Universidades	Divulgação <i>link</i> de acesso aos Ebook
UFBA		UFPR	
UFPB		UEL	
UFAL		UFF	
UFC		UNIFEI	
UFRR		UFSC	
USP		UFS	
UERJ		UFCSA	
UNICAMP		UNIPAMPA	

Fonte: elaborado pela autora (2013)

A estratégia de mapear os *sites* das universidades públicas permitiu conhecer o panorama geral de acesso as coleções de livros digitais assim como levantar dados específicos: a identificação das editora ou provedores de serviço, as áreas de conhecimento contempladas, se havia algum tutorial para auxiliar os usuários sobre o uso da plataforma, se

essa recuperação era através de uma busca integrada ou não e se as políticas de desenvolvimento de coleções estavam disponíveis nos sites.

Observaram-se algumas características em relação à forma como as coleções são divulgadas nos sites. Algumas universidades utilizam apenas o *link* da editora ou provedor de serviço sem mencionar que é uma coleção de livros digitais (UEPG, UNIOESTE, UFPEL, UFAL, UFCSPA; UFTPR, UFPB, UNIFEI, UFJF, UFSCAR, UNIRIO) o acesso a coleção só foi possível entrando na relação de bases de dados, ou selecionando link do provedor ou editora, para verificar se havia alguma indicação que eram livros eletrônicos, nesse caso o usuário precisa ter um conhecimento prévio das bases de dados ou editora. Porém existem universidades que destacam a coleção de livros digitais usando um *link* com a nomenclatura “livro eletrônico” (UFBA, UFC, USP, UERJ, UFSC, UFGD, UFMS, UFRGS, UFSC) ou “*e-book*” (UFS, UFRR, UNESP, UFFS, UFES, UEL, UFPR, FURG, UFABC) que remetem o usuário diretamente para a base de dados de livros digitais. Constata-se que em termos de nomenclatura metade das instituições que fazem divulgação da coleção usam a nomenclatura “livro eletrônico” e a outra metade usam “eBook” a nomenclatura “livro digital” não tem sido utilizada para divulgação. Em relação à busca e recuperação da informação observou-se que apenas três universidades (USP, Unicamp e Unesp) incluem a opção de busca integrada, nas demais (28) o usuário deve fazer a busca em cada uma das bases para uma única pesquisa. Para sistematizar os dados recolhidos elaboramos uma matriz (Quadro 07) onde estão consolidadas as informações do mapeamento.

Quadro 7 - Matriz de coleta de dados a partir do mapeamento nosites das universidades

Região	Universidade Pública	Busca integrada	Formas de acesso		Nomenclatura	Identificação da editora/provedor de conteúdo		Possui tutorial com orientações de acesso	Políticas de desenvolvimento de coleções disponíveis no site
			Link editora	Link Provedor		Editoras	Provedor de conteúdo / Base de dados		
Nordeste	UFBA	Não	—	x	Livros eletrônicos	Atheneu	Dotlib	Não	Sim
	UFAL	Não	—	x	Link do provedor de serviço	—	Dotlib	Não	Não
	UFS	Não	x	x	<i>E-books</i>	Atheneu / Spinger/ Ovid	Dotlib	Não	Não
	UFC	Não	x	—	Livros eletrônicos	Atheneu / Springer	Dotlib	Não	Não
	UFPB	Não	—	x	Link do provedor	—	Ebrary	Não	Não
Norte	UFRR	Não	x	x	<i>E-books</i>	Atheneu / Spinger	Dotlib / IEEE Xplore	Não	Não
Sudeste	USP	Sim	—	—	Livros eletrônicos	Não foi possível verificar em função da busca integrada, reúne <i>eBooks</i> assinados, gratuitos e do Portal Capes	—	Não	Não
	UERJ	Não	x	—	Livros eletrônicos	Cambridge / Wiley / Springer	IEEE Xplore	Sim	Não
	UNICAMP	Sim	—	—	Livros	Não foi possível verificar em função busca integrada	—	Sim	Não
	UNESP	sim	x	—	<i>E-books</i> da Unesp E-books assinados	CRCnetBASE / Lippincott Williams & Wilkins (LWW) E-livro / Energy & Environmental Sciences MOMW - The Making of the Modern World Referex / Safari	Ebrary / NetLibrary;	Não	Não
	UFFS	Não	x	x	e-books	Atheneu / Zahar / Spinger	Dotlib	Não	Não
	UNIFEI	Não	x	x	Links da editora	Person	Person	Não	Não
	UFJF	Não	x	x	Link da editora	Atheneu/ IEEE xplore / Person	Person	Não	Não
	UFSCAR	Não	x	—	Não há divulgação	Wilwy / Atheneu	Dotlib	Não	Não
	UFES	Não	x	—	E-books	Atheneu / Cambridge books / Wiley	IEEE Xplore	Não	Não
	UNIRIO	Não	x	—	Não há divulgação	—	Ebrary	Sim	Não
UFABC	Não	x	—	Ebooks	Springer	Dotlib	Não	Não	

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Quadro 7 - Matriz de coleta de dados a partir do mapeamento nosites das universidades

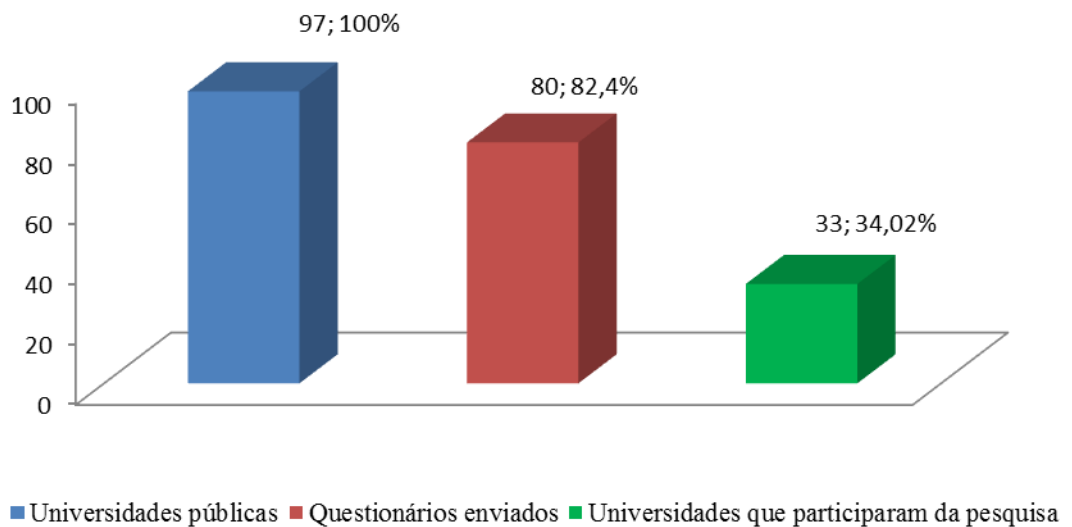
Região	Universidade Pública	Busca integrada	Formas de acesso		Nomenclatura	Identificação da editora/provedor de conteúdo		Possui tutorial com orientações de acesso	Políticas de desenvol. de coleções disponíveis no site
			Link editora	Link Provedor		Editoras	Provedor de conteúdo / Base de dados		
Sul	UEL	Não	—	x	ebooks	Ateneu/ Springer	Dotlib	Não	Não
	UEPG	Não	—	x	Link provedor	—	Dotlib	Não	Não
	UNIOESTE	Não	—	x	Link provedor	—	Dotlib	Não	Não
	UFPEL	Não	—	x	Link provedor	—	Dotlib	Não	Não
	UFGD	Não	—	x	Livros eletrônicos	Não foi possível verificar	Dotlib	Não	Não
	UFCSPA	Não	x	x	Link do editor ou provedor	McGraw - Hill	Access Medicine E-volution (plataforma virtual)	Sim	Não
	UNIPAMPA	Não	x		E-books	Springer	Dotlib	Não	Não
	UFMS	Não	x	x	Livros eletrônicos	Atheneu / Springer	Dotlib	Não	Não
	UFPR	Não	x	—	ebooks	Elsevier	Acess Medicine	Não	Não
	FURG	Não	x	—	ebooks	Spinger	—	Sim	Não
	UFRGS	Não	—	—	Livros eletrônicos	Acess Medicine / Evolution / Clinical Key Euromonitor internacional / Doab directory of open access book / RSC / Spinger /Atheneu / Zahar Access engineering - Editora mcGrawHill The MIT Press	Ebrary / IEEE Xplore / Euromonitor Internacional	Não	Não
	UFSC	Não	x	x	Livros eletrônicos	IEEE xplore / IET / Wiley / Springer / Zahar Atheneu / Elsevier	Person / Ebrary Ebsco Host / Dotlib	Sim	Não
	UTFPR	Não	x	x	Bases de dados	—	IEEE Xplore / digital library / Ebrary Business Source Premier	Sim	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

6.1 IDENTIFICAÇÃO DOS RESPONDENTES

Nesse tópico comentamos os resultados da coleta de dados a partir do questionário (Apêndice F). Conforme a pesquisa na base do MEC demonstrada no gráfico 3, há 97 (noventa e sete) universidades públicas (estaduais e federais). Como assinalado, a meta era a de entrar em contato com todas essas instituições. Entretanto, 17 (dezesete) universidades públicas estaduais mesmo disponibilizando - *via* site - a indicação do número do telefone para contato, não atenderam as chamadas, além do que não contam (ou disponibilizam) os endereços eletrônicos como outra via de comunicação. De todo modo, ainda segundo os *sites*, essas mesmas universidades não dispõem de coleções digitais, o que não traria impacto nos resultados da pesquisa embora pudessem colaborar nos aspectos qualitativos. Por isso o questionário foi enviado para a coordenação geral das (oitenta) bibliotecas centrais das universitárias públicas. O gráfico abaixo demonstra o resultado da participação dessas universidades.

Gráfico 07 – Percentual de participação das bibliotecas universitárias na pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Obtivemos um percentual de participação de 41,25% em relação ao total de questionários enviados. A participação foi bastante expressiva considerando que questionários web tem um percentual de resposta entre 6 a 25% (MARCONI; LAKATOS, 2005) O quadro abaixo relaciona as 33 (trinta e três) universidades que participaram da pesquisa:

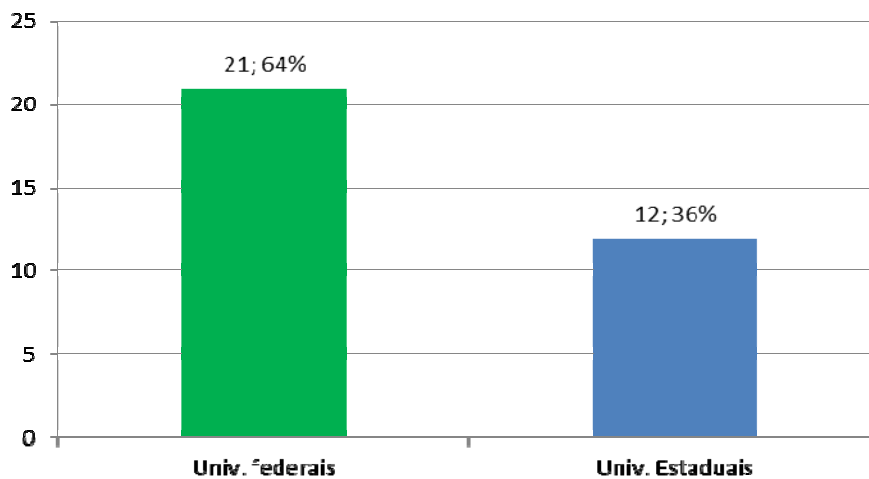
Quadro 08 – Universidades que responderam a pesquisa

Região	N	Universidades Públicas	Categoria administrativa
CO	1	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS (UFT)	Federal
	2	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (UEG)	Estadual
NE	3	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF)	Federal
	4	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)	Estadual
	5	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS - UNCISAL (UNCISAL)	Estadual
	6	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS)	Estadual
	7	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO (UEMA)	Estadual
	8	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)	Federal
	9	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)	Federal
	10	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)	Federal
	11	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)	Federal
	12	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)	Federal
NO	13	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA)	Estadual
	14	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA (UFRA)	Federal
	15	UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA (UFRR)	Federal
SE	16	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC)	Federal
	17	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	Estadual
	18	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	Estadual
	19	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (UNESP)	Estadual
	20	UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)	Federal
	21	UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)	Federal
	22	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	Federal
	23	UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)	Federal
	24	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	Federal
	25	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)	Federal
26	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)	Federal	
27	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	Federal	
SU	28	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD)	Federal
	29	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE (UFCSPA)	Federal
	30	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)	Estadual
	31	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG)	Estadual
	32	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)	Estadual
	33	UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ (UTFPR)	Federal

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

O gráfico abaixo demonstra que a maior participação na pesquisa foi das bibliotecas centrais das universidades públicas federais, representando 64% (21); as bibliotecas centrais das universidades públicas estaduais representam 36% (12) dos respondentes.

Gráfico 08 - Percentual de participação das bibliotecas universitárias na pesquisa por categoria administrativa



Fonte: dados da pesquisa (2013)

Conforme especificado na metodologia os questionários foram enviados para os coordenadores das bibliotecas centrais. Obtivemos como resultados a participação de 92,6% (25) dos coordenadores das bibliotecas centrais ou sistemas de bibliotecas; 7,4% (2) dos bibliotecários de aquisição/seleção. Dos 8 (oito) respondentes que assinalaram “outros cargos” 5 (cinco) repetiram o cargo de coordenação geral, 1(um) identificou-se como superintendente de biblioteca, 1(uma) diretora do sistema de bibliotecas e 1 (uma) bibliotecária de referência. Seis (6) respondentes não informaram os seus cargos. A tabela que segue demonstra o percentual de participação dos respondentes.

Tabela 01 – Cargos dos respondentes

Indique a sua função na biblioteca		
Cargos	%	Respostas
Coordenação geral	92,6%	25
Bibliotecária (o) de aquisição/seleção	7,4%	2
Outro (especifique)		8
Questão respondida		27
Questão ignorada		6
Total		33

Fonte: dados da pesquisa (2013)

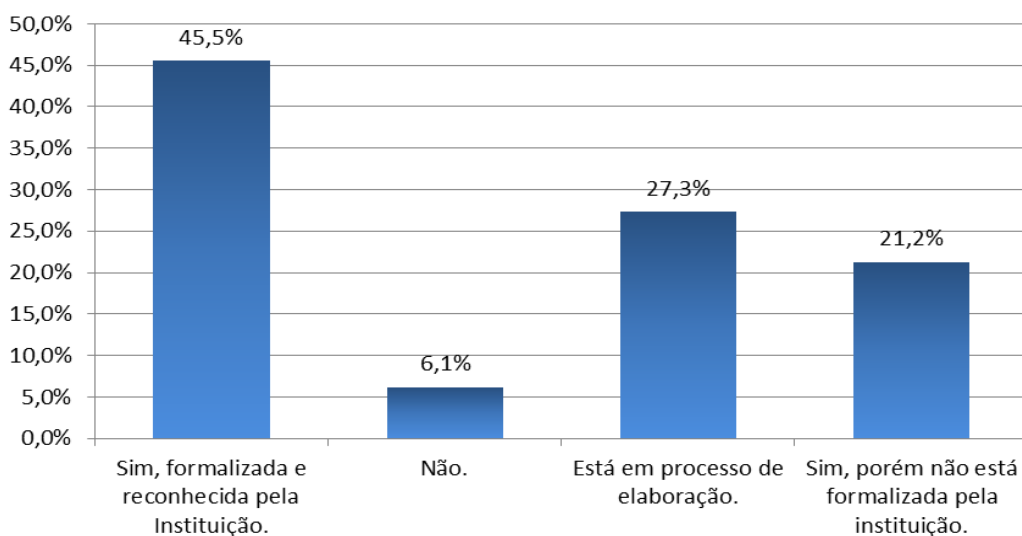
Uma vez identificado o perfil dos respondentes apresentamos os resultados obtidos a partir da coleta de dados estruturado da seguinte forma:

- a) Política de desenvolvimento de coleções – aspectos gerais das políticas como: a abrangência dos suportes informacionais, responsáveis e período da elaboração.
- b) Seleção das coleções de livros digitais – critérios adotados, áreas de conhecimento predominante e os fornecedores que aparecem com maior frequência.
- c) Aquisição das coleções de livros digitais - características de acesso (modalidade de compra-assinatura ou custódia).
- d) Infraestrutura para acesso as coleções de livros digitais.

6.1 POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

A partir do gráfico apresentado observa-se que 45,5% (15) dos respondentes informaram que tem políticas de desenvolvimento de coleções formalizadas; 6,1% (2) responderam que não tem política; 27,3% (9) responderam que a política está em processo de elaboração e 21,3% (7) tem políticas, porém não estão formalizadas. Considera-se que a política está formalizada quando são reconhecidas por instâncias hierarquicamente superiores a biblioteca.

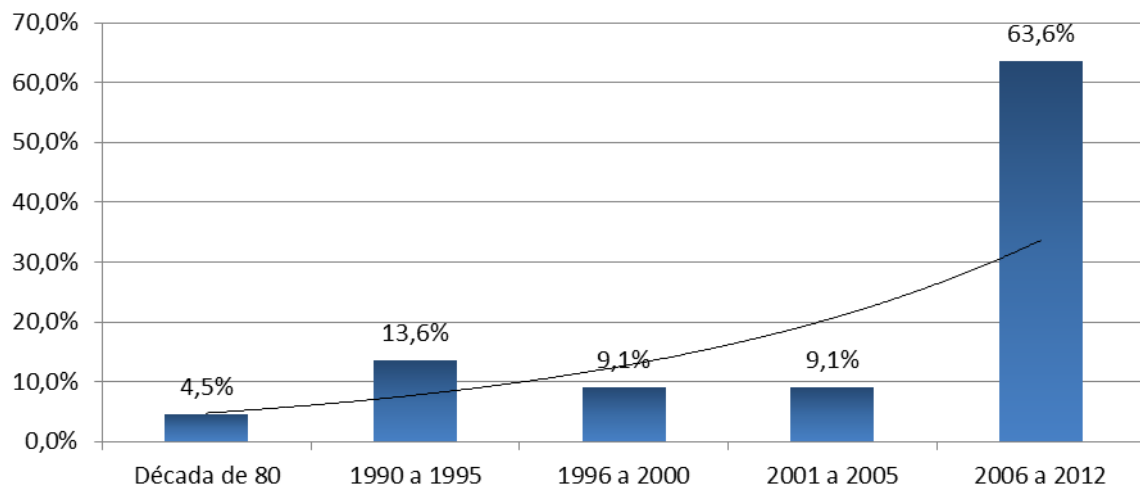
Gráfico 9 – Percentual de bibliotecas universitárias que tem políticas de desenvolvimento de coleções



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Ao serem questionados sobre o período de elaboração das políticas de desenvolvimento de coleções 4,5% (1) dos respondentes informaram que a política foi elaborada na “década de 1980”; 13,6% (3) que as políticas foram elaboradas entre “1990 e 1995”. Nota-se que entre 1996 a 2005 permanece estável o percentual de 9,1% (2) e no período entre “2006 a 2012” tem-se o maior percentual com 63,6% (14) de bibliotecas universitárias públicas que elaboraram políticas de desenvolvimento de coleções. Onze (11) questionados não responderam.

Gráfico 10 – Período de elaboração da política de desenvolvimento de coleções

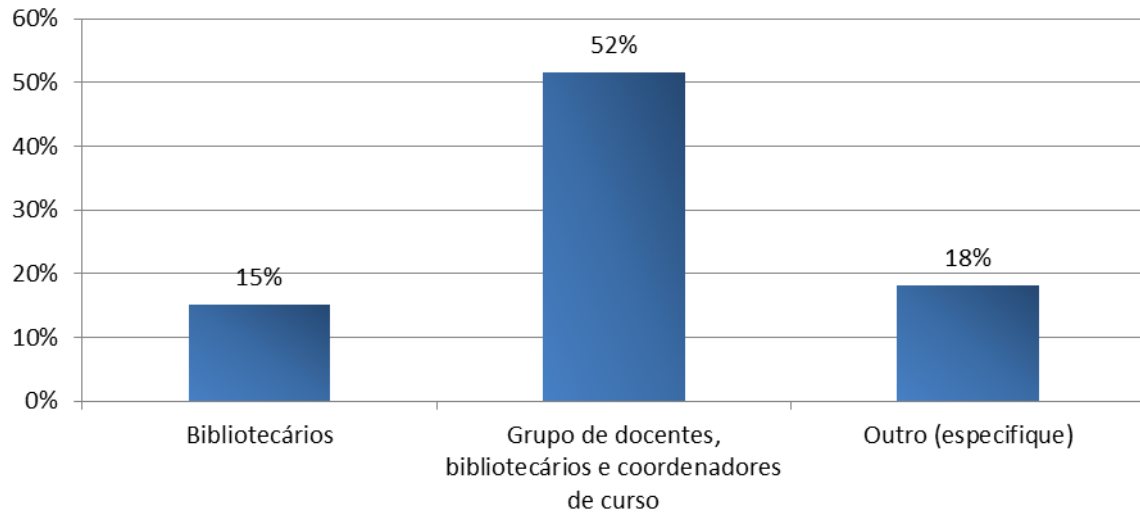


Fonte: dados da pesquisa (2013)

Perguntou-se sobre a participação dos profissionais na elaboração da política de desenvolvimento de coleções com três opções de respostas. Na primeira opção os bibliotecários tiveram uma participação de 52% (17); na segunda opção incluindo docentes, bibliotecários e coordenadores de curso 22,7% (5); na terceira (“outros/especifique”) que especificassem caso nenhuma das anteriores fosse adequada a sua realidade, aqui a resposta foi de 18% (6) com as seguintes respostas: “após a elaboração enviamos a alguns diretores de campi fora de sede para avaliação e para o pró-reitor de ensino que tem algumas sugestões a fazer”; “comissão consultiva da biblioteca – 1 representante de cada setor, 1 representante discente, bibliotecários, funcionários da biblioteca, docentes e alunos do curso de biblioteconomia”; “Bibliotecários, funcionários da Biblioteca, Docentes e Alunos do Curso de

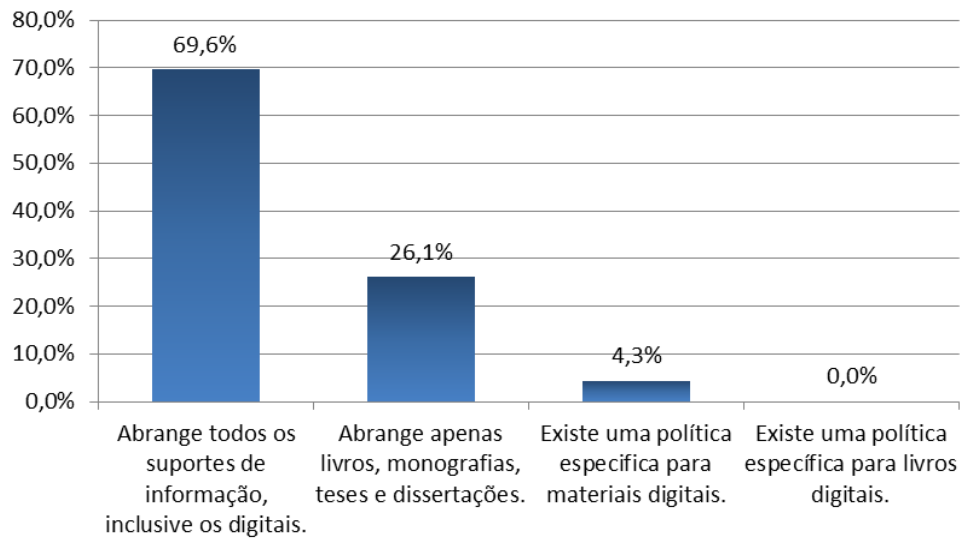
Biblioteconomia”; “Foi atualizada e aprovada pela comissão de desenvolvimento de coleções que é composta por docentes”; “Presidentes da Comissão de cada biblioteca”. 5 (cinco) questionados não responderam.

Gráfico 11 – Profissionais que participaram na elaboração da política de desenvolvimento de coleções



Fonte: dados da pesquisa (2013)

Indagou-se sobre a abrangência dos recursos de informação que estavam contemplados na política; interessava conhecer se a biblioteca contempla na política de desenvolvimento de coleções os recursos digitais incluindo o livro digital. Segundo os respondentes 69% (16) das políticas abrangem todos os suportes de informação inclusive os digitais; 26,1% (6) informou que contempla apenas livros, monografias, teses e dissertações; 4,3% (1) informou que tem uma política específica para materiais digitais; nenhum dos respondentes assinalou contar com política específica para livros digitais. Dez (10) não responderam a essa questão.

Gráfico 12 – Abrangência dos recursos de informação contemplados na política

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

A questão de número 7 (sete) sobre as coleções de livros digitais funcionou como um “filtro” permitindo a separação das universidades que tem coleções de livros digitais, ou estavam em processo de compra, daquelas que ainda não tem coleções dessa natureza. Os respondentes que assinalaram que não tinham coleções de livros digitais foram remetidos para a questão de número 34 (trinta e quatro) em que solicitou-se a opinião desses profissionais sobre a inserção do livro digital nas bibliotecas universitárias objetivando contribuir para a análise qualitativa da pesquisa. Os profissionais cujas bibliotecas contam com coleções, ou estão em processo de compra deram prosseguimento a pesquisa na sequência solicitada. Como resultado obteve-se o percentual de 33% (11) de bibliotecas universitárias que não tem coleções de livros digitais; 21,2% (7) estão em processo de compra e 45,5% (15) afirmaram que tem coleções e a aquisição já está concluída. Somando-se o total das bibliotecas que tem coleções de livros digitais com as que estão em processo de aquisição tem-se o total de 22 (vinte e duas) bibliotecas universitárias. Desse ponto em diante as perguntas se dirigam para aquelas bibliotecas que contam com livros digitais ou em processo de aquisição.

Gráfico 13 – Bibliotecas universitárias com coleções de livros digitais

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Com o cruzamento entre as variáveis - “coleções de livros digitais” e a “categoria administrativa das universidades” -, foi possível verificar que as universidades públicas federais com o maior percentual de coleções de livros digitais representam 33% (11) e as universidades estaduais com um percentual de 12% (4).

Tabela 02 – Coleções de livros digitais e categoria administrativa das universidades públicas

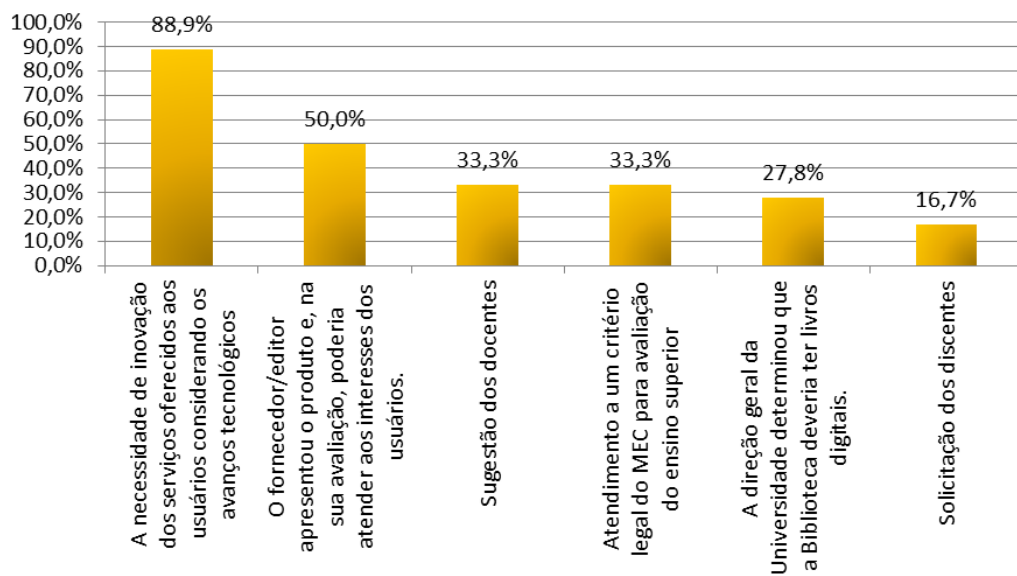
A biblioteca disponibiliza coleções de livros digitais?									
Categoria administrativa	Sim, a aquisição já está concluída.	%	Está em processo de compra	%	Não.	%	Respostas	%	
Universidade pública federal	11	33%	7	21%	3	9%	21	63,6%	
Universidade pública estadual	4	12%	0	0%	8	24%	12	36,4%	
Universidade pública Municipal	0	0%	0	0%	0	0%	0	0,0%	
							<i>Questões respondidas</i>	33	100%
							<i>Questões ignoradas</i>	0	

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

6.2 CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DA COLEÇÃO

Um dos objetivos da pesquisa é analisar os critérios adotados para seleção de uma coleção de livros digitais. O critério com maior percentual de resposta foi a “necessidade de inovação dos serviços oferecidos considerando os avanços tecnológicos” com um percentual de 88,9% (16), sendo que 50% (9) informaram que “o fornecedor apresentou o produto e na sua avaliação poderia atender aos interesses dos usuários; 33,3% (6) assinalaram que foi sugestão dos docentes e atendimento aos critérios do MEC; 27,8% (5) assinalaram que a direção da universidade determinou que deveria ter livros digitais e 16,7% (3) que foi “solicitação dos discentes”. Quatro (4) questionados não responderam a essa questão.

Gráfico 14 – Critérios de seleção da coleção de livros digitais

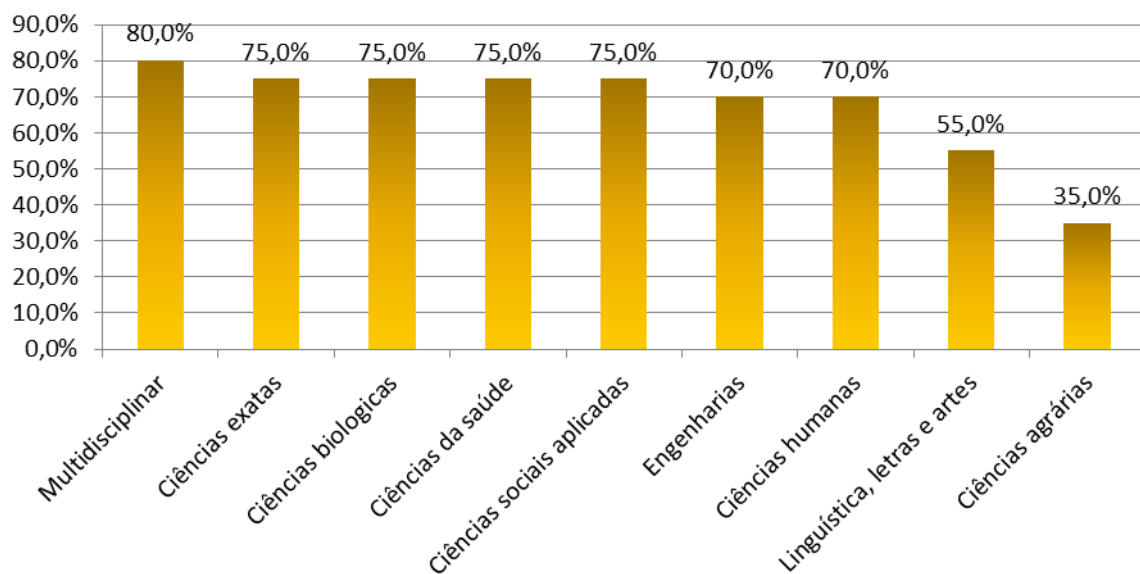


Fonte: dados da pesquisa (2013)

Quanto aos respondentes que assinalaram “outros critérios” obtivemos as seguintes respostas: “também verifiquei junto ao fornecedor”; “todos os títulos adquiridos são referendados pela equipe da biblioteca ou pelos docentes”; “o fornecedor apresentou o produto a direção da biblioteca pediu a avaliação aos pró-reitores da graduação e pós-graduação, com a autorização fizemos a assinatura”; “a biblioteca universitária sugeriu a aquisição”; “livros mais emprestados localmente e via empréstimo entre bibliotecas em formato impresso”.

Os profissionais foram questionados sobre as áreas contempladas para a formação das coleções de livros digitais. O maior percentual está concentrado na área Multidisciplinar com 80% (16); seguido das Ciências Exatas, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde e Ciências Sociais Aplicadas com 75% (15); as áreas das Engenharias e Ciências Humanas apresentaram percentual de 70% (15); a área de Linguística, Letras e Artes com o percentual de 55% (11), e a área com menor percentual são as Ciências Agrárias representando 35% do total de respondentes. Dois (2) questionados não responderam a esse quesito.

Gráfico 15 – Coleções de livros digitais por área do conhecimento



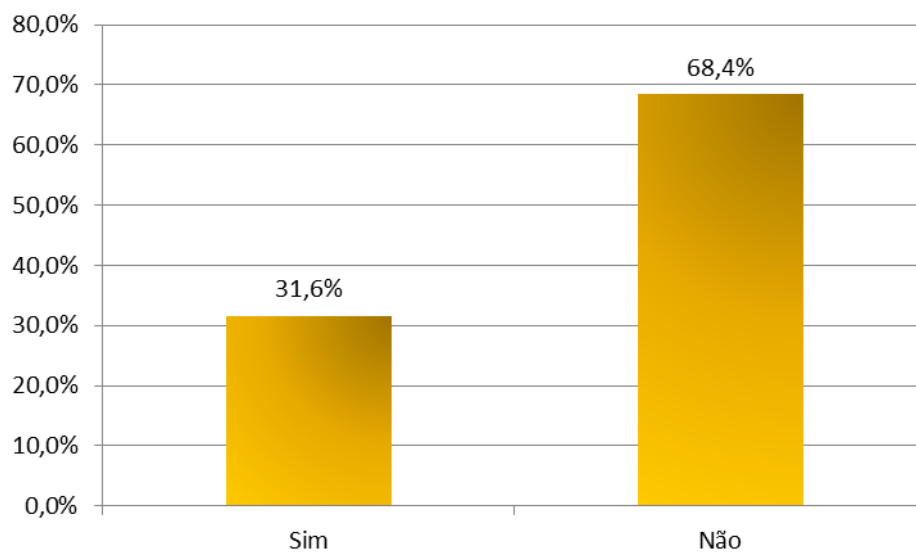
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Solicitamos aos respondentes informarem quais foram os critérios específicos e determinantes para a escolha das áreas a serem contempladas com coleções de livros digitais. Os respondentes informaram: “quantidade maior de exemplares”, nesse caso, não se sabe se o respondente está se referindo a oferta ou ao acervo; “o planejamento leva em consideração o equilíbrio entre a oferta de serviços e as áreas de ensino da universidade”; “não houve um critério muito específico. A escolha foi por disponibilidade de recurso orçamentário”; “Por proposta apresentada por editores e livreiros e por solicitação dos cursos”; “são mais de 80 mil títulos de todas as áreas do conhecimento com mais de 100 acessos simultâneos; “A área de engenharia e ciências exatas são o foco da Instituição, entretanto, para atender aos demais cursos, optou-se também pela aquisição de materiais que pudessem atender a outras áreas (multidisciplinar)”; “São as áreas de abrangência dos cursos”; “Atender a demanda dos cursos

de Pós-graduação”; “O Objetivo principal foi atender cursos ofertados à Distância, bem como atender as demandas estipuladas no PDI 2011-2015 da Universidade.”; “Aquisição foi realizada em diversas áreas considerando material mais emprestado em formato impresso”.

A questão em seguida visou identificar se há ou não estudo de usuário. As respostas sinalizaram 68,4% (13) não fazem estudos dessa natureza e 31,6% (6) fazem estudo de usuário.

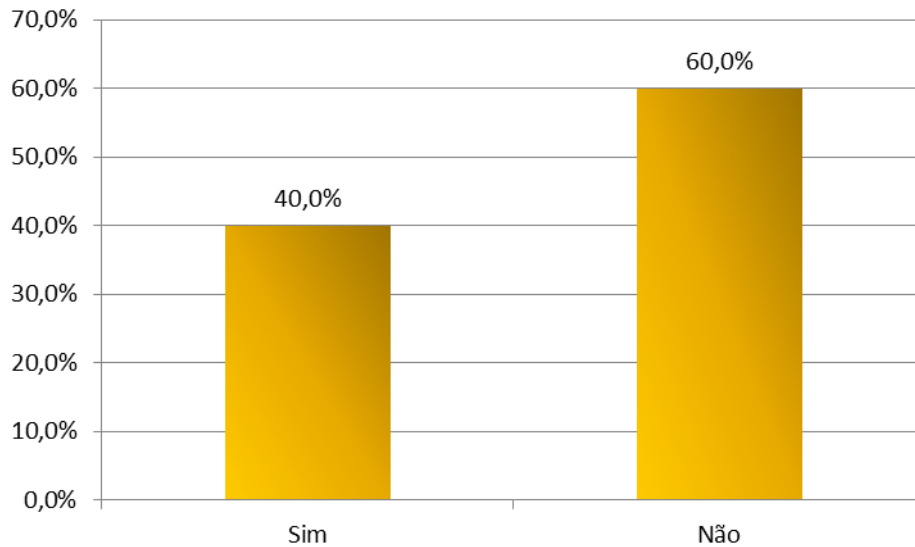
Gráfico 16 – Percentual de bibliotecas que realizam estudo de usuário



Fonte: dados da pesquisa (2013)

Questionamos os profissionais se houve dificuldade para identificar livros digitais nas áreas de conhecimento de atuação da biblioteca. A maior parte dos respondentes informou que não tiveram dificuldade representando 60% (12), e em menor proporção 40% (8) as que assinalaram que tiveram dificuldade. Dois (2) questionários não responderam a esse quesito.

Gráfico 17 – Percentual de instituições que tiveram dificuldade para identificar coleções de livros digitais nas áreas de conhecimento pertinentes a universidades



Fonte: dados da pesquisa (2013)

Para uma melhor compreensão sobre as dificuldades encontradas para a identificação de títulos de livros digitais solicitamos aos respondentes que assinalaram “sim” a especificação das razões. Obtivemos as respostas: “a maior dificuldade tem sido a de encontrar textos em português que atendam aos programas de ensino nas bibliografias básicas”; “não foi encontrado livros que atenda a bibliografia básica dos cursos”; “área de Ciências Humanas”; “em quase todas as áreas”; “A grande dificuldade apresentada foram as condições que os editores colocam para a aquisição, principalmente compra de pacotes fechados, onde inclui muitos livros que não são de interesse para as áreas de conhecimentos e muitas vezes não atendem as demandas dos docentes e discentes.”; “As editoras estão iniciando esse novo formato de comércio e por isso, estão um pouco ainda com receio de como agir. Há muitos títulos que devem se digitalizados e acredito que com formalização do Instrumento do MEC publicado em Maio de 2012 ampliação este segmento de mercado.”; “A dificuldade foi para encontrar materiais na área de humanas principalmente em português”.

Com o objetivo de conhecer as editoras com maior representatividade nas coleções de livros eletrônicos, solicitou-se a indicação da editora e a respectiva área de conhecimento. As indicações estão mapeadas na tabela abaixo:

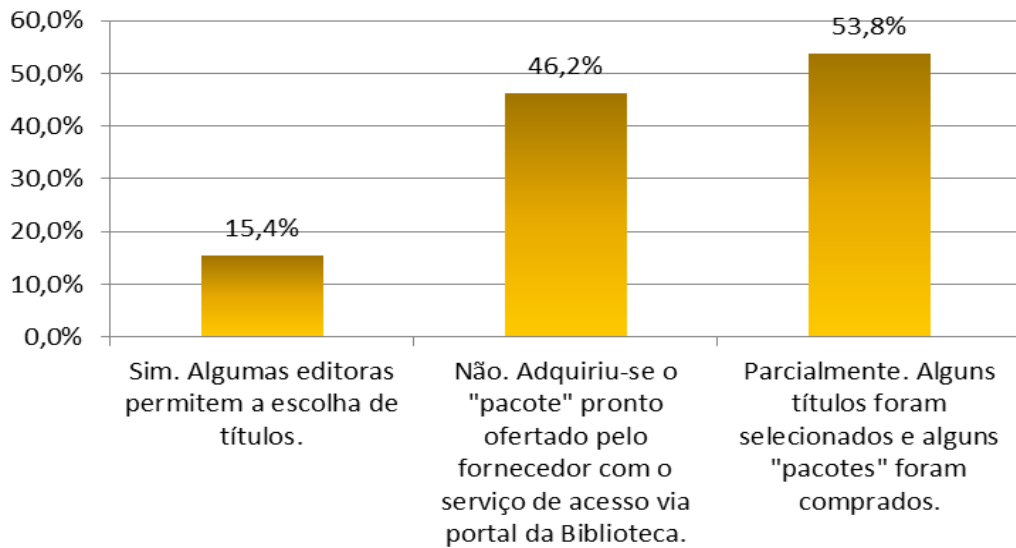
Tabela 03 – Relação de editoras e áreas de conhecimento

Área de conhecimento	Editoras													
	Atheneu	Bentham	Britannica	Elsevier	E-papers	IET	Karger	Ovid	Springer	VieiraLent	World Scientific	Zahar	Wiley	Contagem de respostas
Ciências exatas e da terra	3	1	2	8	1	1	1	2	8	0	1	3	5	10
Ciências biológicas	2	0	0	7	0	0	0	2	4	0	0	1	4	9
Engenharias	1	0	1	6	0	0	0	1	5	0	1	2	4	10
Ciências da Saúde	6	0	0	6	0	0	0	3	4	0	1	0	4	9
Ciências agrárias	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	3
Ciências Sociais aplicadas	3	0	1	6	1	0	0	0	4	0	0	6	4	10
Ciências Humanas	2	0	2	4	1	0	0	0	5	0	0	5	3	8
Linguística, Letras e Artes	0	0	0	3	1	0	0	0	3	0	0	1	2	7
TOTAL	17	1	6	41	4	1	1	8	34	0	3	18	27	

Fonte: dados da pesquisa (2013)

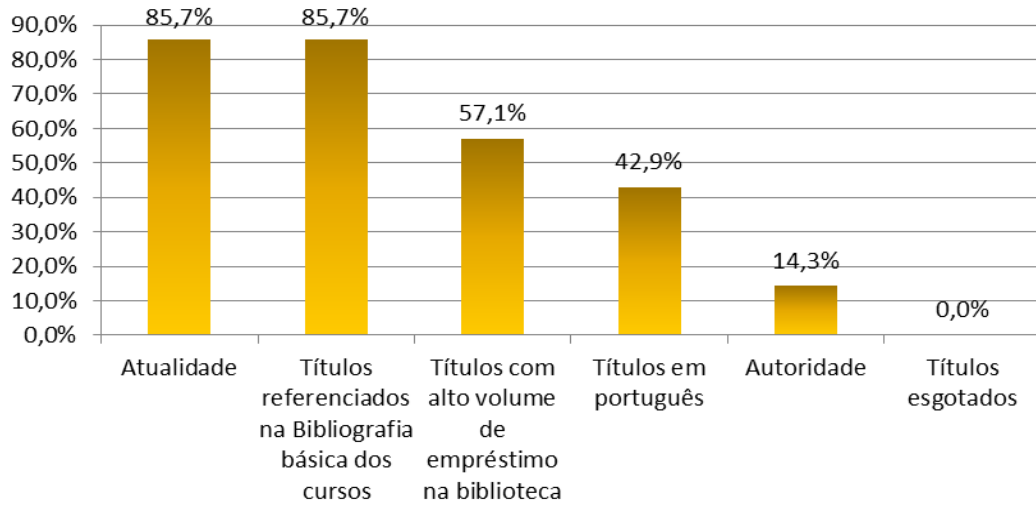
Observou-se que a editora Elsevier é a mais citada seguida da Springer, Wiley e Zahar. Ao serem questionados se havia outras editoras os respondentes sinalizaram: “Grupo A;IEEE, Editora Pearson,”; “foi feita na base pesquisa pelas editoras citadas apenas a Atheneu e VieiraLent não encontradas”; “Zahar”; “Cambridge”; “Como a universidade tem acesso a vários títulos disponíveis na CAPES, a Universidade está trabalhando com Bibliotecas Digitais nacionais, BVU da Pearson e Minha Biblioteca do Grupo GEN”; “Como adquirimos livros de varias editoras não me recordo com precisão as áreas das editoras”.

Procuramos mapear se foi possível realizar a seleção dos títulos para compor a coleção de livros eletrônicos. O maior percentual de respondentes (53,8%; 7) informou que foi possível fazer a seleção parcial, alguns títulos foram comprados e outros selecionados; 46,2% (6) informaram que não foi possível, o fornecedor ofereceu um “pacote” pronto com o serviço de acesso via portal da bibliotecas; 15,4% (5) informou que sim, algumas editoras permitem a escolha de títulos. O resultado está representado no gráfico a seguir:

Gráfico 18 – Percentual de títulos de livros digitais que foram selecionados

Fonte: dados da pesquisa (2013)

Para finalizar as questões relacionadas aos critérios de seleção buscou-se averiguar, apenas com as bibliotecas que assinalaram “sim” ou “parcialmente” quais os critérios de seleção dos títulos. O resultado apresentou um total de 85,7% (12) para os critérios de atualidade e títulos referenciados na bibliografia básica dos cursos; 57,1% (4) títulos com alto volume de empréstimo na biblioteca; 42,9% (3) assinalaram títulos em português e 14,3% (1) o critério de autoridade; nenhuma biblioteca assinalou títulos esgotados. Essa questão teve um alto índice de abstenção: 15 (quinze) questionados não responderam a essa questão. Solicitamos que os profissionais indicassem outros critérios para seleção de títulos, houve apenas 1 (uma) resposta: “Tentamos adquirir aqueles títulos que são compra perpétua. Tentamos evitar as assinaturas por período.”

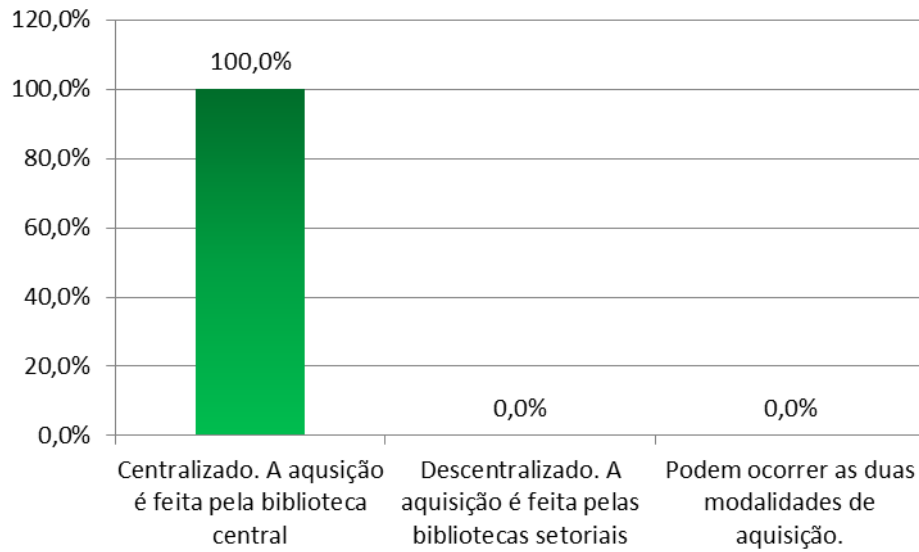
Gráfico 19 – Critérios para seleção dos títulos de livros digitais

Fonte: dados da pesquisa (2013)

6.3 AQUISIÇÃO DAS COLEÇÕES DE LIVROS DIGITAIS

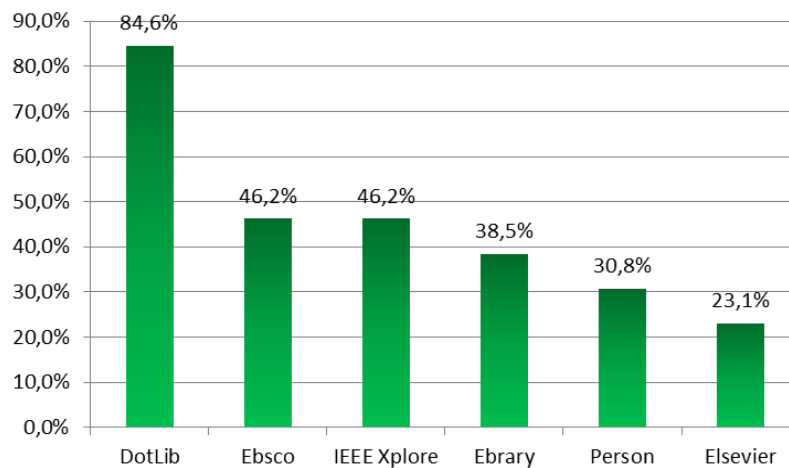
Os recursos digitais quando introduzidos nas bibliotecas universitárias tem especificidades relacionadas ao acesso que demandam do profissional da informação o conhecimento a respeito das modalidades de aquisição disponíveis no mercado. A questão da modalidade de acesso às coleções pode ser um fator determinante para a decisão de introdução ou não dos livros eletrônicos na coleção da biblioteca universitária. Por isso, as próximas questões tiveram o objetivo de identificar as práticas atuais por parte das bibliotecas universitárias em relação a introdução das coleções de livros digitais em seu acervo.

Primeiramente buscou-se verificar se o processo de aquisição era centralizado ou descentralizado. O resultado aponta que 100% das bibliotecas universitárias públicas que responderam ao questionário têm o seu processo de aquisição centralizado e realizado pela biblioteca central.

Gráfico 20 – Processo de aquisição das universidades públicas

Fonte: dados da pesquisa (2013)

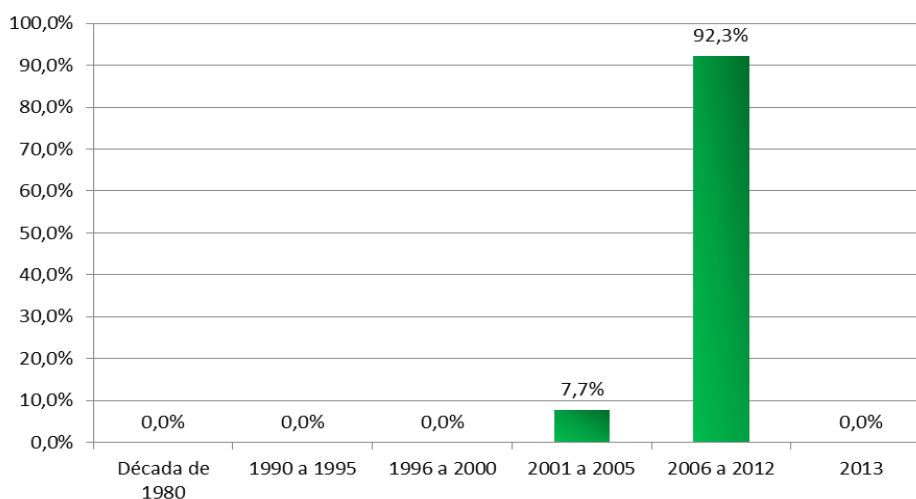
Em seguida questionou-se com qual fornecedor (agregador de conteúdo/ distribuidor) foi efetivada a compra de livros digitais. O resultado sinaliza que 83,6% (11) das universidades adquiriram suas coleções com a empresa Dotlib; as empresas Ebsco e IEEE *xplore* estão com o mesmo percentual de 46,2% (6); a empresa Ebrary representa o total de 38,5% (5); a Pearson 30,8% (4) e a Elsevier que também é editora e distribui seu próprio conteúdo, como o menor percentual em torno de 23,1% (3). Nove (9) profissionais não responderam a essa questão.

Gráfico 21 – Agregadores e/ou provedores de conteúdo que prestam serviço as universidades públicas

Fonte: dados da pesquisa (2013)

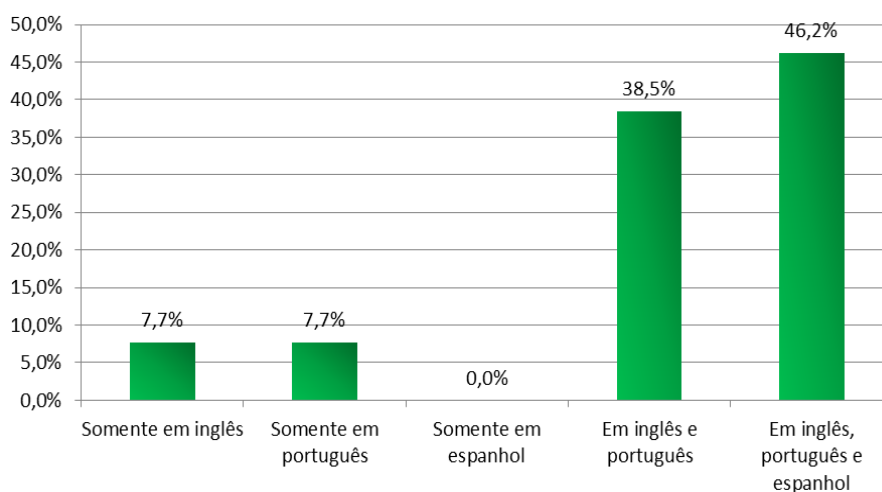
Questionamos em qual período as coleções de livros digitais foram introduzidas no âmbito das bibliotecas universitárias públicas. O resultado sinalizou que entre o período de “2001 a 2005” 7% (1), ou seja, apenas 1(uma) biblioteca dentre a universidades públicas respondentes inseriram livros digitais em sua coleção. Esse percentual teve um aumento vertiginoso entre o período de “2006 a 2012” representando 92,3% (12) do total das bibliotecas que responderam ao questionário. 9 (Nove) profissionais não responderam a essa questão.

Gráfico 22 – Período em que os livros digitais foram introduzidos nas coleções das universidades públicas.



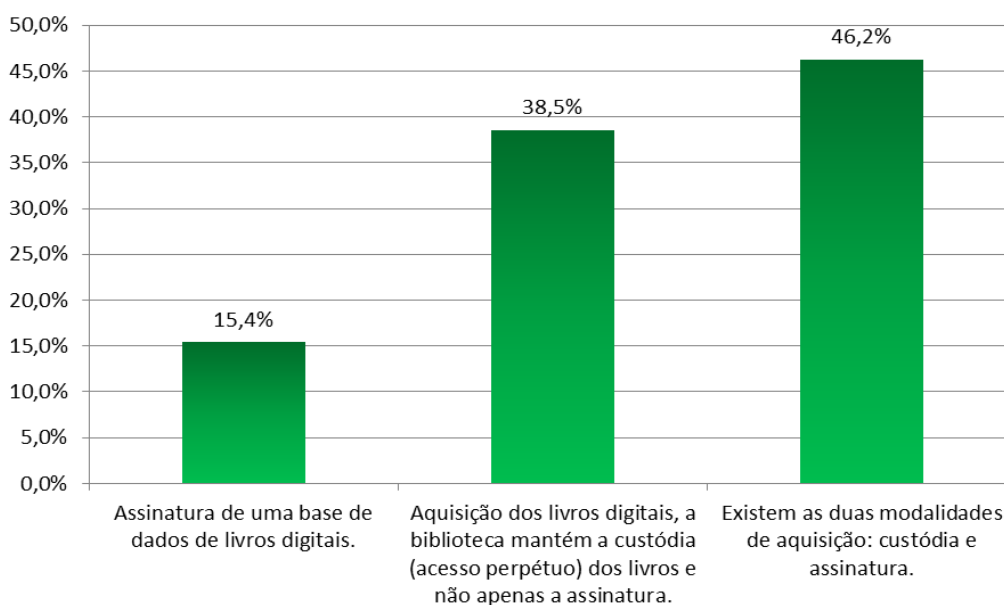
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Um dos critérios para a seleção de títulos que compõe a coleção de livros digitais é o idioma. Quando solicitamos aos profissionais que informassem o idioma em que foram adquiridas as coleções, verificou-se que o resultado para apenas “títulos em português” é ainda pequeno 7,7% (1); o mesmo ocorre para “títulos apenas em inglês” com o mesmo percentual 7,7% (1); para “títulos em inglês e português” o percentual é de 38,5% (5) e para “títulos em inglês, português e espanhol” o percentual aumenta para 46,2% (6).

Gráfico 23 – Idioma em que são adquiridas as coleções das universidades públicas

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

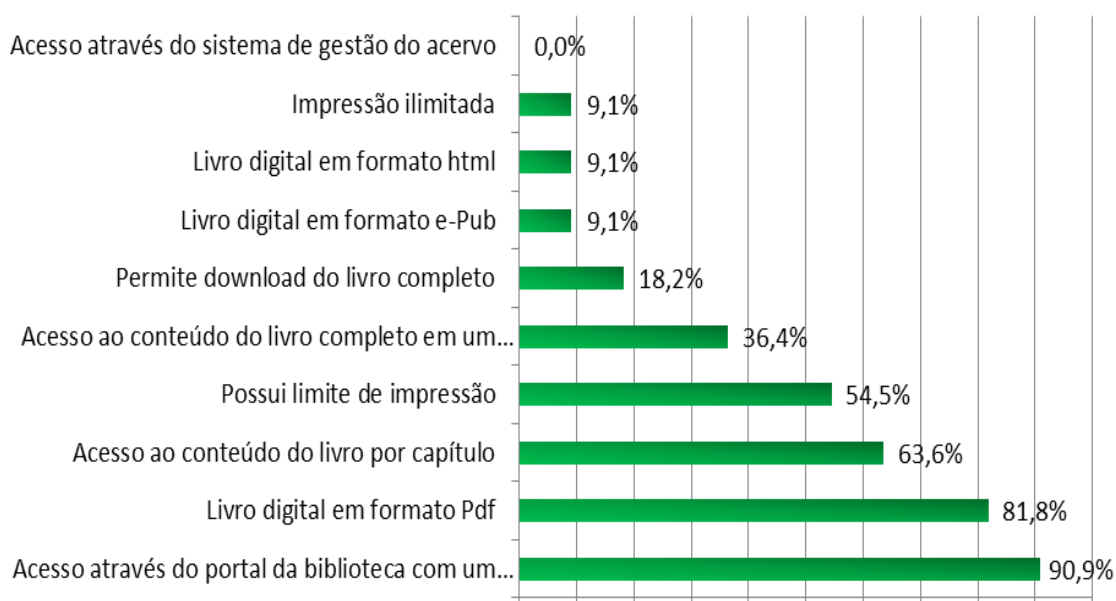
Quando se perguntou sobre a modalidade em que as coleções de livros digitais foram adquiridas 46,2% dos respondentes informaram que “existem as duas modalidades de aquisição: custódia e assinatura”, 38,5% respondeu que “a biblioteca mantém a custódia (acesso perpétuo) dos livros e não apenas assinatura” e 15,4% responderam que a aquisição foi mediante a “assinatura de uma base de dados de livros digitais”.

Gráfico 24 - Modalidade de aquisição das coleções de livros digitais

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Foram elencadas as características das coleções de livros digitais considerando a forma de acesso ao conteúdo, formatos, permissão de *download*, permissão de impressão (limitada ou ilimitada). Solicitamos aos profissionais que assinalassem as características das coleções de livros eletrônicos adquiridas através de assinatura. Nenhum dos respondentes assinalou que registra os livros digitais assinados no sistema de gestão (0%); impressão ilimitada para 9,1%(1). Sobre os formatos obtivemos o mesmo percentual de respostas para *HTML* e *e-Pub* (9,1%;1); o *download* do livro completo 18,2%(2); o acesso ao conteúdo do livro completo 36,4% (4); sem limite de impressão 54,5% (6); acesso ao conteúdo do livro por capítulo 63,6% (7); em formato PDF 81,8%; através do portal da biblioteca com link para editora 90,9% (10). Onze (11) profissionais não responderam a essa questão. O dados estão representados no gráfico a seguir:

Gráfico 25 – Características das coleções de livros digitais adquiridas através de assinatura

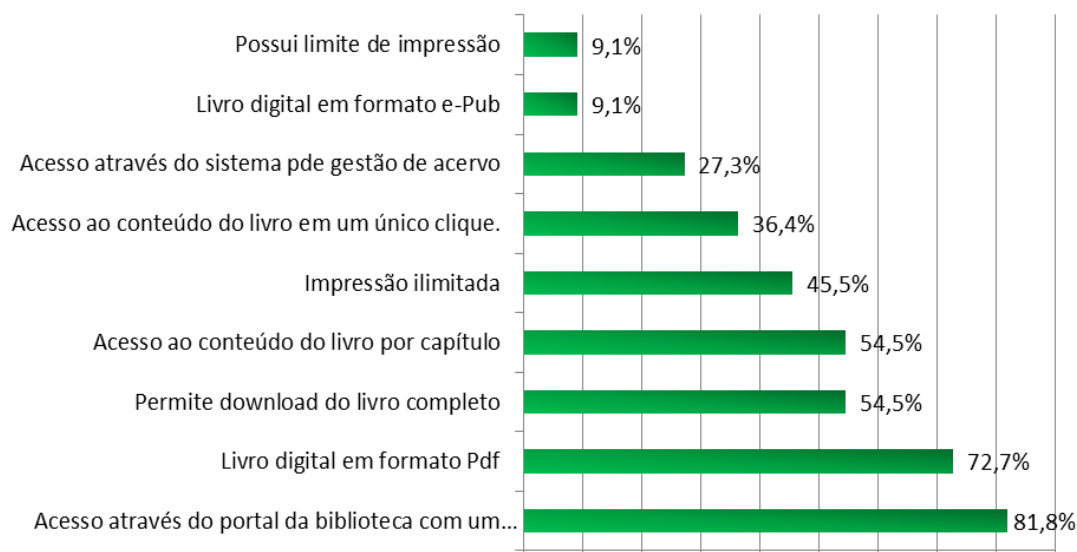


Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Considerou-se o mesmo elenco de características das coleções assinadas para as coleções adquiridas com acesso perpétuo. O resultado demonstrou o percentual de 9,1% (1) para limite de impressão e para o formato do livro digital em *e-Pub*; 27,3% (3) que o “acesso é através do sistema de gestão de acervo”; 36,4% (4) que o acesso ao conteúdo é possível mediante um único clique no link do livro; 45,5% (5) que a “impressão ilimitada; 54,5% (6) que o acesso ao conteúdo do livro é por capítulo e o mesmo percentual foi identificado para a permissão de *download* do livro completo; 72,7% assinalou que o formato disponibilizado é

em PDF e 81,8% (8) responderam que o “acesso é através do portal da biblioteca com um link para a editora”. Onze (11) questionados não responderam a essa questão. O gráfico pode se conferido a seguir:

Gráfico 26 - Características das coleções de livros digitais adquiridos por acesso perpétuo (a instituição mantém a custódia dessas coleções)



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Com os dados sobre as formas de aquisição dos livros digitais (acesso perpétuo ou por assinatura) elaboramos a tabela comparativa abaixo apresentada de modo a ilustrar melhor os percentuais coletados:

Tabela 04 – Comparação entre as características das coleções de livros digitais adquiridos através de acesso perpétuo ou assinatura

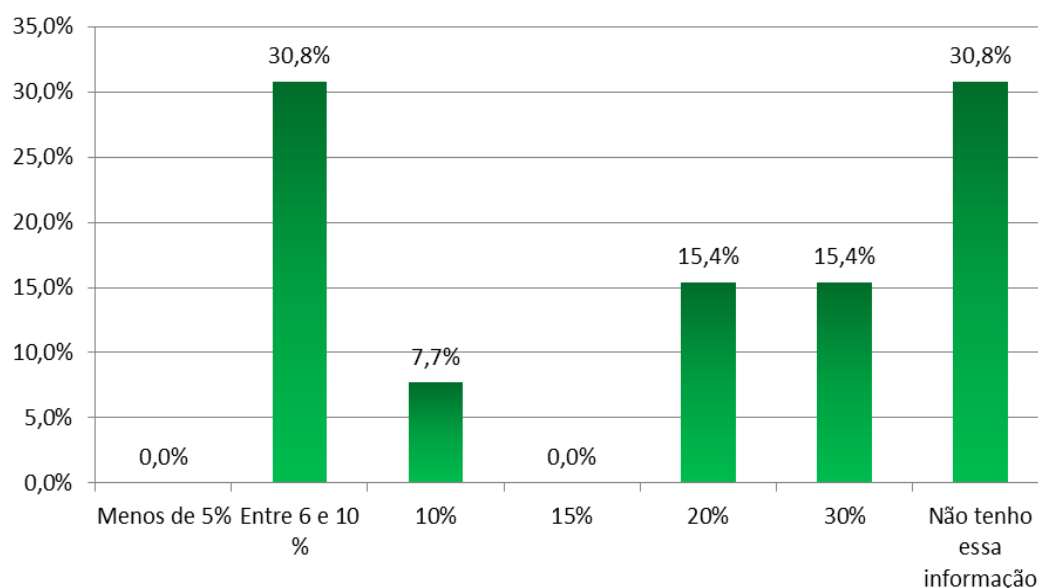
Características da coleções	Acesso perpétuo %	Acesso por assinatura %
Acesso através do portal da biblioteca com um link para a editora e/ou provedor de conteúdo	81,8%	90,90%
Livro digital em formato Pdf	72,7%	81,80%
Acesso ao conteúdo do livro por capítulo	54,5%	66,60%
Permite download do livro completo	54,5%	18,20%
Possui limite de impressão	9,1%	54,50%
Acesso ao conteúdo do livro em um único clique.	36,4%	36,40%
Acesso através do sistema de gestão de acervo	27,3%	0%
Livro digital em formato e-Pub	9,1%	9,10%
Impressão ilimitada	45,5%	9,10%

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Procurou-se investigar, a partir de uma questão aberta, quantos títulos foram adquiridos pelas bibliotecas das universidades públicas. Dez (10) questionados não responderam a essa questão. Os respondentes informaram: “3.580”; “Em torno de 11 mil títulos”; “42 títulos”; “Aproximadamente 82 títulos”; “180 títulos”; “1.000 títulos comprados. 90 mil títulos assinados”; “Mais de 15000”; “8.352 livros eletrônicos”; “20.000 aproximadamente”; “mais de 2000 títulos”; “250”; “No momento não tenho o total. Necessito consultar nossos arquivos de aquisição.”

Questionou-se sobre o investimento realizado para compra da coleção de livros eletrônicos em relação ao orçamento geral previsto para compra de acervo. Os dados apresentados no gráfico demonstram que 30,8% (4) dos respondentes informaram que o investimento na coleção de livros digitais representou “entre 6 e 10%”; outros 7,7% (1) informaram que representou 10% do orçamento; 15,4% (2) informaram que o investimento foi de 15% em relação ao orçamento para compra de acervo; o mesmo percentual de 15,4%(2) informou que investiu 30% do valor. Quatro (4) questionados não tinha essa informação representando 30,8%.

Gráfico 27 – Percentual de investimento em livros digitais em relação ao orçamento previsto para compra de acervo

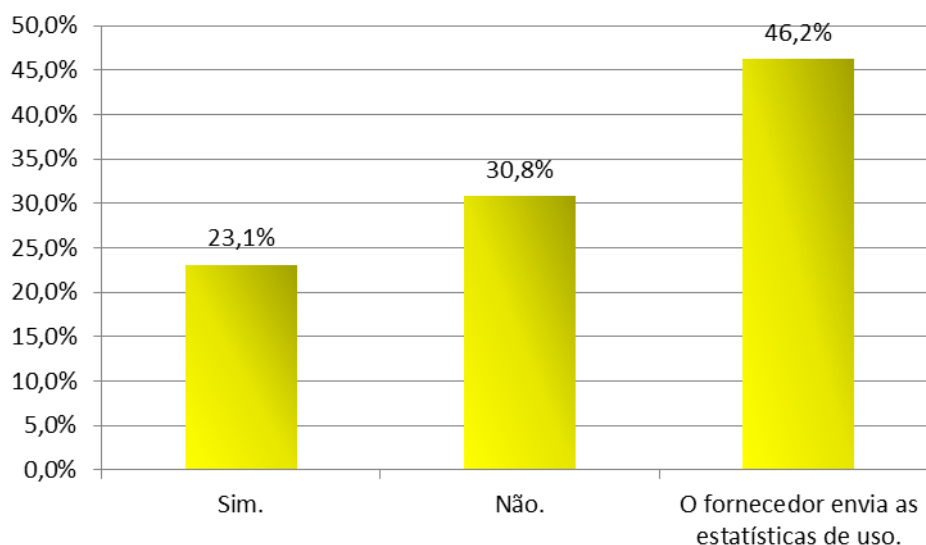


Fonte: Dados da pesquisa (2013)

6.4 AVALIAÇÃO DA COLEÇÃO

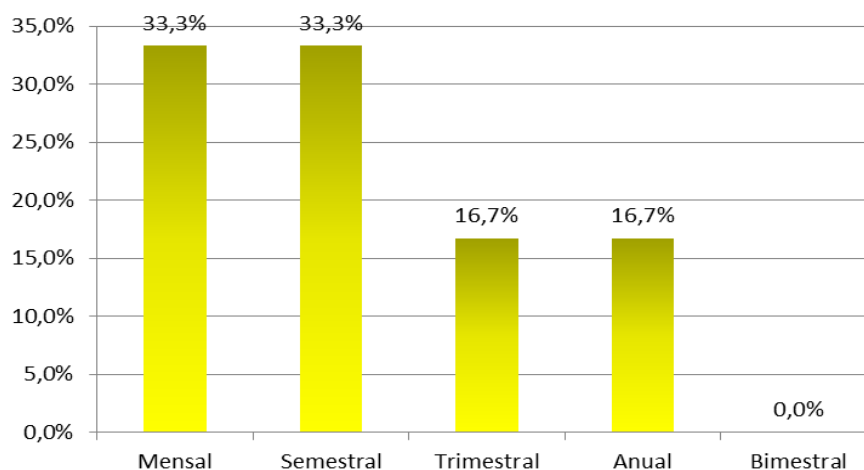
A avaliação das coleções é uma das etapas do processo de desenvolvimento de coleções. Não se pretende realizar uma análise exaustiva do assunto, porém em se tratando de livros eletrônicos, foi importante para investigar quais instrumentos estão sendo utilizados para auxiliar os profissionais responsáveis pela seleção das coleções ou pela continuidade ou não da sua manutenção tanto as que são adquiridas através de assinatura ou acesso perpétuo.

Primeiramente procurou-se averiguar se a biblioteca possui instrumento de medição do uso das coleções: 23,1% (3) dos respondentes informaram que “sim”; 30,8% (4) responderam que “não” e 46,2% (6) assinalou que “o fornecedor envia as estatísticas de uso da coleção”. Nove (9) profissionais não responderam essa questão.

Gráfico 28 – Instrumentos de medição das coleções de livros digitais

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

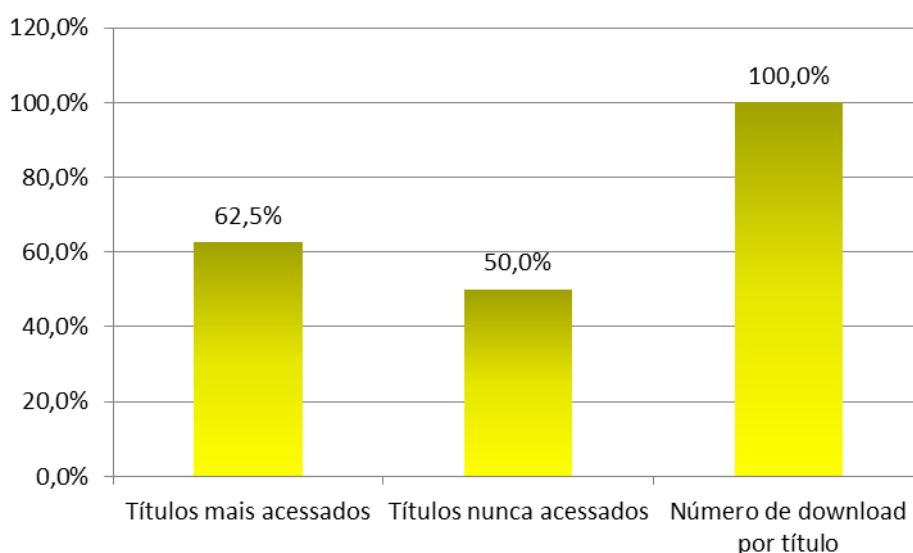
Os profissionais que responderam “sim” utilizam algum instrumento para medir o uso da coleção. Foi solicitado que especificassem a periodicidade do envio da estatística. Obtivemos o percentual de resposta de 33,3% (4) para periodicidade “mensal” e “semestral”; o mesmo ocorreu para periodicidade “trimestral” e “anual” com um percentual de 16,7% (2). No item “outros” instrumentos de medição foram especificados: “através de solicitação”; que “a administração tem senha de acesso e pode acessar sempre que necessário.”; “depende do fornecedor e da necessidade da biblioteca” e, por último, “eu não tenho essa afirmação”. Onze (11) profissionais não responderam essa questão.

Gráfico 29 – Periodicidade para envio da estatística

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Procurou-se então averiguar quais as informações que constavam nos relatórios estatísticos encaminhados pelo fornecedor (provedor de conteúdo ou editora). Os fornecedores enviam a informação do “número de download por título” representam 100%(8); os “títulos mais acessados” são enviados por 62,5%(5); “títulos nunca acessados” 50% (4). Os que assinalaram “outros” (3) informaram: “acessos negados? informação útil para demonstrar a demanda sobre esses títulos e justificar sua compra”; “As estatísticas enviadas pelos editores não são suficientes para medir o uso dos materiais digitais” e “Eu não tenho essa informação”. Onze (11) profissionais não responderam a questão.

Gráfico 30 – Dados que constam nas estatísticas de uso da coleção de livros digitais enviada pelo fornecedor ou elaborada pela biblioteca



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

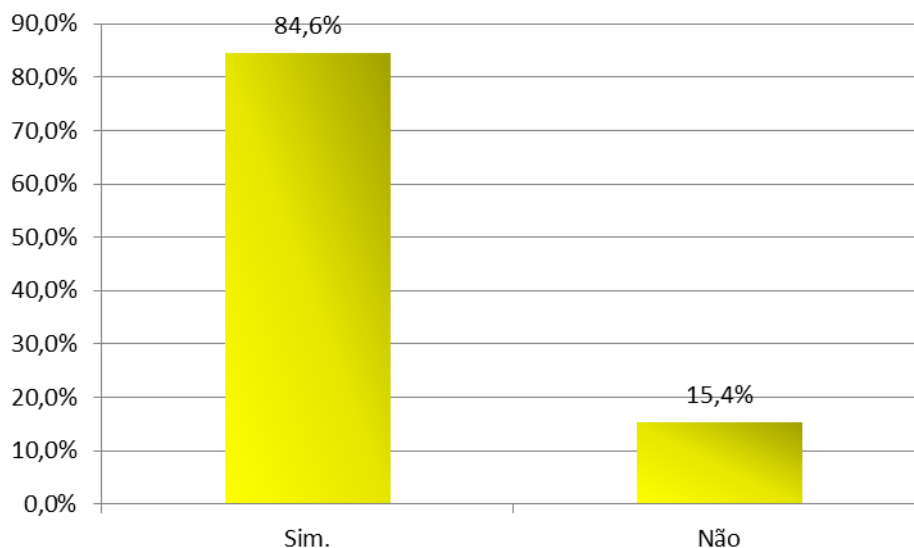
O sistema de gestão de acervo pode ser uma ferramenta para mediação do uso da coleção de livros eletrônicos, por isso, foi solicitado aos profissionais que informassem se o sistema estava preparado para realizar a representação descritiva de livros eletrônicos e a especificação do sistema informatizado utilizado:

- 84% (11) dos respondentes informaram que “Sim” o sistema estava preparado
- 15,4% (2) informaram que “não”.

Quanto a especificação do sistema obtivemos 10 (dez) respostas: “Utilizamos o Caribe que permite o acesso, porém estamos mudando para o SophiA que também permite o acesso, e funciona perfeitamente com os software de Serviços de Descoberta”; 3 (três) responderam

que utilizam o sistema “Pergamum”; “Ainda não. Estamos migrando para o sistema Pergamum. Logo estaremos realizando esse procedimento”; “PHL”; 2 (dois) responderam que utilizam o “Aleph” e ou “VIRTUA – vtls”.

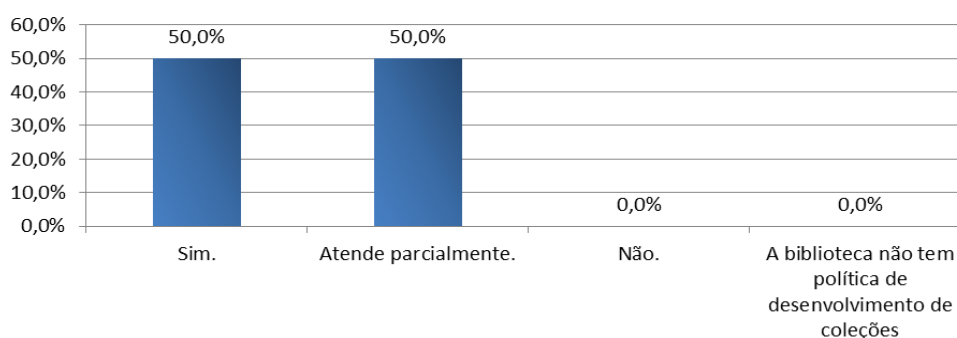
Gráfico 31 – Percentual de instituições que registram os livros digitais no sistema de gestão do acervo



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

O levantamento de dados realizado até a questão anterior objetivou analisar as etapas que envolvem o desenvolvimento de coleções de livros digitais como: averiguar se as políticas contemplam os recursos digitais, conhecer os critérios de seleção, as modalidades de aquisição, características das coleções, forma de acesso e, por fim, a avaliação. A próxima questão retoma o assunto das políticas de seleção para averiguar se as coleções de livros eletrônicos adquiridas atendem, não atendem ou atendem parcialmente a política de desenvolvimento de coleções. Como resultados obtivemos: 50% (6) das respostas “sim” as coleções de livros digitais atendem a política de desenvolvimento de coleções, e 50% (6) assinalaram que “atende parcialmente”. Nenhum profissional assinalou que as coleções “não” atendem a política de desenvolvimento de coleções da biblioteca e que “a biblioteca não tem política de desenvolvimento de coleções”. Dez (10) profissionais não responderam essa questão. Os dados estão demonstrados no gráfico a seguir:

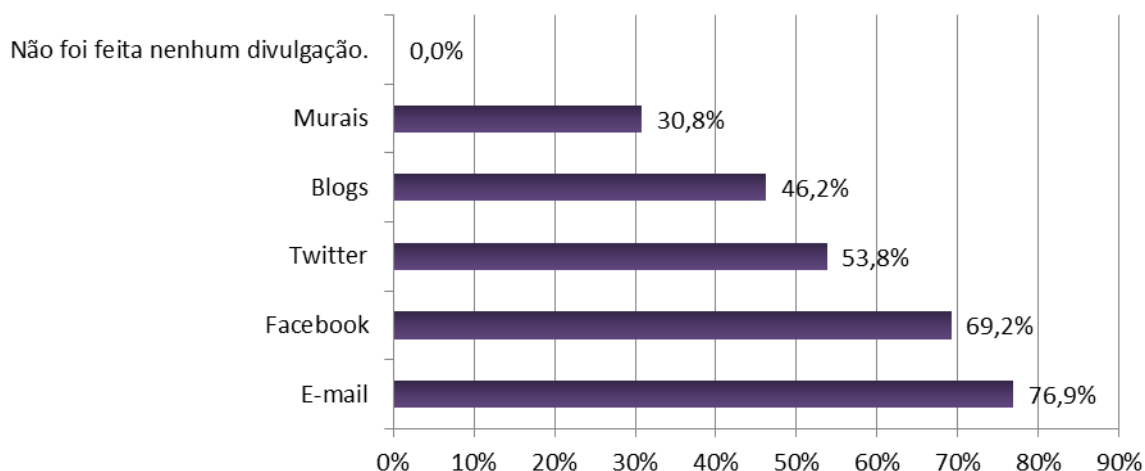
Gráfico 32 – Percentual de coleções de livros digitais que atende a política de desenvolvimento de coleções



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

6.5 DIVULGAÇÃO DA COLEÇÃO DE LIVROS DIGITAIS

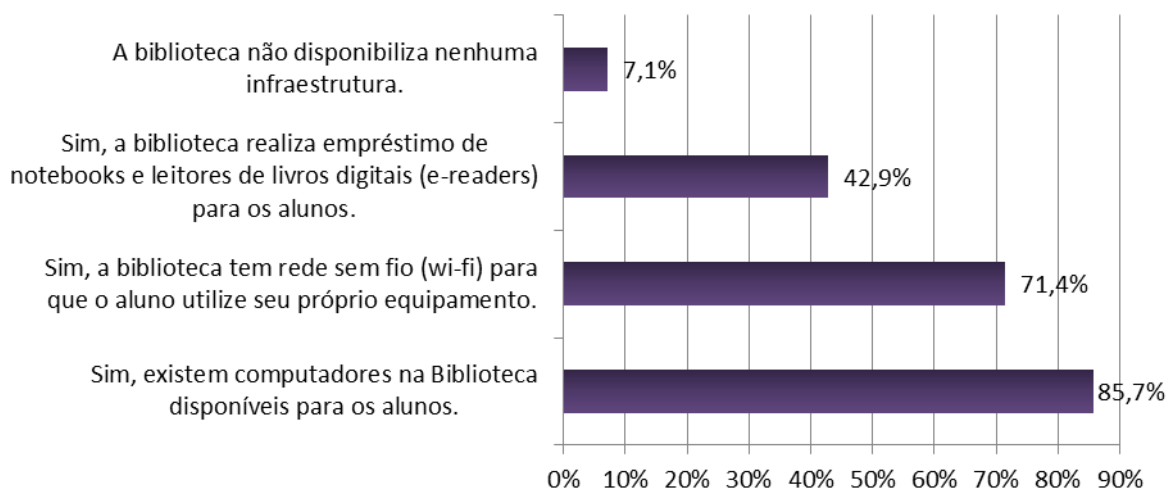
A divulgação dos novos recursos de informação que são incorporados ao acervo da biblioteca necessita de estratégias de divulgação que permitam aos usuários conhecer os novos produtos ofertados e acessá-los. Durante o mapeamento nos portais das universidades públicas, no espaço da biblioteca, pode-se verificar (quadro 06) que muitas utilizam como estratégia de divulgação das coleções de livros eletrônicos um *link* específico para chamar a atenção dos usuários. Buscou-se a partir dessa questão averiguar as estratégias de divulgação das coleções de livros eletrônicos por parte das bibliotecas. O resultado demonstra que o veículo de divulgação mais utilizado é o “e-mail” com um percentual de 76%, seguido das ferramentas da *web 2.0* com “*Facebook*” 69,2%; “*Twitter*” 53,8%, “*Blogs*” 46,2%. Por último o recurso mais tradicional “mural” 30,8%. Nenhum respondente assinalou a questão que “não foi feita nenhuma divulgação”.

Gráfico 33 – Estratégias de divulgação das coleções de livros digitais

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

6.6 INFRAESTRUTURA PARA ACESSO AS COLEÇÕES DE LIVROS DIGITAIS

Questionou-se sobre a infraestrutura para acesso as coleções de livros digitais. O maior percentual 85,7% (12) foi de bibliotecas universitárias que assinalaram que “Sim, existem computadores na biblioteca disponíveis para os alunos.”; 71,4% (10) “sim, a biblioteca tem rede sem fio para que o aluno utilize seu próprio equipamento”; 42,9% (6) informaram que “sim, a biblioteca realiza empréstimo de notebooks e leitores de livros digitais (*e-readers*) para os alunos.”; e 7,1% (1) assinalou que “a biblioteca não disponibiliza nenhuma infraestrutura.”

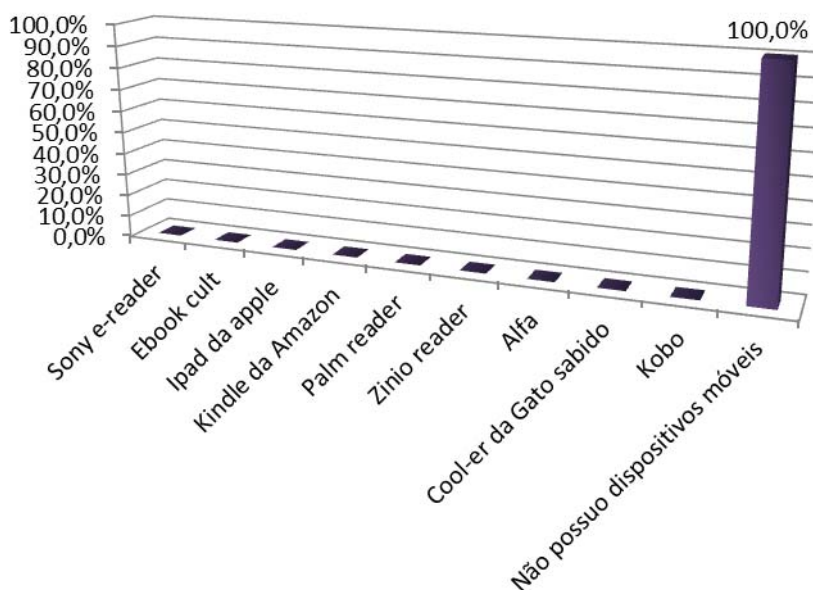
Gráfico 34 – Infraestrutura para acesso as coleções de livros digitais

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

6.7 USO DE LEITORES DE LIVROS DIGITAIS PELAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Considerando o aumento na popularidade dos leitores de livros eletrônicos (*e-readers*) como um recurso de acesso a informação e o próprio caráter exploratório da pesquisa, investigamos se as bibliotecas universitárias já estavam introduzindo no seu ambiente esses equipamentos. Até a data em que o coletor de respostas dessa pesquisa foi fechado (20 de maio de 2013) - 100% (9) - dos respondentes assinalaram “não possui dispositivos móveis”. Foi solicitada a especificação de “outros” dispositivos móveis: “possuímos *tablets Samsung*”; “sunfire (sistema android)”; “estamos em processo de seleção” e 2 (dois) respondentes informaram: “disponibiliza somente notebook” e “apenas notebook para empréstimo”. Treze (13) profissionais não responderam a esse quesito.

Gráfico 35 – Introdução de leitores de livros eletrônicos (e-readers) nas bibliotecas universitárias

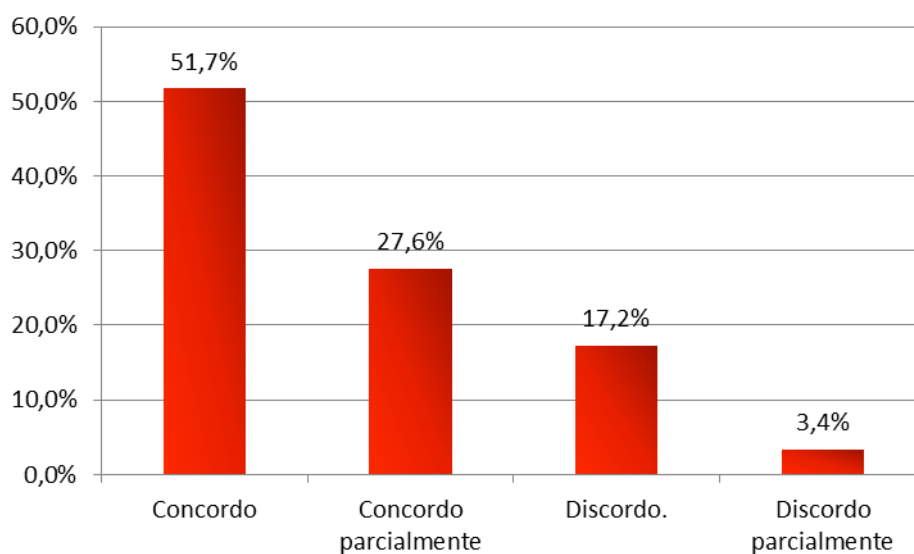


Fonte: dados da pesquisa (2013)

6.8 OPINIÃO DOS PROFISSIONAIS SOBRE A INSERÇÃO DO LIVRO DIGITAL NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Para o profissional da informação o desafio é acompanhar o avanço tecnológico de forma a introduzir essas tecnologias no âmbito da biblioteca universitária. O papel desse profissional é fundamental para integrar as tecnologias da informação às práticas tradicionais de tratamento, recuperação e disseminação da informação. Portanto, foi solicitada sua avaliação para a afirmativa: “como a inserção do livro digital interfere em algumas práticas relacionadas à organização e representação da informação, desenvolvimento de coleções e os serviços oferecidos pelas Bibliotecas Universitárias” - 51,7% (15) “concorda” com essa afirmativa; 27,6% (8) assinalaram “concordo parcialmente”; 17,2% (5) “discordo” e 3,4% “discordo parcialmente”. Apenas 4 (quatro) profissionais não responderam a essa questão.

Gráfico 36 – Opinião dos bibliotecários sobre a inserção do livro digital nas coleções das bibliotecas universitárias



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Ao serem solicitados que comentassem a resposta para essa questão, 16 (dezesseis) profissionais responderam resultando no quadro a seguir:

Quadro 09 – Opinião dos profissionais da informação sobre a introdução dos livros digitais nas bibliotecas universitárias

N.	Respostas
01	“É necessário, primeiramente, atuar com os servidores para poder transmitir positivamente a demanda dos usuários.”
02	“Pensamos que a inserção dos livros digitais irá interferir apenas no modo como serão disponibilizados ao público leitor. Todos os demais procedimentos, aparentemente, não tem razão de ser alterados. Não trabalhamos com livros eletrônicos nesta instituição ainda, estamos na fase de planejamento de busca de informações para melhor oferecer este serviço a nossa comunidade.”
03	“Todo o processamento, armazenamento, acesso/ circulação, e controle tem que ser redefinidos. E uma nova realidade que se for levar em consideração o uso do <i>trial</i> também altera a seleção de itens.”
04	“Por ser um novo recurso informacional requer atualização constante para o gerenciamento e atendimento desta demanda.”
05	“Muda o contexto. Muda o suporte e conseqüente a forma de armazenar e divulgar.”
06	“São novos recursos. É o rápido acesso ao conhecimento, a informação. Uma realidade hoje a qual temos que nos adaptar e divulgar, democratiza o conhecimento, com maior abrangência, permite maior número de usuários simultâneos com acesso à uma informação atualizada, segura de fácil alcance, sem o problema do extravio da obra e a perda da coleção.”
07	“O acervo digital é uma inovação tecnológica que permite o desenvolvimento e atualização de coleções, visando atender às necessidades da comunidade universitária, oferecendo o acesso simultâneo, prático e rápido. Contudo, não substitui a coleção tradicional.”
08	“No caso de nossa universidade, ainda não dispomos de estrutura para essa nova tecnologia.”
09	“Pelo contrário, o livro eletrônico amplia a dinâmica de acesso a informação, facilitando o processo de ensino aprendizagem.”
10	“O livro digital precisa de uma preparação dos funcionários e usuários. Com a adoção deste novo e importante meio de informação, são necessários alguns cuidados em sua organização, disponibilização e uso.”
11	“Sim, trata-se de um novo suporte de informação, que não comprometerá a qualidade dos produtos e serviços já oferecidos, porém trará mudanças significativas à unidade de informação, agregando inovação, tecnologia e perfil diferenciado no armazenamento tratamento, recuperação e disseminação da informação.”
12	“Na maneira dos serviços oferecidos, temos que disponibilizar máquinas suficientes para consulta.”
13	“Os avanços tecnológicos tornaram-se uma realidade que não podemos ignorar no âmbito da ciência da informação.”
14	“a inserção do formato digital gera impacto nos procedimentos da catalogação, empréstimo, seleção, compra, descarte, controle patrimonial enfim, em todos os serviços oferecidos pela biblioteca.”
15	“a partir do momento que se adquire livros digitais a representação difere um pouco do livro impresso. Devemos repensar o desenvolvimento de coleções pois não podemos adquirir pacotes fechados e sim livros que tenham pertinência com as disciplinas dos cursos e por outro lado dinamizar os serviços oferecidos pelas bibliotecas”
16	“Estamos aqui para o aprendizado e desenvolvimento no campo espiritual, emocional e profissional, portanto o livro digital vem oferecer aos profissionais da área da Biblioteconomia e usuários a oportunidade de mudanças no dia-a-dia, lembrando que nossa sociedade não é estática.”

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

8 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Identificou-se no sistema *e-Mec* (Portal MEC) o total de 97 (noventa e sete) universidades públicas no Brasil. Após o mapeamento realizado nos *sites* dessas universidades com o cruzamento da questão específica - se há ou não coleções de livros digitais -, resultou em 31 (trinta e uma) instituições que afirmam contar com esse tipo de coleção, algumas em processo de compra (7). Portanto, 32% de Universidades públicas brasileiras tem coleções de livros digitais disponibilizadas em seus portais, já sinalizando uma tendência de crescimento em função das universidades que estão em processo de aquisição dessa tipologia de livros.

Os dados sobre a distribuição por região geográfica indicam que a maior concentração de coleções de livros digitais está no Sul-Sudeste do país nas universidades federais – 21(vinte e uma) para 33 (trinta e três) universidades federais do conjunto de 50 universidades incluindo as outras categorias administrativas -, o que corresponde a 63,6%. No Norte e Nordeste as iniciativas identificadas concentram-se em 6 (seis) universidades (UFRR; UFBA; UFPB; UFAL; UFS e UFC) que têm coleções de livros digitais, das 22 (vinte e duas) existentes, correspondendo a 27% das federais (até o momento o total de 40 universidades federais e estaduais). Em relação ao Norte-Nordeste, no caso das universidades estaduais, não há ainda nenhuma coleção dessa natureza seguindo-se tanto as indicações dos *sites* como as respostas enviadas. No Centro-Oeste não houve qualquer indicação de coleções de livros digitais nem pelo mapeamento nos *sites* e nem pelo questionário.

Identificou-se a partir da matriz de coleta de dados que os editores, provedores de conteúdo e área conhecimento são similares nas universidades públicas federais da região nordeste (UFBA, UFAL, UFS e UFC). Aqui cabe citar a recomendação de Tamaro e Salarelli (2008) e Brown (1998) em que os autores afirmam que reunir-se em consórcios reduz os custos de aquisição e favorecem aos usuários das inúmeras faculdades, esses consórcios podem ocorrer no mesmo estado ou na mesma região. Cabe citar também o exemplo do consórcio CRUESP que integra as universidades estaduais de São Paulo (Unesp, USP e Unicamp).

Sobre as políticas de desenvolvimento de coleções 45,5% informou que conta com a política formalizada e reconhecida pela instituição, todavia, apenas no portal de 1 (uma) universidade federal (UFBA) foi encontrada a política disponível para visualização no portal. Nos portais das demais universidades públicas mapeadas não foi identificado esse documento. Vergueiro (1999) recomenda que as políticas estejam acessíveis inclusive para os usuários.

No gráfico (gráfico 10) nota-se que houve um aumento substancial na elaboração de políticas de desenvolvimento de coleções a partir de 2006 a 2012 (63,6%) indicando um aumento vertiginoso (49,6%) em relação aos anos anteriores e com participação dos bibliotecários, docentes e outros profissionais. Foi a partir dos anos 2000 que começaram a surgir no Brasil diversos estudos sobre bibliotecas digitais, virtuais e híbridas (KRZYZANOWSKI, 2007) conseqüentemente os questionamentos sobre a forma de gestão dessas coleções pode ter impactando na necessidade de elaboração de políticas que contemplassem as especificidades inerentes aos recursos digitais.

Verificou-se que a inserção dos livros digitais nas coleções das universidades ocorre no mesmo período (2006 a 2012) em que houve um aumento na elaboração das políticas. Como ainda é recente a constituição de coleções de livros digitais, não se pode atribuir que a elaboração de políticas no mesmo período esteja relacionada à introdução do livro digital, inclusive entende-se a ausência dessa tipologia nas políticas, a sua inclusão, assim como a elaboração de políticas específicas para recursos digitais, dependerá do crescimento dessas coleções no âmbito das bibliotecas universitárias. Sobre a abrangência dessas políticas 69,6% contempla todo tipo de suporte incluindo os digitais, entretanto, uma única instituição (UNESP) respondeu diretamente ter política específica para material digital. A literatura recomenda a elaboração de uma política de coleções exclusivamente para recursos digitais (EVANS; SAPONARO, 2005; IFLA, 2012; RODRIGUES; CARVALHO, 2013).

A área de conhecimento predominante nas coleções de livros digitais das universidades públicas é a Multidisciplinar (80%), de acordo com a tabela de área de conhecimento da CAPES, estão inclusas nessa categoria as áreas interdisciplinares, Ensino de Ciências e Matemática, Materiais e Biotecnologia. Em seguida houve uma simetria entre as áreas de Ciências Exatas, Biológicas, da Saúde e Sociais aplicadas (75%), a terceira área de maior predominância são as Engenharias e Ciências humanas (70%), a quarta Linguística, Letras e Artes (55%) e por último as Ciências agrárias (35%). Pode-se inferir que há uma maior oferta de livros digitais nessas áreas. Nos 'outros critérios' há respostas que indicam ora a quantidade maior (entende-se de ofertas) ora que houve uma análise para diagnosticar as necessidades das áreas de ensino e os serviços que a própria biblioteca deve cumprir, sinalizando nesse caso uma ação proativa por parte da biblioteca.

Ao realizar o cruzamento entre as áreas de conhecimento e as editoras os dados demonstraram que a Elsevier (41), Springer (34), Wiley (27) são as mais presentes com livros digitais em todas as áreas do conhecimento, sendo que o maior volume é nas áreas de Ciências Exatas, Engenharias, Ciências da Saúde e Ciências Sociais aplicadas. A editora

Zahar (18) tem um maior volume de publicações nas áreas de Ciências Sociais e Humanas e a editora Atheneu (17) na área das Ciências da Saúde. Vale destacar que tanto a Zahar como a Atheneu tem livros digitais em português. As demais editoras tem menor representatividade entre as coleções com variações quantitativas entre todas as áreas: a Ovid (8), a Britannica (6), a *E-papers* (4), *World Scientific* (3) e Cambridge (sinalizada por um dos respondentes). Um dos respondentes comentou que a universidade tem acesso a vários títulos do portal CAPES, portanto está trabalhando com bibliotecas digitais nacionais como é o caso da Biblioteca Virtual Universitária (Editora Pearson) e ‘Minha Biblioteca’ do grupo GEN. Nesse caso, a decisão da biblioteca foi não realizar assinatura de livros digitais de editoras científicas internacionais contando com o conteúdo disponível no portal CAPES que já disponibiliza livros digitais em inglês e português. O investimento foi realizado na aquisição de produtos das editoras nacionais, ainda que tais produtos sinalizados tenham como única modalidade de aquisição a assinatura de um ‘pacote’.

Uma vez identificadas às editoras e respectivas áreas de conhecimento buscou-se averiguar se houve alguma dificuldade para prospecção dos títulos. Embora a maior parte tenha respondido que não teve dificuldade para identificar títulos de livros digitais nas áreas de conhecimento pertinentes à universidade (60%), os 40% restantes veem obstáculos na questão da ausência de livros, principalmente em português e que atendam as bibliografias básicas dos programas de ensino particularmente para a área das Ciências Humanas. Outro obstáculo diz respeito ao método de venda por parte das editoras que formam ‘pacotes’ por elas selecionados oferecendo ao mesmo tempo o serviço de acesso à respectiva plataforma. É dito por um dos respondentes que os “pacotes” fechados incluem muitos títulos que não são de interesse para as bibliotecas e muitas vezes não atendem as demandas dos docentes e discentes. Entende-se que o formato de negócios ou segmento de mercado no Brasil ainda é muito recente, mas com um potencial irreversível de crescimento segundo a Câmara Brasileira do Livro. A venda de ‘pacotes’ é um fator que limita a possibilidade de seleção pelas bibliotecas.

Quanto aos critérios gerais de seleção: de um lado há a necessidade de inovação em função dos avanços tecnológicos (88,9%) considera que é preciso inovar. Seguida da resposta que indica a “influência” da oferta do fornecedor (50%) ao mesmo tempo o posicionamento do responsável pela biblioteca de que isso seria de interesse para os usuários, ou seja, o público universitário. Outra parte das respostas indica o peso da vida acadêmica – docentes solicitando a incorporação (33,3%) a percentagem idêntica para responder aos critérios do MEC e muito próximo da direção das universidades demandando a aquisição de livros

digitais (27,8%) – lembrando aqui que há critérios de avaliação dos cursos estabelecendo notas MEC/CAPES, mesmo nos ‘outros critérios’ observa-se o peso das necessidades dos acadêmicos (a exemplo dos títulos referendados pelos docentes). Há um desproporção entre a demanda dos acadêmicos (docentes) e do sistema acadêmico universitário frente à demanda discente que é menor 16,7%; situação que poderia ser contornada se houver a avaliação do uso do acervo e estudo de usuário. Porém, os estudos de usuários são uma prática pouco utilizada pelas bibliotecas universitárias a maior parte (68,7%) sinalizou que não executa esse tipo de estudo, somente 6 (31,6%) respondentes indicaram realizar esses estudos. O referencial teórico sobre o desenvolvimento de coleções considera o estudo de usuário uma ferramenta fundamental para o planejamento contribuindo na decisão sobre os recursos que serão inseridos nas coleções (VERGUEIRO, 1989; FIGUEIREDO, 1994; MIRANDA, 2007; SEPÚLVEDA; ARAÚJO, 2012). Com o advento dos recursos digitais essa prática pode constituir-se em uma ferramenta para conhecer as necessidades desse novo perfil de usuário, que passou a ler de uma maneira diferente.

Sobre a seleção dos livros eletrônicos que serão incorporados a coleção verificou-se que o maior percentual (53,8%; 7) informou realizar uma seleção parcial, ou seja, a coleção é composta por títulos selecionados e por ‘pacotes’ prontos. A diferença no percentual das que adquiriram ‘pacotes’ e das que selecionaram parcialmente é de apenas 7,6%. Chama a atenção o baixo percentual das bibliotecas que selecionam seus títulos (15,4%; 5) indicando que há uma dependência aos modelos de negócio que são ofertados pelas editoras. As questões que estão implícitas nas respostas dos profissionais das bibliotecas universitárias brasileiras também foram sinalizadas nos estudos sobre implantação de coleções de livros eletrônicos nas bibliotecas da Espanha e México (GAMA-RAMIREZ, 2006; ROMERO-OTERO; TOLEDO, 2011).

Para as 5 (cinco) bibliotecas que realizaram a seleção de livros digitais perguntou-se sobre os critérios adotados. O resultado demonstrou que a atualidade dos títulos é o principal critério considerado para seleção, seguida da referência do título na bibliografia básica, títulos com maior número de empréstimo, títulos em português e como último critério a autoria. Em ‘outros critérios’ um dos respondentes informou “tentamos adquirir aqueles títulos que são compra perpétua, tentamos evitar as assinatura por período”.

As bibliotecas têm políticas para gerir as coleções que inclusive contemplam os recursos digitais, estabelecem critérios gerais e específicos para seleção dos títulos, entretanto, os dados sinalizam que há ambiguidades em relação ao discurso e a prática. A pesquisa desenvolvida por Rodrigues (2008) sobre as mudanças nas práticas de desenvolvimento de

coleções com a inserção do periódico eletrônico concluiu que não há participação dos bibliotecários na seleção dos títulos. No caso dos livros digitais, a princípio, a ausência de seleção pode estar atrelada a pouca oferta e aos atuais modelos de negócios existentes que limitam a escolha a ‘pacotes’ assinados, totalmente munidos de proteção de direitos autorais (DRM) que controlam o acesso, cópia, difusão e empréstimo para usuários e entre bibliotecas (ARÉVOLO; CORDÓN-GARCIA; DIAZ, 2011). Será necessária uma atitude proativa do bibliotecário promovendo um diálogo com os editores para transmitir as demandas reais dos usuários.

A efetivação da aquisição dos livros digitais foi realizada na maior parte das bibliotecas universitárias com o agregador de conteúdo *Dotlib* (11; 83,6%). Segundo informação do gerente de vendas da *Dotlib* a empresa oferta a maioria dos livros digitais na modalidade acesso perpétuo e entrega as versões digitais em um HD para armazenamento da Universidade, sendo que a plataforma de acesso é considerada pela empresa uma cortesia. Os custos dessa modalidade são maiores, porque não há um pagamento mensal e nem anual para manutenção da plataforma em que os livros digitais ficarão armazenados. O segundo provedor mais presente é a *Ebsco* e *IEEE Xplore* (6;46,2%), seguida da *Ebrary*, *Pearson* e *Elsevier*, as duas últimas são tanto provedores de conteúdo com editoras.

Os livros digitais foram introduzidos nas bibliotecas universitárias a partir de 2006, sendo que a maior parte das coleções são formadas por livros nos três idiomas inglês, português e espanhol. A maior parte dos profissionais (46,2%;6) informaram que aderiram as duas modalidades de aquisição: coleções assinadas e com acesso perpétuo. Contudo confrontando o percentual de livros adquiridos com acesso perpétuo com as que assinalaram as duas modalidades nota-se que a diferença é de apenas 1 (uma) instituição, sinalizando que o acesso perpétuo tem maior aderência entre as bibliotecas acadêmicas. Essa preferência pode ter relação tanto com a possibilidade de escolha dos títulos como o fato de ter menos DRM, porque os títulos são de propriedade da biblioteca assim como os livros impressos.

Comparando-se as duas modalidades de aquisição vale destacar duas características que tiveram maior percentual em relação ao acesso perpétuo: a possibilidade de *download* do conteúdo completo do livro e a impressão ilimitada. Porém, é importante ressaltar que no caso do *download* do livro completo, quando realizado a partir do empréstimo pela plataforma, após o período definido pela biblioteca o livro digital bloqueia e o usuário não poderá mais ter acesso. Essa limitação é possível em função do DRM. Essas restrições por parte das editoras são incompatíveis com os serviços usuais ofertados pelas bibliotecas acadêmicas, os editores deveriam desenvolver produtos com maior flexibilidade e que favoreça o fluxo informativo

assim como a difusão do livro digital no mundo acadêmico (ROMERO-OTERO; TOLEDO, 2011).

Sobre a impressão, embora em menor percentual (9,1%;1) existe limite de impressão mesmo quando o acesso é perpétuo. Essas condições poderão variar dependendo da negociação entre o distribuidor e editora. Em relação ao formato dos *ebooks* a maior parte dos livros são em PDF, o formato *ePUB* teve um percentual baixo (9,1%;1) para as duas modalidades de acesso. Interessante observar também que nenhuma instituição que tem títulos assinados informou que registram os livros no sistema de gestão do acervo, essa prática somente foi sinalizada para as coleções com acesso perpétuo. A maioria dos fornecedores incluem a possibilidade de integração das coleções aos sistemas das bibliotecas (formato MARC) mesmo as assinadas.

A maioria das universidades tem realizado um investimento para a aquisição dessas coleções em torno de 6 a 10% (30,8%) em relação ao orçamento total para compra de livros. Apesar do questionário ter sido respondido pelos gestores 30,8% informou que não tem essa informação. Houve uma simetria no resultado dos investimentos que representam 20% e 30% ambos tiveram um percentual de 15,4% (2) esses percentuais, embora em número menor, são bem mais expressivos.

A avaliação e o uso da coleção é uma das fases do processo de desenvolvimento de coleção que subsidiam o bibliotecário na tomada de decisão. Por isso, considera-se importante que as bibliotecas elaborem e apliquem os instrumentos de medição com vistas a coletar dados que possam sinalizar sobre a manutenção ou não da continuidade da assinatura dos títulos nas coleções (FIGUEIREDO, 1998; VERGUEIRO, 1999; EVANS; SAPONARO, 2005). Ocorre que a maior parte das bibliotecas sinalizou que os fornecedores enviam as estatísticas de uso da coleção (46,2%) a menor parcela (23,1%; 3) informou que tem instrumentos de medição da coleção. A periodicidade das estatísticas em sua maior parte é mensal e semestral (33,3%, 4). Houve uma simetria em relação as estatísticas realizadas trimestralmente e anualmente (16,7;2). Para uma avaliação processual é necessário que a estatística seja analisada mensalmente. As observações dos respondentes sinalizaram que em algumas plataformas a administração tem senha e acesso e pode verificar as estatísticas sempre que for necessário. Em outros casos a estatística precisa ser solicitada ao fornecedor.

Os conteúdos dessas estatísticas limitam-se ao número de *download*, essa opção teve 100% de respostas, seguida dos títulos mais acessados e dos títulos nunca acessados. Os respondentes comentaram: “acessos negados” e “as estatísticas enviadas pelos editores não são suficientes para medir o uso dos materiais digitais”. Um recurso que poderia auxiliar na

estatística seria registrar os livros no sistema de gestão, quando questionadas sobre isso a maior parte (84,6%;11) respondeu que registram os livros digitais nos sistemas e apenas (15,4%;2) não registram. Embora a pesquisa não esteja centrada na avaliação das coleções de livros digitais, durante o levantamento bibliográfico, não foram identificados estudos sobre o assunto, indicando a necessidade de maiores pesquisas que reflitam criticamente sobre o uso das coleções de livros digitais.

As estratégias de divulgação dos novos produtos e serviços introduzidos nas bibliotecas são pontos fundamentais para estimular que os usuários utilizem os novos recursos de informação. Assim, as bibliotecas sinalizaram que utilizam o *e-mail* como o principal recurso e algumas ferramentas da *web 2.0* como *facebook*, *twitter*, *blogs* e por último o mural que pode ser considerado uma ferramenta tradicional mas que funciona se for bem explorado. Durante o mapeamento foi identificado que algumas bibliotecas utilizam nos seus sítios um ícone com as nomenclaturas “eBooks” ou “livro eletrônico” para chamar atenção dos usuários, outras não utilizam nenhuma estratégia desse tipo e apenas disponibilizam o ícone do editor ou provedor de conteúdo, fator que dificulta o acesso as coleções.

Sobre a infraestrutura para acesso aos livros eletrônicos 12 (doze) bibliotecas sinalizou que existem computadores e rede sem fio (wi-fi) para acesso aos conteúdos digitais. 6 (seis) bibliotecas realizam o serviço de empréstimo de notebook e leitores de livros digitais para os alunos, algumas sinalizaram os seguintes dispositivos móveis: *tablets Samsung*, *sunfire* (sistema android) e notebook. Ainda que as iniciativas sejam incipientes em relação ao total de universidades públicas há uma sinalização de que existe um movimento inicial por parte das bibliotecas universitárias para introdução desses dispositivos como mais um serviço ofertado.

Ao serem questionados sobre a afirmação de que o livro digital provoca uma mudança nas práticas de organização e representação da informação, no desenvolvimento de coleções e serviços ofertados, a maior parte dos gestores (51,7%; 15) concorda com essa afirmação, alguns concordam parcialmente (27,6%; 8), ainda houve uma pequena parcela que discorda dessa afirmação (17,2%;5). Há profissionais que consideram o livro digital como uma inovação tecnológica que permite o desenvolvimento e atualização de coleções, oferecendo o acesso simultâneo, prático e rápido. Contudo, não substitui a coleção tradicional. Pelo menos dois gestores visualizam a necessidade de capacitação dos servidores como um dos pontos chave para transmitir de uma maneira positiva essas mudanças para os usuários. Um dos gestores afirmou que a mudança é apenas no modo como os livros serão disponibilizados para o leitor e que ainda estão em fase de planejamento e busca de informações para inserção dos

livros digitais. Essa afirmação pode ter relação com o desconhecimento dos diversos fatores que envolvem o acesso ao livro digital. Alguns consideram que há uma mudança no processamento, armazenamento, acesso, circulação e controle, sendo necessária a redefinição desses processos, cita o uso do *trial* como um fator que altera o modo de seleção. O *trial* pode ser considerado como um instrumento auxiliar que substitui o tradicional catálogo, em que os bibliotecários podem realizar testes de busca e usabilidade, compartilhando com docentes e alunos, a exemplo das plataformas dos agregadores de conteúdo Dotlib e Ebsco.

Um dos gestores afirmou que os novos recursos de informação democratizam o conhecimento, contudo isso é bastante questionável, porque embora as bibliotecas universitárias empreendam esforços no desenvolvimento de projetos que viabilizam o acesso a produção científica gratuita a exemplo das editoras universitárias (BUFREM, 2001; SCIELO BOOK, 2013; CULTURA ACADÊMICA, 2013) há por outro lado, as editoras comerciais que protegem os seus produtos inseridos tecnologias (DRM) que permitem a restrição de acesso limitando serviços que são tão usuais como o empréstimo entre bibliotecas. Há os que são categóricos ao afirmar que o desenvolvimento de coleções deve ser repensado, os bibliotecários não podem adquirir pacotes fechados e sim livros que tenham pertinência com as disciplinas dos cursos e atendam as necessidades dos usuários (WEITZEL, 2002; VERGUEIRO, 2010; CUNHA, 2010).

Portanto, de um modo geral os gestores das bibliotecas universitárias consideram que as mudanças que ocorrem no contexto externo não devem ser ignoradas, fomentando o aprendizado contínuo do profissional da informação para se apropriar das características inerentes a esses novos suportes, já que o seu manejo interfere nos processos das bibliotecas desde a seleção, aquisição, processamento, armazenamento até a divulgação e uso.

CONCLUSÃO

Os resultados dessa pesquisa indicam que, excetuando a região centro-oeste, as demais regiões do Brasil, encontram-se bibliotecas universitárias públicas com coleções de livros digitais adquiridos por assinatura ou acesso perpétuo. A maior concentração dessas coleções está entre as universidades públicas federais da região Sul-Sudeste. Os dados também sinalizam uma tendência de crescimento dessas coleções.

De acordo com o referencial teórico pesquisado, assim como os relatórios de entidades representativas do mercado editorial, os livros digitais estão ampliando seu espaço no mercado, não implicando na sobreposição destes em relação aos livros físicos, mas sim em novas modalidades de produtos e serviços, a exemplo dos consórcios de editoras, auto publicação e impressão sob demanda. Em sua maioria os produtos parecem destinados a pessoas físicas, as estatísticas sinalizam que a venda de livros digitais nos EUA está associada à venda de leitores de livros eletrônicos (*e-readers*). No Brasil o leitor de livro eletrônico não é um dispositivo acessível para a maioria da população.

A questão é que há um conflito de interesses entre as editoras e a universidade gerando divergências na forma como os produtos são ofertados. As modalidades de negócio dos editores científicos correspondem mais aos seus interesses do que as necessidades das bibliotecas e usuários. Os produtos estão limitados aos ‘pacotes’ ofertados pelos editores que se reúnem em consórcios e vendem um produto com assinatura mensal ou anual, dependendo da editora pode existir a possibilidade de escolha título a título, porém os custos são mais altos para as bibliotecas.

Os editores protegem seus modelos de negócio através do sistema de gestão de direitos autorais (DRM) que controla o acesso, impressão, cópia e distribuição, restringindo os tradicionais serviços oferecidos pelas bibliotecas como o empréstimo e a disseminação do livro digital. Existem algumas editoras que não trabalham com DRM, normalmente a forma de aquisição é o acesso perpétuo ao conteúdo do livro (exemplo da UFBA com a editora Atheneu) isso talvez justifique a preferência sinalizada pelos profissionais por essa modalidade de compra, além de ser mais compatível com o modelo tradicional de aquisição.

Através das plataformas de acesso aos livros digitais os editores podem vender publicações e cobrar pelas impressões. De alguma maneira também isenta a biblioteca do controle sobre as questões de cópia de livros que estão no mercado editorial. Contudo as bibliotecas universitárias terminam sendo intermediárias para a venda de um produto que pagam para ter acesso.

Os formatos dos livros digitais são muito distintos podem variar (PDF, *Epub*, HTML, TXT, entre outros) o que pode gerar incompatibilidade com os dispositivos de leitura dos usuários. Em relação à forma como o conteúdo dos livros digitais são dispostos nas plataformas observa-se que alguns editores fragmentam o conteúdo do livro por capítulo, ou seja, o livro não é tratado como uma unidade monográfica, limitando o *download* do conteúdo completo.

Ao analisar a estatística dos provedores de conteúdo percebeu-se que o número de *download* por capítulo pode ser interpretado como número de acesso ao título, causando uma inconsistência na interpretação dos dados. Conclui-se que as estatísticas de uso fornecidas pelos editores são muito genéricas e não representam o uso real dos livros digitais.

A questão da busca e recuperação da informação é outro fator que merece ser ressaltado. Cada editor possui sua própria plataforma de acesso as coleções de livros digitais, exigindo que o usuário faça diversas buscas em torno de um único assunto. Uma ação que poderia contribuir para otimizar o tempo de busca do usuário seria estabelecer como critério de seleção a aquisição de livros que possam ser integrados aos sistemas de gestão da biblioteca (formato MARC). Muitos fornecedores já estão trabalhando com esse formato, porém nem todas as bibliotecas estão realizando essa integração, em alguns casos, em função do grande volume de livros adquiridos, necessitando de uma plataforma específica para acesso aos livros digitais.

O livro digital não tem uma arquitetura padrão exclusivamente destinada ao seu formato. A partir das plataformas que foram analisadas observou-se que os livros digitais são uma réplica dos livros físicos, as inúmeras possibilidades tecnológicas dos recursos digitais multimídia ainda são pouco exploradas pelos editores.

As bibliotecas universitárias são as maiores consumidoras de livros técnicos científicos e precisam desse insumo para formação das coleções de livros digitais. A pesquisa indicou que as áreas de conhecimento predominantes são as Ciências Exatas, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde e Ciências Sociais aplicadas e as editoras predominantes são internacionais como: *Elsevier*, *Springer* e *Wiley* evidenciando que a maior parte das publicações são no idioma inglês; os principais provedores de conteúdo são a *Dotlib*, *Ebsco* e *IEEE Xplore*. Há uma oferta muito limitada no mercado atual para publicações em português.

Embora os resultados indiquem que as bibliotecas universitárias adotam critérios tanto gerais como específicos para seleção de títulos de livros digitais, inclusive a maior parte das bibliotecas assinalou que existem políticas formalizadas e que contemplam os recursos eletrônicos, a prática de seleção de livros digital é pouco exercida pela maioria dos

profissionais, em função da dependência do que existe no mercado atualmente para formação dessas coleções. A possibilidade de integrar um grande volume de recursos a partir das assinaturas das bases de dados sobrepôs à ação da seleção.

Sobre a formação e desenvolvimento de coleções conclui-se que os princípios aplicados para a seleção de livros digitais são os mesmos aplicados para a seleção de livros físicos, o que muda substancialmente é a forma de aquisição que implica conhecer os formatos, modelos de licença entre outros aspectos. O paradigma da custódia em detrimento ao acesso retorna mais uma vez a discussão com a introdução dos livros digitais nas coleções das universidades.

Em relação ao arcabouço teórico recorreu-se a literatura sobre o desenvolvimento de coleções para fundamentar o argumento sobre a importância desse processo no âmbito das bibliotecas universitárias. Mesmo os autores mais recentes recorrem aos “clássicos” para discutir sobre o advento dos recursos digitais nas coleções. Existem ainda poucos estudos sobre a implantação dos livros digitais nas bibliotecas universitárias brasileiras, principalmente no que se refere à avaliação de uso dessas coleções, comportamento informacional dos usuários frente a esse recurso e questões relacionadas à preservação dos recursos digitais, sinalizando a necessidade de investigação futura a respeito desses temas.

Portanto, com base no referencial teórico estudado, os dados coletados e a opinião dos profissionais conclui-se que um desafio está posto aos bibliotecários. As políticas de seleção são fundamentais para que estes profissionais possam estar respaldados e posicionar-se frente ao atual contexto com uma postura proativa, promovendo um diálogo entre editores e bibliotecas que contribua para que efetivamente o investimento público que está sendo realizado em coleções de livros digitais possa atender as necessidades reais dos seus usuários.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lemilson José Cavalcanti de (2012). **O livro eletrônico no mundo editorial e a evolução histórica do copyright e das estratégias de apropriação de lucro**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Administração).
- ALVES, Elisângela Aparecida (2010). **Convergência digital e o futuro do livro**. Rio de Janeiro: Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em letras).
- ALVITE DÍEZ, Maria Luiza. Colecciones de libros electrónicos em las bibliotecas universitarias españolas. In: Jornadas de Gestión de la Información, Madrid (Spain), 6-7 nov. 2006. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/8484/>> Acesso em 30 de maio de 2013.
- ARÉVOLO, Julio Alonso. Bibliotecas digitales: reflexiones desde la práctica. In: JORNADA PROFESIONAL EL MERCADO BIBLIOTECARIO COMO LA OPORTUNIDAD DE NEGOCIO PARA LA EDICION DIGITAL, 2012, Espanha. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/18143/>> Acesso em 07 de jun. 2013.
- ARÉVOLO, Júlio Alonso, CORDÓN-GARCIA, José A. El libro electrónico em el ecosistema de información. **Ciencias de la Información**, v. 41, n.2, maio-ago, p.58-68, 2010. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/14891/>> Acesso em 30 de maio de 2013.
- ARÉVOLO, Júlio Alonso, CORDÓN-GARCIA, José A; DÍA, Gómez. Estudio sobre el uso de los libros electrónicos em las bibliotecas universitarias de Castilla y León. **Bid**, n.30, jun. 2013, Barcelona. Disponível em <<http://bid.ub.edu/es>> Acesso em 27 de jun. de 2013.
- _____. El libro electrónico em la biblioteca universitaria y de investigación. **Biblios**. n.42, jan./mar., 2011. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/15537/>> Acesso em 20 de jun de 2013.
- ARRANZ, Fernando Pérez. El uso cotidiano de los libros electrónicos. **Boletín de la Asociación de Andaluza de Bibliotecários**, n.65, dez., 2001. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/5953/>> Acesso em 10 de jun. de 2013.
- BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de survey**. 3.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 519 p.
- BAKER, David. Inside every fat man: balancing the digital library budget. Disponível em <<http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?issn=02641615&volume=36&issue=4&articleid=1752546&show=html>> 2006. Acesso em 27 de jul. de 2013.
- BENÍCIO, Christine Dantas; SILVA, Alzira Karla Araújo da. Do livro impresso ao e-book: o paradigma do suporte na biblioteca eletrônica. **Biblioonline**. v.1, n.2, 2005. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/580>> Acesso em 24 de dez. 2012.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Lei n. 10.753 de 30 de outubro de 2003**. Institui a política nacional do livro e da leitura. Brasília, DF, 30 nov. 2003. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.753.htm> Acesso em 03 de maio de 2013.

_____. **Lei n.10.994, de 14 de dezembro de 2004.** Depósito legal de publicações na biblioteca Nacional. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110994.htm> Acesso em 03 de maio de 2013.

BRASIL. Ministério do Planejamento. Panorama da interoperabilidade. Brasília: MP, 2010. Disponível em: <<http://www.governoeletronico.gov.br/acoes-e-projetos/e-ping-padros-de-interoperabilidade/o-que-e-interoperabilidade>>. Acesso em 19 de maio de 2013.

BROWN, Doris. Consórcios e redes nas bibliotecas acadêmicas dos EUA. *Transinformação*, v.10, n.1, p.33-61, jan./abr. 1998. Disponível em <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000000282&dd1=be40f>> Acesso em 02 de jun. 2013.

BIBLIOTECA Nacional. Relatório de gestão. Disponível em: <<http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/RelatorioGestao2011.pdf>> Acesso em 05 de maio de 2013

BUFREM, Leilah Santiago; SORRIBAS, Tidra Viana. Práticas de leitura em meio eletrônico. *Educação Temática Digital*. Campinas v.11, n.1, 2009. Disponível em <http://www.brapci.ufpr.br/search_result.php> Acesso em 04 de julho 2012.

_____. **Editoras Universitárias no Brasil: Uma critica para a Reformulação da Pratica.** São Paulo : Edusp, 2001.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL). **Relatório da comissão do livro digital.** Disponível em <<http://www.cbl.org.br/telas/servicos/documentos.aspx>> Acesso em 05 de maio de 2013.

CAPES. **Tabela de áreas do conhecimento.** Disponível em <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/tabela-de-areas-de-conhecimento>>

CARVALHO, Kátia de. O admirável mundo da informação e do conhecimento: livro impresso em papel e livro eletrônico. **Biblios.** Disponível em <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/busquedadoc?t=O+admir%C3%A1vel+mundo+da+informa%C3%A7%C3%A3o+e+do+conhecimento&db=1&td=todo>> Acesso em 10 de jul. 2012.

CARVALHO, L. M.; SILVA, A. M. Impacto das tecnologias digitais nas bibliotecas universitárias: reflexões sobre o tema. *Inf & Soc. João Pessoa*, v.19, n.3, p.125-132. Set./dez. 2009. Disponível em <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3898>>. Acesso em 15 de maio de 2013.

CHIAVENATO, Idalberto. **Iniciação a teoria das organizações.** São Paulo: Manole, 2010.

CLAVERO, Javier, et. al. Estudio de caso de servicio de préstamo de libros electrónicos. **El profesional de la información.** v.18, n.2, mar./abr., 2009. Disponível em <http://upcommons.upc.edu/e-prints/bitstream/2117/2846/1/clavero_estudiocaso.pdf> Acesso em 12 de jun. de 2013.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (CONARQ). **Câmara técnica de documentos eletrônicos**. Disponível em <<http://www.documentoseletronicos.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=10>> Acesso em 15 de março 2013.

CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos avançados**, n.8, v.21, 1994.

_____. **Do leitor ao navegador**: conversações com Jena Lebrun. São Paulo: Unesp, 1998.

CORDÓN-GARCIA, Jose Antonio. **La revolucion del libro electrónico**. UOC: Barcelona, 2012.

_____. Los libros electrónicos em la biblioteca: nuevas lecturas, nuevos lectores. In: JORNADA PROFESIONAL DE LA RED DE BIBLIOTECAS DEL INSTITUTO CERVANTES,4, 2011, **Actas...**Madrid. Disponível em <http://www.cervantes.es/imagenes/File/biblioteca/jornadas/jornada_4/actas/cordon_jose%20antonio.pdf> Acesso em 27 de jun. 2013.

CORDÓN-GARCIA, J.; ARÉVOLO, J. A; DIAZ, R. G. Modelos de negocio y plataformas de venda de libros electronicos em Espana. **Infoconexión**, n.2, mai, 2011. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/15715/1/cordon%20InfoConexi%C3%B3n.pdf>> Acesso em 22 de jun. 2013.

CORDÓN-GARCIA,J.; ARÉVOLO, J.A. Las politicas de adquisición de libros electronicos em bibliotecas: licencias, usos y derechos de autor. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECAS PUBLICAS, Gijon, 2010. Disponível em <http://eprints.rclis.org/15059/1/Las_pol%C3%ADticas_de_adquisici%C3%B3n_de_libros_electr%C3%B3nicos.pdf> Acesso em 15 de maio. de 2013.

_____. Las plataformas de venta de libros eletrônicos: modelos de negócio y estratégias de mercado. **Bid**, n.26, jun., 2011. Disponível em <<http://bid.ub.edu/26/cordon2.htm>> Acesso em 10 de maio de 2013.

CORREIO brasiliense. Presente e futuro do periódico científico. Brasília, 13 de jul. 1968, Caderno cultura, p.3. Disponível em <http://www.unirio.br/museologia/textos/presente_e_futuro_periodico.pdf> Acesso em 10 de jul. 2013.

COSTA, S. Filosofia aberta, modelos de negócios e agências de fomento: elementos essenciais a uma discussão sobre o acesso aberto à informação científica. **Ciência da Informação**, v. 35, n. 2, p. 39-50, maio/ago., 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n2/a05v35n2.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

COSTA, Maria Murrieta. As bibliotecas brasileiras em 2018: resultados da técnica de delfos. **Perspectivas em Ciência da Informação**. v.17, n.1, p.74-93, jan./mar. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362012000100005> Acesso em 12 de jun. de 2013

CULTURA acadêmica. Disponível em < <http://www.culturaacademica.com.br/>> Acesso em 02 de maio de 2013.

CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ci. Inf.** V.29, n.1, p. 71-89, jan./abr.2000. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a8.pdf>> Acesso em 30 de jun. 2013.

_____. **Manual de fontes de informação.** Brasília: Briquet de Lemos, 2010.

_____. **A biblioteca na encruzilhada.** *Data Gama Zero.* Rio de Janeiro. v.11,n.6,2012. Disponível em <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000009513&dd1=1a0ff>. Acesso 10 de ul. 2012.

_____. Desafios na construção da biblioteca digital. **Ci. Inf.** Brasília, v. 28, n. 3, p. 257-268, set./dez. 1999.

CREATIVE Commons. 2013. Disponível em < <http://creativecommons.org/>> Acesso em 29 de abr. 2013.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros:** passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais.** 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2011.

DOURADO, Stella (2012). **Identificando a inovação editorial na cadeia produtiva do livro universitário brasileiro.** Salvador: Universidade Federal da Bahia. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação).

Digital Restrictions Management (DRM). Disponível em <<http://drm.info/en/what-is-drm>> Acesso em 06 de maio de 2013.

DRABENSTOTT, Karen; BURMAN, Celeste M. Revisão analítica da biblioteca do futuro. **Ci. Inf.** v. 26 n. 2 Brasília May/Aug. 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000200012> Acesso em 20 de jun. de 2013.

DZIEKNIAK, G.V. et al. Considerações sobre o e-book: do hipertexto à preservação digital. *Biblos.*v.24,n.2,2010. Disponível em <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000010112&dd1=a0710>> Acesso em 09 de julho 2012 .

EBSCO. Disponível em < <http://www.ebscohost.com/ebooks>> Acesso em 20 jun. 2013.

ECO, Humberto; CARRIERE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

EARP, Fábio Sá; KRONIS, George. **A economia da cadeia produtiva do livro.** Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

EVANS, G.; SAPONARO, Margaret Zarnosky. **Developing library and information center collections**. 5. ed. London: Libraries, 2005

FAGUNDES, Silvana Aparecida. Formação e desenvolvimento de coleções de livros eletrônicos: tendo com critério o uso do acervo impresso. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17, 2012, Gramado. **Anais**. Disponível em <<http://www.snbu2012.com.br/>> Acesso em 20 de jun. de 2013

FEBVRE, Lucien, MARTIN, Henry-Jean. O aparecimento do livro. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1992.

FIGUEIREDO, Nice Menezes. **Desenvolvimento e avaliação de coleções**. Brasília: Thesaurus, 1998.

_____. Novas tecnologias: impacto sobre a formação de coleções. *Perspec. Ci. Inf.*, v.1,n.2, p. 245-254, jan./dez., 1996.

FROSSARD, Vera Cecília. **Tipos e bits a trajetória do livro**. I Seminário brasileiro sobre o livro e a história editorial, 8 a 11 de nov. de 2004. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

FSFE – Free Software Foundation Europe. DRM.info. Disponível em <<http://www.drm.info/pt/what-is-drm>> Acesso em 31 de maio de 2013.

FUGITA, Mariângela. Aspectos evolutivos das bibliotecas universitárias em ambiente digital na perspectiva da rede de bibliotecas da UNESP. *Inf & Soc*. V.15, n.2, p. 97-112, jul./dez. 2005. Disponível em <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003605&dd1=aeaec>. Acesso em 10 de jun. 2013.

GAMA RAMÍREZ, Miguel. **El libro electrónico em la universidad**: Testimonios y reflexiones. México: Colegio Nacional de Bibliotecários, 2006

GARCIA, Remedios de Vicente. Los libros electrónicos em las colecciones de las bibliotecas públicas. *Bid*, n.30, jun. 2013, Barcelona. Disponível em< <http://bid.ub.edu/es>> Acesso em 27 de jun. de 2013.

GODOY, Esther Ramirez; ESCOTO, Alma Silvia. Desarrollo de colecciones digitales especializadas. **Libr. & Info. Sci Critique.**, v. 3, n.2, jul./dez. 2010. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/15703/1/c.b.vol.3.no.2.ramirez-godoy%26diaz-escoto.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAELLS, Miquel Térmens. Los consórcios, una nueva etapa de la cooperación bibliotecaria. **El profesional de la informacion**, v.14, n.3, may-jun, 2005. Disponível em< <http://eprints.rclis.org/12873/>> Acesso em 20 de jun., 2013.

IBIBLIO. **Internet Pioneers**. Disponível em <<http://www.ibiblio.org/pioneers/bush.html>> Acesso em 27 mar. 2013.

IFLA. **Cuestiones clave para el desarrollo de colecciones com recursos electrónicos**: uma guia para bibliotecas. 2012. Disponível em < <http://www.ifla.org/files/assets/acquisition-collection-development/publications/electronic-resource-guide-sp.pdf>> Acesso em 20 jun. 2013.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil. Disponível em < <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48>> Acesso em out. 2012.

JACOB, Christian; BARATIN, Mare. **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 3.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

JENKIS, Henry. **A cultura da convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KLAES, Rejane Raffo. Dados e informações usados na tomada de decisão em bibliotecas universitárias brasileiras: o contexto da atividade de desenvolvimento de coleções. (1991). Brasília: Universidade de Brasília. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação).

KRZYANOWSKI, Rosaly Fávero. cooperação em bibliotecas no brasil: um panorama da década de 50 até nossos dias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.3, n.1, p.1-24, jan-jun. 2007.

LEE, H.L. **What is a collection?**. Journal of the American society for Information Science, v.51, n.12, p.1106-1113, 2000.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo, SP: Ed. 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo, SP: Ed. 34, 1999.

LUBISCO, Nídia M. L. **Biblioteca universitária**: elementos para o planejamento, avaliação e gestão. Salvador: Edufba, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005

MARCONDES, Carlo Henrique; SAYÃO, Luis Fernando. Documentos digitais e novas formas de cooperação entre sistemas de informação em C&T. **Ci. Inf.**, v.31, n.3, p. 42-54, set./dez. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a05v31n3.pdf>> Acesso em 22 de maio de 2013.

MARCHIORI, Patrícia Zeni. “**Ciberteca**” ou **biblioteca virtual**: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. **Ci. Inf.** v. 26 n. 2 Brasília May/Aug. 1997
Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010019651997000200002&script=sci_arttext> Acesso em 20 de jan. de 2013.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MIRANDA, Antônio. A missão da biblioteca pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. V.6, n. 1, jan./jun. 1978, p. 69-75. Disponível em <http://www.antoniomiranda.com.br/ciencia_informacao/art_conceitos_de_organizacao.pdf> Acesso em 12 de junho de 2013

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Formação e desenvolvimento de coleções em bibliotecas especializadas. **Inf. & Soc.:** Est., João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 87-94, jan./abr. 2007. Disponível em: Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.17, n.2, p.269-287, jul./dez., 2012, 287. Disponível em<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies>>. Acesso em: 10 de jun. 2013.

ODDONE, Nanci. Política de acesso aberto para livros digitais e eletrônicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO – CIFORM, 11, 2013. Salvador. Mundo digital uma sociedade sem fronteiras. **Anais eletrônicos**. Disponível em < <http://www.slideshare.net/neoddone/politica-de-acesso-aberto-para-livros-digitais-e-eletronicos>> Acesso em 21 ago. 2013.

OTLET, Paul. **El tratado de Documentación**. El libro sobre El libro. Teoría y Práctica. (Tradução María Dolores A. Garcia). Espanha: A.G. Novograf, s. A.E (obs. s/ano; remete a publicação original 1934).

PEARSON. Biblioteca virtual universitária. Disponível em http://www.pearson.com.br/servicos.asp?pag_id=56&area_pai=43&id_p=0 Acesso em 20 jun. 2013.

PORTAL CAPES. Disponível em < <http://www.periodicos.capes.gov.br/>> Acesso em 20 abr. 2013.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital**: o mercado editorial e as mídias digitais. São Paulo: Giz, 2010.

PUBLISHNEWS. Disponível em <<http://www.publishnews.com.br/>> Acesso em 30 mar. 2013.

PEWRESEARCHCENTER. Disponível em <<http://libraries.pewinternet.org/2012/12/27/eBook-reading-jumps-print-book-reading-declines/>> Acesso em 02 de maio de 2013.

REVOLUÇÃO e-book. Disponível em < <http://revolucaoebook.com.br/>> Acesso em 30 de maio de 2013.

ROS, Ramon, et. al. PUC: Préstamo Consorciado de Las bibliotecas del CBUC. **El profesional de la informacion**, v.21, n. 6, nov./dez. 2012. Disponível em < <http://eprints.rclis.org/18163/>> Acesso em 10 de jun. de 2013.

ROSETTO, Márcia. Os Novos Materiais Bibliográficos e a Gestão da Informação: livro eletrônico e biblioteca eletrônica na América Latina e Caribe. **Ci Inf**. v. 26, n.1, 1997. Disponível em <<http://revista.ibict.br/ciinf/7>> Acesso em 21 de maio de 2013.

MENEZES, L. M. G. F; AMORIN NETO, M. R. O livro eletrônico nas práticas biblioteconômicas: a experiência da Unirio. CBBB, 24, Alagoas, ago. 2011. **Anais....**Alagoas: Febab, 2011.

RODRIGUES, Eloy; CARVALHO, José. Gestão e organização da coleção digital. RBE: MEC, 2013. Disponível em <http://www.rbe.minedu.pt/np4/np4/?newsId=871&fileName=be_rbe_3.pdf> Acesso em 20 de jun. 2013.

RODRIGUES, Kátia de Oliveira (2008). **Mudanças nas práticas de desenvolvimento de coleções de periódicos científicos nas bibliotecas universitárias brasileiras**. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação).

ROMERO-OTERO, Irene Sofia; TOLEDO, Elea Giménez. **Bid**, n.30, jun. 2013, Barcelona. Disponível em < <http://bid.ub.edu/es>> Acesso em 27 de jun. de 2013.

ROWLEY, Jennifer. **A biblioteca eletrônica**. Brasília: Briquet de Lemos, 2002.

SCIELO Livros. 2013. Disponível em < <http://books.scielo.org/>> Acesso em 02 de maio de 2013.

SEPÚLVEDA, Maria Inês Moreira ; ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. Realização de estudos de usuários na prática profissional bibliotecária: estudo de campo no sistema de bibliotecas da UFMG. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.17, n.2, p.269-287, jul./dez., 2012. Disponível em <<http://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/842/pdf> > Acesso em 12 de jun. 2013.

SANZ, Pedro D. **Libros electrónicos, el nuevo concepto del libro**. Disponível em < <http://eprints.rclis.org/8751/>> Acesso em 21 de nov. 2012.

SIMPLÍSSIMO. Disponível em <<http://revolucaoebook.com.br/6-meses-catalogo-ebooks-portugues-salta-11-para-16-mil-titulos/>> Acesso em 02 de maio de 2013.

_____. **O formato ePub: por onde começar**. Disponível em <http://www.simplissimo.com.br/o-formato-epub-por-onde-comecar/> Acesso em 10 de jun. 2013

SPILLER, David. Seleção de material bibliográfico: alguns fatores. R. Esc. Bibliotecon., n.3, v.2, p. 141-149, set. 1974. Disponível em <<http://www.brapi.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002633&dd1=e39d3>> Acesso em 30 de maio de 2013.

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto & LEMOS, Antônio Agenor Briquet (Trad.). **A biblioteca digital**. Brasília: Briquet de Lemos. 2008..

TARAPANOFF, Kira. A biblioteca universitária vista como uma organização social. In: **Estudos avançados em biblioteconomia e ciência informação**. v.1, p. 73 a 92. Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF). Brasília, 1982.

TARGINO, Maria das Graças; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro; PAIVA, Maria José Rodrigues. Repositórios institucionais brasileiros: entre o sonho e a realidade. **Conf. Inter. Acceso Abierto, Comunicación Científica y Preservación Digital**. Barranquilha. Nov. 2012. Disponível em <<http://eventos.uninorte.edu.co/index.php/biredial/biredial2012/paper/viewFile/360/19>> Acesso em 20 jun. 2013.

THE GLOBAL *e-book* Market: current conditions & future projections 2011. Disponível em <http://www.publishersweekly.com/binary-data/ARTICLE_ATTACHMENT/file/000/000/522-1.pdf> Acesso em 21 de mar. 2012.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 18 reimp. São Paulo: Atlas, 2009.

UNICAMP. **Biblioteca do futura disponibiliza 188 mil livros eletrônicos**. Disponível em <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2007/ju367pag06.html>

VELASCO, Juliana Oliveira (2008). **O uso do livro eletrônico na prática científica**. Salvador: UFBA. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação).

VERGUEIRO, W.C. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis, 1989.

_____. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 22,n.1 p. 13-21, jan. abr. 1993. Disponível em <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewArticle/1208>. Acesso em 20 de jun. 2013.

_____. **Seleção de materiais de informação: princípios e técnicas**. Brasília: Briquet de Lemos, 2010

_____. O futuro das bibliotecas e o desenvolvimento de coleções: perspectivas de atuação para uma realidade em efervescência. **Perspect. Cienc. Inf.**, v.2, n.1, p. 93-107, jan./jun. 1997. Disponível em <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/629/413>> Acesso em 10 de maio de 2013.

WEITZEL, Simone R. Critérios para seleção de documentos eletrônicos na Internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., Porto Alegre, 2000. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS

_____. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **Transinformação**, Campinas, 24(3):179-190, set./dez., 2002. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/12100/>> Acesso em 22 de jun. 2012.

_____. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

_____. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimentos: suas origens e desafios. **Perspect. Cienc. Inf.**, v.7, n.1, p. 61-67, jan./jun. 2012.

_____. Mudanças no desenvolvimento de coleções com a inserção do livro eletrônico [mensagem pessoal]. Mensagem recebido por <caromagal1@hotmail.com> em 24 de jun. 2013.

WILKINSON, Frances C.; LEWIS, Linda K. **The complete guide to acquisitions management**: library and information sciences text series. Connecticut: Libraries unlimited, 2003

APÊNDICES

Ministério da Educação - Sistema e-MEC**Relatório da Consulta Avançada****Resultado da Consulta Por : Instituição de Ensino Superior****Relatório Processado : 14/03/2013 - 23:36:35 Total de Registro(s) : 97**

Código	Instituição (IES)	E-mail	Natureza administrativa	Região
1	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD)	erondinasilva@ufgd@edu.br	FEDERAL	SU
2	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE (UFCSPA)	oliver@ufcspa.edu.br	FEDERAL	SU
3	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UNIR)	Bc-unir@unir.br	FEDERAL	NO
4	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC)	biblioteca@ufabc.edu.br	FEDERAL	SE
5	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA (UNIPAMPA)	Vanessa.dias@unipampa.edu.br	FEDERAL	SU
6	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS (UFT)	Bibliopalmas@uft.edu.br	FEDERAL	CO
7	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF)	biblioteca@univasf.edu.br	FEDERAL	NE
8	UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)		FEDERAL	NE
9	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	cristinamoreira@bce.unb.br; direção@bce.unb.br	FEDERAL	CO
10	UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO (UPE)	bcdaq@ufpe.br	ESTADUAL	NE
11	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	dtsibi@usp.br	ESTADUAL	SE
12	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)	aclima@uneb.br	ESTADUAL	NE
13	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT)		ESTADUAL	CO

Ministério da Educação - Sistema e-MEC**Relatório da Consulta Avançada****Resultado da Consulta Por : Instituição de Ensino Superior****Relatório Processado : 14/03/2013 - 23:36:35 Total de Registro(s) : 97**

Código	Instituição (IES)	E-mail	Natureza administrativa	Região
14	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS (UEMG)	Biblioteca.reitoria@uemg.br	ESTADUAL	SE
15	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ (UEAP)		ESTADUAL	NO
16	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA)	bibc@uea.edu.br	ESTADUAL	NO
17	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ (UEPA)		ESTADUAL	NO
18	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	mid@uerj.br	ESTADUAL	SE
19	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)	biblioteca@uem.br	ESTADUAL	NE
20	UNIVERSIDADE DO TOCANTINS (UNITINS)	Laysse.nb@unitins.br	ESTADUAL	CO
21	UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)	bc@uepb.edu.br	ESTADUAL	NE
22	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS - UNEAL (UNEAL)		ESTADUAL	NE
23	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)	vicentim@unicamp.br	ESTADUAL	SE
24	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS - UNCISAL (UNCISAL)	Monalisa.alves@uncisal.edu.br	ESTADUAL	NE
25	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS)	bcuefs@uefs.br	ESTADUAL	NE
26	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (UEG)	betania2004@hotmail.com	ESTADUAL	CO

Ministério da Educação - Sistema e-MEC**Relatório da Consulta Avançada**Resultado da Consulta Por : **Instituição de Ensino Superior**

Relatório Processado : 14/03/2013 - 23:36:35 Total de Registro(s) : 97

Código	Instituição (IES)	E-mail	Natureza administrativa	Região
27	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL)	bcuel@uel.br	ESTADUAL	SU
28	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)	Marinalva01@ibest.com.br	ESTADUAL	SU
29	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL (UEMS)	biblio@uems.br	ESTADUAL	SU
30	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (UNIMONTES)	Biblioteca.central@unimontes.br	ESTADUAL	SE
31	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG)	bisecre@uepg.br	ESTADUAL	SU
32	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA (UERR)	vagner_ps-rr@hotmail.com	ESTADUAL	NO
33	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ (UESC)	Silvana@uesc.br; bibliot.@uesc.br	ESTADUAL	NE
34	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)		ESTADUAL	NE
35	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE (UNICENTRO)		ESTADUAL	SU
36	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO (UEMA)	biblioteca@uema.br	ESTADUAL	NE
37	Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)	Biblioteca.clm@uenp.edu.br	ESTADUAL	UENP
38	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO (UNEF)	biblcbb@uenf.br	ESTADUAL	SE
39	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)	bibbeltrao@yahoo.com.br	ESTADUAL	SU
40	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ (UESPI)		ESTADUAL	NE

Ministério da Educação - Sistema e-MEC**Relatório da Consulta Avançada****Resultado da Consulta Por : Instituição de Ensino Superior****Relatório Processado : 14/03/2013 - 23:36:35 Total de Registro(s) : 97**

Código	Instituição (IES)	E-mail	Natureza administrativa	Região
41	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL (UERGS)	Simone-ssemensatto@uergs.edu.br	ESTADUAL	SU
42	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)		ESTADUAL	NE
43	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO VALE DO ACARAÚ (UVA)	Biblioteca.central@uvanet.br	ESTADUAL	NE
44	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (UNESP)	coordenacaocgb@reitoria.unesp.br	ESTADUAL	SE
45	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)	juclibcdir@ufba.br	FEDERAL	NE
46	UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS)	adriana@uffs.edu.br	FEDERAL	SE
47	UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA (UNILA)	biblioteca@pti.org.br	FEDERAL	SU
48	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)	diretoria@biblioteca.ufpb.br	FEDERAL	NE
49	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)	direção@sibi.ufal.br	FEDERAL	NE
50	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS (UNIFAL-MG)	Fatima.goiata@unifal-mg.edu.br	FEDERAL	SE
51	UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)		FEDERAL	NE
52	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)	direção@bc.ufg.br	FEDERAL	CO
53	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ - UNIFEI (UNIFEI)	Cristiane@unifei.edu.br	FEDERAL	SE
54	UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)	cdc@ufjf.edu.br	FEDERAL	SE

Ministério da Educação - Sistema e-MEC**Relatório da Consulta Avançada****Resultado da Consulta Por : Instituição de Ensino Superior****Relatório Processado : 14/03/2013 - 23:36:35 Total de Registro(s) : 97**

Código	Instituição (IES)	E-mail	Natureza administrativa	Região
55	UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)	biblioteca@reitoria.ufla.br	FEDERAL	SE
56	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)	biblitecacentral.preg@ufmt.br	FEDERAL	CO
57	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)	biblitecacentral.preg@ufms.br	FEDERAL	SU
58	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	dir@bu.ufmg.br	FEDERAL	SE
59	UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)	sisbin@sisbin.ufop.br	FEDERAL	SE
60	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)	daiane.schramm@gmail.com e raquel.barcellos@ufpel.eud.br	FEDERAL	SU
61	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	bcufpe@ufpe.br	FEDERAL	NE
62	UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA (UFRR)	biblioteca@bc.ufrb.br	FEDERAL	NO
63	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	diretor.bu@contato.ufsc.br	FEDERAL	SE
64	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)	direção@mail.ufsm.br	FEDERAL	SU
65	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)	ligia@ufscar.br	FEDERAL	SE
66	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI (UFSJ)	psantos@ufsj.edu.br	FEDERAL	SE
67	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP)	biblioteca@epm.br	FEDERAL	SE
68	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)	bicen@ufs.br	FEDERAL	NE

Ministério da Educação - Sistema e-MEC**Relatório da Consulta Avançada****Resultado da Consulta Por : Instituição de Ensino Superior****Relatório Processado : 14/03/2013 - 23:36:35 Total de Registro(s) : 97**

Código	Instituição (IES)	E-mail	Natureza administrativa	Região
69	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)	dirbi@ufs.br	FEDERAL	SE
70	UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)	bcentral@ufv.br	FEDERAL	SE
71	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE (UFAC)		FEDERAL	NO
72	UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ (UNIFAP)	biblioteca@unifap.br	FEDERAL	NO
73	UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)	centralbc@ufam.edu.br	FEDERAL	NO
74	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)	bu@ufc.br	FEDERAL	NE
75	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)	Arlete.franco@ufes.br	FEDERAL	SE
76	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)	marciavc@unirio.br	FEDERAL	SE
77	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA)		FEDERAL	NE
78	UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ (UFOPA)		FEDERAL	NO
79	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)	bc@ufpa.br	FEDERAL	NO
80	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	bc@ufpr.br	FEDERAL	SU
81	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)	bccb@ufpi.edu.br	FEDERAL	SE
82	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB)		FEDERAL	NE

Ministério da Educação - Sistema e-MEC**Relatório da Consulta Avançada****Resultado da Consulta Por : Instituição de Ensino Superior****Relatório Processado : 14/03/2013 - 23:36:35 Total de Registro(s) : 97**

Código	Instituição (IES)	E-mail	Natureza administrativa	Região
83	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	Sibi@sibi.ufrj.br; paulamello@sibi.ufrj.br	FEDERAL	SE
84	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)	cleristonramos@furg.br	FEDERAL	SU
85	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)	bcdir@bczm.ufrn.br	FEDERAL	NE
86	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	direção@ufrgs.br;bcentral@bc.ufrgs.br	FEDERAL	SU
87	UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI (UFVJM)	ieda@ufvjm.edu.br	FEDERAL	SE
88	UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM)		FEDERAL	SE
89	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)	sir@ndc.uff.br	FEDERAL	SE
90	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA (UFRA)	Suely.franca@ufra.edu.br	FEDERAL	NO
91	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)		FEDERAL	NE
92	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)	miriamel@ufrrj.br	FEDERAL	SE
93	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO (UFERSA)	keina@ufersa.edu.br	FEDERAL	NE
94	UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS)	Bibliotecacampus2@ucs.edu.br	MUNICIPAL	SE
95	UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (URCA)		ESTADUAL	NE

Ministério da Educação - Sistema e-MEC

Relatório da Consulta Avançada

Resultado da Consulta Por : **Instituição de Ensino Superior**

Relatório Processado : 14/03/2013 - 23:36:35 Total de Registro(s) : 97

Código	Instituição (IES)	E-mail	Natureza administrativa	Região
96	UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ (UTFPR)	sibi@utfpr.edu.br	FEDERAL	SU
97	UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DO MARANHÃO (UNIVIMA)	bibliotecacentral@ufmt.br	ESTADUAL	SE



APÊNDICE B – E-mail enviado para as bibliotecas das universidades privadas na fase do pré-teste

From: carolmagal1@hotmail.com
Subject: Questionário - pesquisa e-books
Date: Mon, 28 May 2012 16:53:19 -0300

Prezado(a) bibliotecario(a),

Gostaria de contar com sua colaboração para participar da pesquisa de mestrado intitulada "Políticas de seleção de livros eletrônicos nas Universidades do Brasil". O estudo tem o objetivo de avaliar as políticas de aquisição desenvolvidas pelas instituições na compra de coleções de ebooks, motivo pelo qual recorro as colegas Bibliotecárias responsáveis pelas Bibliotecas Centrais ou as Bibliotecárias responsáveis pelo processo de seleção de material bibliográfico e aquisição.

A pesquisa conta com o apoio do CNPq e está sendo desenvolvida no âmbito da linha de pesquisa "Infra-estrutura e políticas de acesso, controle e uso da informação, do documento e das tecnologias intelectuais" do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA), sob a orientação da Profa. Dra. Suely Cerávolo.

Informo que o questionário em anexo leva entre 15 a 20 min. para ser respondido. Solicito que o salve em seu computador e o anexe no email abaixo indicado após respondê-lo.

Certa de contar com a sua colaboração indispensável para o encaminhamento da pesquisa, agradeço

antecipadamente.

Cordialmente,

Carolina de S. S. Magalhães
Mestranda
PPGCI/UFBA
carolmagal1@hotmail.com
(71) 9141-3049 / (71) 3310-9978

APÊNDICE C – E-mail para a Profa. Dra. Simone Weitzes solicitando um conceito sobre o desenvolvimento de coleções em tempos de eBooks

22 de junho de 2013 17:40, Carolina Magalhães <carolmagal1@hotmail.com> escreveu:

Prezada profa. Simone Weitzel,

Desenvolvo uma pesquisa de mestrado que discute **o desenvolvimento de coleções de livros digitais nas universidades públicas brasileiras**. Com o aprofundamento da pesquisa e a revisão teórica percebi que os princípios aplicados para desenvolvimento de coleções podem ser aplicados para livros digitais. Com o objetivo de buscar algum diferencial para a pesquisa e um conceito que pudesse traduzir em algo, talvez, mais atual, recorro a profa. **solicitando: um conceito ou visão sobre o desenvolvimento de coleções em tempos de eBooks**, considerando que este formato de livro está, segundo alguns autores, com uma irreversível tendência de crescimento.

Se possível, gostaria de um retorno até o dia 02 de julho.

Agradeço antecipadamente,

Carolina de S. S. Magalhães

Mestranda PPGCI/UFBA

carolmagal1@hotmail.com

(71) 9141-3049

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7506312073120720>

APÊNDICE D – E-mail para o livreiro Daniel Krasucki para conhecer sua visão em relação ao mercado de eBooks

De: Carolina Magalhães <carolmagal1@hotmail.com>

Para: Daniel Krasucki <danielkrasucki@yahoo.com.br>

Enviadas: Quinta-feira, 13 de Junho de 2013 9:32

Assunto: RE: a noticia sobre os e-books

Prezado Daniel, bom dia!

Como Suely informou a pesquisa é sobre formação de coleções de ebooks pelas bibliotecas universitárias. O cenário atual sinaliza que a maior parte dos ebooks comprados pelas universidades são através de assinatura de bases de dados de editoras comerciais, que produzem ebooks da área técnica-científica e em inglês, a exemplo da Springer, Elsevier, Wiley. Isso me parece uma oferta bastante restrita para as bibliotecas.

Por outro lado, as informações que tenho coletado, sinalizam que existe um mercado em ebulição para produção de ebooks pelas editoras, como se visualizassem novos produtos a partir dessa vertente - livro eletrônico.

A sua opinião como livreiro ou relato de alguma experiência seria muito importante para a pesquisa.

Agradeço antecipadamente a atenção.

Carolina de S. S. Magalhães

Mestranda PPGCI/UFBA

carolmagal1@hotmail.com

(71) 9141-3049

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7506312073120720>

Quadro x - Matriz de coleta de dados a partir do mapeamento nosites das universidades

Região	Universidade Pública	Busca integrada	Formas de acesso		Nomenclatura	Identificação da editora/provedor de conteúdo		Possui tutorial com orientações de acesso	Políticas de desenvolvimento de coleções disponíveis no site
			Link editora	Link Provedor		Editoras	Provedor de conteúdo / Base de dados		
Nordeste									
Norte									
Sudeste									

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Esta pesquisa tem o objetivo de identificar as políticas de seleção e aquisição de coleções de livros digitais adotadas pelas bibliotecas das Universidades públicas brasileiras. Conta com o apoio do CNPq e está sendo desenvolvida no âmbito da linha de pesquisa "Políticas e Tecnologias da Informação" do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA), sob a orientação da Profa. Dra. Suely Cerávolo.

O questionário que se segue visa obter informações sobre a questão estudada nesta pesquisa. Composto por 29 perguntas, tomará entre 7 a 10 min. para ser respondido.

A sua colaboração será de fundamental importância na conclusão desta pesquisa.

Desde já agradeço a atenção dispensada.

Carolina Magalhães
Mestranda PPGCI/UFBA
cssmagalhaes@hotmail.com

*1. Identifique a sua instituição

- Universidade pública federal
- Universidade pública estadual
- Universidade pública Municipal

Especifique o nome da Universidade

2. Indique a sua função na biblioteca

- Coordenação geral
- Bibliotecária(o) de aquisição/seleção

Outro (especifique)

3. A biblioteca possui uma política de desenvolvimento de coleções?

- Sim
- Não
- Está em processo de elaboração
- Sim, porém não está formalizada pela instituição.

4. Se você respondeu que sim na questão 3, quando foi elaborada a política de desenvolvimento de coleções?

- Década de 80
- 1990 a 1995
- 1996 a 2000
- 2001 a 2005
- 2006 a 2012

5. Se você respondeu que sim na questão 3, quem trabalhou na elaboração da política?

- Bibliotecários
- Grupo de docentes, bibliotecários e coordenadores de curso

Outro (especifique)

6. Se você respondeu que sim na questão 3, qual a abrangência da política de desenvolvimento de coleções?

- Abrange todos os suportes de informação, inclusive os digitais.
- Abrange apenas livros, monografias, teses e dissertações.
- Existe uma política específica para materiais digitais.
- Existe uma política específica para livros digitais.

7. A biblioteca disponibiliza coleções de livros digitais?

- Sim, a aquisição já está concluída.
- Está em processo de compra
- Não. Obrigada por sua colaboração!

8. Se você respondeu "Sim, a aquisição já está concluída" ou "Está em processo de compra" na questão 7, assinale quais dos critérios relacionados abaixo foram determinantes para a biblioteca adquirir livros digitais. Assinale todas as opções pertinentes.

- A direção geral da Universidade determinou que a Biblioteca deveria ter livros digitais.
- A necessidade de inovação dos serviços oferecidos aos usuários considerando os avanços tecnológicos
- Atendimento a um critério legal do MEC para avaliação do ensino superior
- O fornecedor/editor apresentou o produto e, na sua avaliação, poderia atender aos interesses dos usuários.
- Solicitação dos discentes
- Sugestão dos docentes

Outro (especifique)

9. Quais as áreas contempladas para aquisição de livros digitais? Assinale todas as opções pertinentes.

- Ciências exatas
- Ciências biológicas
- Engenharias
- Ciências da saúde
- Ciências agrárias
- Ciências sociais aplicadas
- Ciências humanas
- Linguística, letras e artes
- Multidisciplinar

Por favor descreva os critérios ou motivos específicos para atender essas áreas:

10. Para formação da coleção de livros digitais foi realizado algum estudo de usuário, pesquisa, ou outro tipo de mapeamento de necessidades para identificar se existe demanda real dos estudantes e docentes?

- Sim
- Não

Outro. Especifique

11. Você encontrou dificuldade para identificar livros digitais nas áreas de conhecimento pertinentes a biblioteca em que atua?

- Sim
- Não

12. Para prospecção de livros digitais quais editoras foram verificadas?

- Editora Person
- Editora Ateneu
- Editora e-papers
- Editora Wiley
- Editora Zahar
- Editora Smithers Rapra
- Editora Springer
- Editora Elsevier

Outras (especifique)

AS PRÓXIMAS PERGUNTAS SÃO DIRIGIDAS APENAS AOS QUE RESPONDERAM À PERGUNTA 7 COM A OPÇÃO "SIM, A AQUISIÇÃO JÁ ESTÁ CONCLUÍDA". SE VOCÊ NÃO ASSINALOU ESSA OPÇÃO CONTINUE A PARTIR DA QUESTÃO 33.

13. Como foi realizado o processo de aquisição de publicações digitais?

- Centralizado. A aquisição é feita pela biblioteca central
- Descentralizado. A aquisição é feita pelas bibliotecas setoriais
- Podem ocorrer as duas modalidades de aquisição.

14. Foi possível realizar a seleção dos títulos para compor a coleção de livros digitais?

- Sim. Algumas editoras permitem a escolha de títulos.
- Não. Adquiriu-se o "pacote" pronto ofertado pelo fornecedor com o serviço de acesso via portal da Biblioteca.
- Parcialmente. Alguns títulos foram selecionados e alguns "pacotes" foram comprados.

15. A aquisição da coleção de livros digitais foi efetivada com qual fornecedor?

- DotLib
- Person
- Ebsco

Outros (especifique):

16. Quando foi adquirida a coleção de livros digitais?

- Década de 1980
- 1990 a 1995
- 1996 a 2000
- 2001 a 2005
- 2006 a 2012
- 2013

17. Foram adquiridos livros digitais em qual idioma?

- Somente em inglês
- Somente em português
- Somente em espanhol
- Em inglês e português
- Em inglês, português e espanhol

Outro (especifique)

18. Qual a modalidade de aquisição da coleção de livros digitais?

- Assinatura de uma base de dados de livros digitais.
- Aquisição dos livros digitais, a biblioteca mantém a custódia (acesso perpétuo) dos livros e não apenas a assinatura.
- Existem as duas modalidades de aquisição: custódia e assinatura.

Outra (especifique)

19. Assinale as características das coleções de livros digitais comprados por ASSINATURA.

- Acesso através do portal da biblioteca com um link para a editora e/ou fornecedor
- Acesso através do sistema pergamum
- Livro digital em formato Pdf
- Livro digital em formato e-Pub
- Livro digital em formato html
- Impressão ilimitada
- Possui limite de impressão
- Permite download do livro completo
- Acesso ao conteúdo do livro por capítulo
- Acesso ao conteúdo do livro completo em um único clique

Outras características que considere importante (especifique)

20. Assinale as características das coleções de livros digitais comprados com ACESSO PERPÉTUO (a instituição mantém a custódia dessas coleções)

- Acesso através do portal da biblioteca com um link para a editora
- Acesso através do sistema pergamum
- Livro digital em formato Pdf
- Livro digital em formato e-Pub
- Impressão ilimitada
- Possui limite de impressão
- Permite download do livro completo
- Acesso ao conteúdo do livro por capítulo
- Acesso ao conteúdo do livro em um único clique.

Outras características que considere importante (especifique)

21. Quantos títulos foram comprados ou assinados?

22. Existem títulos da coleção de livros digitais que são iguais aos da coleção de livros físicos?

- Não.
- Sim.

Se você respondeu sim. Especifique quantos títulos digitais são iguais aos físicos:

23. Em termos percentuais o que representou o investimento na coleção de livros digitais em relação ao orçamento para compra de acervo?

- Menos de 5%
- Entre 6 e 10 %
- 10%
- 15%
- 20%
- 30%
- Não tenho essa informação

Outro (especifique)

24. A biblioteca tem instrumentos para medir o uso da coleção de livros digitais?

- Sim.
- Não.
- O fornecedor envia as estatísticas de uso.

25. Se você respondeu "Sim" ou que "o fornecedor envia as estatísticas de uso", qual a periodicidade de aplicação do instrumento ou envio da estatística?

- Mensal
- Bimestral
- Trimestral
- Semestral
- Anual

Outro (especifique)

26. Quais são os dados coletados nas estatísticas?

- Títulos mais acessados
- Títulos nunca acessados
- Número de download por título

Outros dados (especifique)

27. O sistema informatizado está preparado para incorporar os livros digitais?

- Sim.
- Não

Especifique o sistema utilizado

28. Na sua opinião a coleção de livros digitais adquiridos atende a política de desenvolvimento de coleções da Biblioteca?

- Sim.
- Não.
- Atende parcialmente.
- A biblioteca não tem política de desenvolvimento de coleções

29. Se a sua biblioteca tiver leitores de ebook, sinalize quais os modelos/fabricantes

- Sony e-reader
- Ebook cult
- Ipad da apple
- Kindle da Amazon
- Palm reader
- Zinio reader
- Alfa
- Cool-er da Gato sabido
- Kobo
- Não possuo dispositivos móveis

Outro (especifique)

30. Se você respondeu que possui leitor de ebook, a biblioteca realiza empréstimo desses aparelhos?

- Sim
- Não
- Sim, apenas para consulta nas instalações da biblioteca.

31. Para divulgação das coleção de livros digitais quais foram os recursos de comunicação utilizados?

- E-mail
- Página da biblioteca no portal institucional
- Murais
- Blogs
- Twitter
- Facebook
- Não foi feita nenhuma divulgação.

Outros (especifique)

32. A biblioteca disponibiliza infraestrutura para acesso aos livros digitais?

- Sim, a biblioteca tem rede sem fio (wi-fi) para que o aluno utilize seu próprio equipamento.
- Sim, existem computadores na Biblioteca disponíveis para os alunos.
- Sim, a biblioteca realiza empréstimo de notebooks e leitores de livros digitais (e-readers) para os alunos.
- A biblioteca não disponibiliza nenhuma infraestrutura.

33. A inserção do livro digital modifica algumas práticas tradicionais da área de biblioteconomia, como o desenvolvimento de coleções e o processamento técnico. Como você avalia essa afirmação:

- Discordo
- Discordo parcialmente
- Concordo
- Concordo parcialmente

Comente sua resposta

34. AGRADECEMOS SUA PARTICIPAÇÃO! VOCÊ TEM INTERESSE EM RECEBER O RESULTADO DESSA PESQUISA?

- Sim
- Não